

TRAVESSIA E TRANSFORMAÇÃO

OLHARES SOBRE A PANDEMIA DE COVID-19 NO IFRN



CLEYTON NASCIMENTO
GABRIELA DALILA BEZERRA RAULINO
MARIA CLARA BEZERRA DE ARAÚJO
RODRIGO LUIZ SILVA PESSOA
(ORGANIZADORES)

A Editora do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte (IFRN) já publicou livros em todas as áreas do conhecimento, ultrapassando a marca de 150 títulos. Atualmente, a edição de suas obras está direcionada a cinco linhas editoriais, quais sejam: acadêmica, técnico-científica, de apoio didático-pedagógico, artístico-literária ou cultural potiguar.

Ao articular-se à função social do IFRN, a Editora destaca seu compromisso com a formação humana integral, o exercício da cidadania, a produção e a socialização do conhecimento. Nesse sentido, a Editora IFRN visa promover a publicação da produção de servidores e estudantes desse Instituto, bem como da comunidade externa, nas várias áreas do saber, abrangendo edição, difusão e distribuição dos seus produtos editoriais, buscando, sempre, consolidar a sua política editorial, que prioriza a qualidade.

Este livro é fruto das vivências de estudantes e servidores do IFRN durante a pandemia de Covid-19. De março de 2020 a outubro de 2021, o Instituto passou por uma grande ruptura: a pausa nas suas atividades presenciais. Os principais desafios foram discutir novas diretrizes para a realidade imposta, conviver com a distância, oportunizar o acesso digital a estudantes em vulnerabilidade social, explorar o máximo possível as tecnologias de educação, reconstruir as formas de se relacionar e construir conhecimento. Este livro nasceu com o objetivo de elaborar os afetos e aprendizados gerados a partir das histórias vividas. Resultado da parceria entre a Editora IFRN e a Assessoria de Comunicação Social e Eventos da Reitoria, temos aqui narrativas, entre reportagens e crônicas. Convidamos você, leitora e leitor, a vivenciar conosco a travessia narrada em cada um dos textos.

Boa leitura!

Cleyton Nascimento
Gabriela Dalila Bezerra Raulino
Maria Clara Bezerra de Araújo
Rodrigo Luiz Silva Pessoa
(ORGANIZADORES)



TRAVESSIA
E
TRANSFORMAÇÃO

OLHARES SOBRE A PANDEMIA DE COVID-19 NO IFRN

Natal, 2022



Presidente da República
Jair Messias Bolsonaro

Ministro da Educação
Victor Godoy Veiga

Secretário de Educação Profissional e Tecnológica
Tomás Dias Sant'ana



INSTITUTO FEDERAL
Rio Grande do Norte

Reitor
José Arnóbio de Araújo Filho

Pró-Reitor de Pesquisa e Inovação
Avelino Aldo de Lima Neto

Coordenadora da Editora IFRN
Gabriela Dalila Bezerra Raulino

Conselho Editorial

Adriano Martinez Basso
Alana Driziê Gonzatti dos Santos
Alexandre da Costa Pereira
Amilde Martins da Fonseca
Ana Judite de Oliveira Medeiros
Ana Lúcia Sarmento Henrique
Anna Cecília Chaves Gomes
Avelino Aldo de Lima Neto
Cinthia Beatrice da Silva Telles
Cláudia Battestin
Diogo Pereira Bezerra
Emanuel Neto Alves de Oliveira
Felipe Lacerda Souza de Alencar
Francinaide de Lima Silva Nascimento
Gabriela Dalila Bezerra Raulino
Genildo Fonseca Pereira

José Everaldo Pereira
Julie Thomas
Leonardo Alcântara Alves
Luciana Maria de Araújo Rabelo
Marcus Vinícius de Faria Oliveira
Marcus Vinícius Duarte Sampaio
Maria Jalila Vieira de Figueirêdo Leite
Maria Kassimati Milanez
Maurício Sandro de Lima Mota
Miler Franco D'Anjour
Paulo Augusto de Lima Filho
Raúl Humberto Velis Chávez
Renato Samuel Barbosa de Araújo
Rodrigo Luiz Silva Pessoa
Samuel de Carvalho Lima
Sílvia Regina Pereira de Mendonça

Projeto Gráfico, Diagramação e Capa

Jorge Henrique de Medeiros Santos

Revisão Linguística

Cleyton Nascimento
Maria Clara Bezerra de Araújo
Maria Regina Soares Azevedo de Andrade
Rodrigo Luiz Silva Pessoa

Foto capa: Maria Clara Bezerra de Araújo
(turma do terceiro ano do Curso Técnico Integrado em Informática, aula de História do professor Gabriel Oliveira, *Campus Pau dos Ferros*, 2022.)

Prefixo editorial: Editora IFRN
Linha Editorial: Artístico-literária
Disponível para *download* em:
<http://memoria.ifrn.edu.br>



Contato

Endereço: Rua Dr. Nilo Bezerra Ramalho, 1692, Tirol.
CEP: 59015-300, Natal-RN.
Fone: (84) 4005-0763 | E-mail: editora@ifrn.edu.br

*Não é o mais forte que sobrevive,
nem o mais inteligente,
mas o que melhor se adapta às mudanças.*

Leon C. Megginson

T781 Travessia e transformação : olhares sobre a pandemia de Covid-19 no IFRN [livro eletrônico] / Cleyton Nascimento... [et al.] (organizadores). – Natal : IFRN, 2022. 222 p. ; PDF.

ISBN: 978-65-86293-93-7

1. Educação - Pandemia. 2. Crônicas. 3. Reportagens. I. Nascimento, Cleyton. II. Título.

IFRN/SIBi

CDU 37:616-036.21

APRESENTAÇÃO



Nos idos de 2020, a pandemia do coronavírus (Covid-19) pegou todo o planeta de surpresa. Estávamos diante de uma doença sobre a qual pouco se sabia, no distante outro lado do mundo. Parecíamos seguros, pois se pensava ser apenas uma onda passageira. Porém, à medida em que o mundo reagia às graves consequências que a doença mostrou ter, fomos percebendo que a realidade, ora distante, em breve seria a nossa. Inevitavelmente, no dia 06/05/2020, o Conselho Superior do IFRN aprovou uma resolução (nº 16/2020) que determinava a continuação das atividades acadêmicas da instituição de maneira remota, em caráter emergencial, refletindo o que já estava acontecendo em vários outros setores da sociedade, em razão de orientações como as da Organização Mundial da Saúde (OMS).

Em mais uma etapa de aprendizado, o vírus nos provou o contrário quando pensávamos que o afastamento – definido a partir do dia 17 de março – seria por apenas 15 dias, ou por um período de tempo que não nos obrigasse a adaptar nossa rotina de forma tão brusca e radical. Assim, os 15 dias foram se transformando em 30, em 60, em 90, e assim por diante. O que antes era uma solução paliativa temporária para uma situação de curto prazo se tornou algo para médio prazo. Depois, para longo prazo. O paliativo se tornou definitivo e o estado de exceção se tornou estado de regra. O ensino remoto emergencial se tornou comum na vida de docentes e discentes e o

trabalho remoto na vida de servidoras e servidores técnico-administrativos. Os espaços institucionais ficaram esvaziados.

Porém, o que dá vida à instituição são as pessoas, que, mesmo em razão das condições adversas as quais passaram durante os cerca de dois anos em que o IFRN teve suas atividades presenciais reduzidas, nunca deixaram de viver o Instituto, suas rotinas de trabalho e de estudo. Na medida em que condições sanitárias permitiram, as atividades continuaram, especialmente à distância. Mesmo que as câmeras dos computadores ou celulares tenham brevemente mediado os rostos das pessoas, o componente afetivo do Instituto Federal nunca deixou de existir, já que é um aspecto fundamental dessa Casa de Educação.

Para simbolizar as lutas e resistências nesse período, este livro traz crônicas e reportagens feitas pela comunidade do IFRN, originárias tanto das mentes de estudantes quanto de servidores, como um meio de registrar o desenvolvimento das atividades institucionais durante o período mais agudo da pandemia de Covid-19, que compreendeu entre 2020 e 2021. As histórias aqui escritas são prova de que, mesmo em um cenário tão adverso e hostil do ponto de vista de saúde pública, aqui temos uma comunidade que está disposta a continuar lutando e resistindo pela missão institucional: prover formação humana, científica e profissional a seu corpo discente, visando o desenvolvimento social do Rio Grande do Norte.

Natal, junho de 2022.

Os organizadores.

SUMÁRIO

I – Crônicas



A ROTINA DO DISTANCIAMENTO.....	12
COM QUANTOS TIJOLOS SE FAZ UM IF?.....	14
E TUDO MUDOU EM UMA SIMPLES QUARTA-FEIRA.....	17
ENTRE O TEMPO E A SAUDADE: MIRO.....	22
METAMORFOSE FIXA E IMPREMEDITADA.....	25
MEU DESCANSO DE PRATO AZUL.....	28
O DIPLOMA.....	37
O HOMEM DE UMA ESPIRAL NO ROSTO.....	41
O TEMPERO DA VIDA: AS COISAS BOBAS.....	45
PEGUE TELA.....	48
QUE FOSSE SÓ UMA CRÔNICA.....	51
REFLEXÃO E RECLUSÃO.....	54
SINAIS.....	57
UM TANTO QUANTO PESSOAL.....	66
UMA DATA.....	69

II - Reportagens



BATALHAS NA PANDEMIA: A LUTA DA ASSISTÊNCIA ESTUDANTIL EM TEMPOS DE DISTANCIAMENTO SOCIAL.....	74
“CONEXÕES”: PROJETO UNE CAMPI, DOCENTES E ESTUDANTES PELA ARTE	92
PROJETO ECO-SUSTENTÁVEL: MEIO AMBIENTE E ECONOMIA A PARTIR DO LITORAL POTIGUAR	101
PELA TELA, PELA JANELA: ENSINO REMOTO EMERGENCIAL NO IFRN, POSSIBILIDADE E ADAPTAÇÃO DA DOCÊNCIA.....	108
DO TRONCO AO OLHO D’ÁGUA.....	116
CONSTRUIR SONHOS POSITIVOS PARA O FUTURO.....	121
PESSOAS ESPECIAIS E A PANDEMIA NO IFRN	143
GT DE PSICOLOGIA IFRN E OS DESAFIOS DA SAÚDE MENTAL DURANTE A PANDEMIA.....	152
IFRN RETOMA AÇÕES DE QUALIDADE DE VIDA EM 2021.....	168
ACÚSTICA, MICROFONE E... ESTAMOS NO AR, EM QUEDA LIVRE?.....	175
LABORATÓRIO EM TELA.....	193
PASSOS DE UMA JORNADA DOUTORAL E INTERNACIONAL.....	199
NO MEIO DO CAMINHO TINHA UMA PANDEMIA.....	207

I
—♦♦—
CRÔNICAS

A ROTINA DO DISTANCIAMENTO

João Carlos Almeida da Silva,

estudante do *Campus* São Paulo do Potengi



Certa vez, durante a primeira aula do dia, você me forneceu um ensinamento que dizia: “a distância é relativa”. No momento eu não compreendi, mas hoje posso dizer que a explicação desse conceito faz mais sentido. A distância é medida em função de uma determinada variável, que claramente não está a nosso favor.

Naquele tempo, o drama era o meu maior companheiro... Qualquer dificuldade parecia ser o fim do mundo, fosse um teste de matemática ou nossos horários que não se encaixavam. Todo dia, ao descer do ônibus, uma sensação tomava conta do meu ser. Havia momentos em que eu me perguntava como a havia conquistado; e outros que só estava saturado demais para opinar. Porém, eu sentiria tudo novamente. Queria ter a capacidade de reescrever os últimos acontecimentos que marcaram o nosso distanciamento, mas não posso.

Às vezes, me apego àquelas memórias, no entanto elas aparentam terem sido vividas em uma outra realidade, onde eu ainda podia ir ao seu encontro. Mesmo assim, tentamos continuar a nossa relação de forma remota; cada chamada no Google Meet me provava que não era a mesma coisa. De certa forma, foi uma experiência satisfatória, que

me proporcionou aprendizados, segurança emocional, felicidade, risadas, euforia, saudade, lágrimas... E por mais que essas vivências tenham o seu valor, meu desejo era a normalidade.

Apesar das consequências de tal distanciamento, você me faz sentir a esperança de que algum dia poderemos nos reencontrar. Por enquanto, a minha atual vivência de isolamento social é necessária, mas ainda posso lembrar de ti, minha instituição amada, meu IFRN. Graças a você, tenho professores determinados a me ajudar em qualquer momento e qualquer dificuldade, além de colegas – não, mais que colegas, amigos – que eu nunca tinha pensado em conhecer, ajudando-se mutuamente.

Sou grato a cada dia por acordar com saúde e ter a oportunidade de adquirir conhecimentos e viver momentos tão especiais, porém, acima de tudo, sou imensamente sortudo por você se preocupar com o meu ensino nesses tempos difíceis. Se um dia eu recebesse o poder de fazer três desejos mágicos a um gênio da lâmpada, eu pediria o fim desta trágica pandemia, o fim das desigualdades sociais e a oportunidade de mais jovens terem o ensino de qualidade que você me oferece. Enquanto isso não for possível, vou acordar, ligar o notebook, colocar no Google Classroom e assistir à minha aula no Google Meet que está prestes a começar.



COM QUANTOS TIJOLOS SE FAZ UM IF?

Maria Aparecida da Silva Fernandes,

servidora do *Campus* Parnamirim



Céu azul, nuvens esparsas, um turbilhão de ideias para desenvolver com as turmas. Não há como trazer o tempo do breu, com pessoas sentadas, rodeando a luz da fogueira, sob a lua cheia, mas é possível estabelecer a conexão do que resta de mais importante desse tempo, que são as histórias fincadas na memória, marcas da nossa ancestralidade. Sim, meus alunos e minhas alunas poderão se conectar às suas avós e seus avôs por meio da escuta de suas histórias, ouvidas na infância. Percurso metodológico pronto para se iniciar o contato com o mundo maravilhoso dos contos populares e, a partir daí, dos contos modernos e contemporâneos. Mas... Pausa. Não chegou esse dia. Tudo parou. O breu se fez. De incertezas. Dúvidas. Medo!

O que é o IFRN sem abraço, sem alunos e alunas trocando olhares, às vezes debochados, às vezes críticos, na maioria das vezes alegres, cheios de sonhos? O que é o IFRN sem a carreira no corredor e o vocativo ecoando: “Prooofff!!!”?

No entanto, tudo isso some de vista quando paira sobre todos nós um vírus letal. É viver ou viver. Tudo piora quando pensamos nos nossos alunos sem biblioteca, sem

livros, sem renda, sem tecnologia. E como a sabedoria popular não falha, nada está tão ruim que não possa piorar! A morte fala mais alto que a vida. O autoritarismo fala mais alto que a democracia. O juízo de valor mais tacanho fala mais alto do que a verdade. A infâmia se locupleta! São mortes e mais mortes em um país jogado à própria sorte. Em todas as dimensões. Para apimentar o show de horrores, uma intervenção é feita na nossa instituição. “Queremos nosso Reitor eleito!”, “Fora Interventor!”. Pandemia e pandemônios... Uno, duo... Sufoco, angústia, mas resistência! A maldade e a má intenção podem até se demorar, mas não ocupam lugar algum quando há gente que não se omite, não lava as mãos, não se rende ao canto de sereia de um poder efêmero e, pior, ilegítimo. Ecoa no pensamento Castro Alves:

*Existe um povo que a bandeira empresta
P'ra cobrir tanta infâmia e cobardia!...
E deixa-a transformar-se nessa festa
Em manto impuro de bacante fria!...
Meu Deus! meu Deus! mas que bandeira é esta,
Que impudente na gávea tripudia?*

Turbilhão! Ecoa Vinícius de Moraes: “Pátria minha, tão pobrinha... a minha pátria é desolação de caminhos, a minha pátria é terra sedenta”...

“Terra sedenta”... Assim ficamos todos nós. Sem aconchego, sem toque; sem caminhos, sem direitos. Sem voz

ecoada nas ruas. Milhares de pessoas sem seus entes queridos. Mas nenhum medo é maior do que os que sonham. Outra voz ecoa no caminho: “Os que vivem são os que lutam”. E lutamos. Em todas as frentes de batalha. Porque o Brasil não é todo indiferença e estupidez. Mais que isso, o Brasil traz no nome a cor viva da brasa em chamas. Vermelho como brasa! O símbolo da exploração de nossos povos originários transformou-se em símbolo de resistência. O IFRN não são suas paredes. O IFRN é espírito, estado de alma, compromisso com a educação e a emancipação. Quem imaginou o contrário, agora já sabe com quantos tijolos se faz um IF. Já está vendo que “a história é um carro alegre que atropela indiferente todo aquele que a negue”. Lutamos. Vencemos uma batalha. Estamos na luta, estamos na guerra, parafraseando o querido compositor potiguar Pedrinho Mendes. A jornada é difícil, dura e longa. Não somos nem seremos uma pátria de vencidos, especialmente quando reina a estupidez que produz a morte. E aos nossos mortos, nenhum minuto de silêncio. Aos excluídos, nenhuma indiferença ou apatia. Aos nossos alunos, ao povo brasileiro, nenhum direito a menos.

E de novo Vinicius ecoa, desta vez, puxando Belchior pela mão. “Amar e mudar as coisas me interessa mais”... E este é o vir a ser: “Libertas que serás também”.

Venceremos!



E TUDO MUDOU EM UMA SIMPLES QUARTA-FEIRA

Maria Luiza Silva de Oliveira Barbosa,
estudante do *Campus* Ceará-mirim



Era quarta-feira, 18 de março do ano de 2020, o ano estava a começar, cheio de planos e de sonhos. Podíamos até dizer que seria o “ano de nossas vidas”. Após o carnaval e todas as celebrações, aglomeração após aglomeração. A palavra “máscara”, até o momento, lembrava fantasia, servia como acessório das festividades... Aos poucos, luvas e álcool em gel foram fazendo parte do cotidiano brasileiro.

Enquanto aqui em nosso país estava tudo bem, o outro lado do mundo estava desabando. Na China, o primeiro caso surge, o vírus que se tornaria o conceito do “novo normal”, ou melhor, que levaria a novos hábitos em nosso viver diário, estava levando a óbito milhares de vidas. A mídia nos transmitia tudo, e, em nossa concepção, o vírus jamais chegaria até nós.

Até que o primeiro caso chegou. Com isso, o temor e o desespero em conjunto tomaram conta de cada um.

“O Ministério da Saúde confirmou, nesta quarta-feira (26/2), o primeiro caso de novo coronavírus em São Paulo. O homem de 61 anos deu entrada no Hospital Israelita Albert

Einstein, nesta terça-feira (25/2), com histórico de viagem para Itália, região da Lombardia. O Ministério da Saúde, em conjunto com as secretarias estadual e municipal de São Paulo, investigava o caso desde então. A SES/SP e SMS/SP estão realizando a identificação dos contatos no domicílio, hospital e voo, com apoio da Anvisa junto à companhia aérea”, relata a UNA-SUS. O risco de contágio era imediato e, devido à propagação do vírus ser tão intensa, ele logo se alastrou e tomou conta não só do Brasil, mas do mundo inteiro.

De imediato, a solução foi realizar o fechamento dos mais diversos estabelecimentos, principalmente os da educação e do comércio. A situação ficou complexa e muitos estavam passando necessidades. Ficar em casa estava agravando a situação de cada cidadão brasileiro.

Decretos e mais decretos foram publicados para diminuir ao máximo a circulação das pessoas pelas ruas. Perguntas sobre como ficariam o trabalho e o ensino. As manifestações tanto virtuais quanto presenciais não foram o suficiente. A decisão de uma autoridade maior era a que prevalecia. Tantos necessitavam trabalhar, incluindo os professores.

Professores e alunos necessitaram adaptar-se. Na falta do contato físico e da presença na escola, a tela virtual e a casa de cada um substituíram o que, antes, era ambiente de estudos. Veio o tal do “novo normal”.

Nesse “novo normal”, a falta de recursos impossibilitou muitos alunos de assistirem as aulas. Mas o IFRN

promoveu uma ação muito solidária, chamada de “auxílio digital”, o qual disponibilizou um recurso financeiro para a compra de um equipamento para aqueles estudantes que não tinham e para pagamento de conexão de internet, beneficiando os mais diversos alunos da instituição.

O ano de 2020 era o momento de alunos do ensino fundamental II saírem de suas escolas e também entrarem no IFRN. O processo seletivo como prova não obteve repercussão, pois o distanciamento era uma norma a ser seguida. Tudo precisou ser virtual: informações, processo de inscrição... Candidatos adentrando pelo temido histórico escolar.

A ansiedade pela aprovação já tomava conta do íntimo de cada aluno ali, era um momento de vibrar pela conquista e pedir que Deus continuasse nos dando forças para lidar com toda a situação caótica que estávamos enfrentando.

Alunos aprovados, era o momento da matrícula, tensão, desespero, falha no sistema e o coração ficava como? Vibrando.

31 de maio de 2021, início das aulas, a vontade era estarem todos juntos e unidos, conhecendo-se, abraçando-se e celebrando aquela vitória e a nova fase de nossas vidas, o início da fase “adulta”, diversas responsabilidades e afazeres em dobro. Iniciamos, de forma online, e o conhecimento era pelo meio virtual e pelos grupos nas plataformas de redes sociais (WhatsApp e Instagram). Já nas aulas, por meio do momento síncrono, a vergonha

imperava. O medo de ligar a câmera era gigantesco, bem como de apertar em um botão sem querer e causar toda uma confusão na aula.

Cada aluno observava, a cada minuto, se aquele símbolo tão pequeno ligaria sozinho ou permitiria, indevidamente, vaziar alguma conversa entre ele e sua família. Com a sua casa sendo seu maior ambiente de estudos, você realizava seu horário e até mesmo não tomava um banho, nem um café bem reforçado, apenas pulava da cama e ia para a aula, ligava o seu celular e já estava ali presente. Às vezes, sem entender nada, a solução era uma videoaula. Se disséssemos que não havia desespero diante das provas online, mesmo em casa, com a plataforma toda disponível para você, nós, estudantes estaríamos mentindo. Uma prova para cada aluno, sem ajuda compartilhada (a famosa “cola”), os exercícios que necessitavam de uma hora só para a interpretação e, depois, mais umas três para a realização, chorar e passar raiva era o mínimo. Pensar em desistir era constante, mas batalhamos tanto para chegar até ali que isso nos motivava a lidar com mais um dia, enfrentar e seguir adiante em busca de nossos sonhos.

A conexão da internet ainda era um detalhezinho: a aula percorria e, por um instante, nosso professor já não estava mais presente ali. Chiados e alunos perdidos na sala. A falta que os encontros presenciais causavam era nítida. Antes tinha a descontração, a risada, a agonia de o professor

estar ou não. Desde então, tudo passou a ser distante, cada um no seu lugar, em sua cidade, em seus estados.

Aulas online não foram ruínas. Foram necessárias para garantir a saúde de nossos familiares e amigos. O momento trouxe consigo a reflexão e a gratidão a Deus pela vida, pela saúde, que era uma dádiva, e pelos momentos em conjunto com amigos, mesmo de forma virtual. Descobrimos a importância real de valorizar os pequenos momentos e viver cada instante como se fosse o último, dar boas risadas, chorar e até mesmo liberar raiva, agonia e desespero com todas as atividades chegando.

Se me perguntam se há alguma lição diante da pandemia, direi que sim. Direi que aprendi que a vida se impõe, de qualquer maneira: conheci novos amigos, novos professores, ingressei no IFRN, estive muito mais com minha família, estudei bastante e, o mais importante: aprendi sobre a gratidão a Deus pelos momentos mais simples terem sido os mais preciosos em minha vida.

E outras tantas quartas-feiras chegaram e foram mostrando que o “novo normal” abrangeu muito além da quarentena, sinalizando, a cada dia, a nossa capacidade de reinvenção. Novo ou velho, o normal parece indicar que precisamos aproveitar o tempo, sentir os abraços, apreciar os sorrisos e colecionar as memórias.



ENTRE O TEMPO E A SAUDADE: MIRO

Alexsandro Melquíades da Silva,
estudante do *Campus Apodi*



Boa tarde, porteiro!
- Professor, aquilo é um “o”?
- Menina, a prova é hoje?

De supetão, sem sair de casa por conta da pandemia, em minha escrivaninha e com o som do tictac, me deparei com essas palavras, entrei em uma crise existencial e escrevi: o que aconteceu comigo ano passado? Todo dia ia, todo dia voltava. Difícil entender, não é? Aí lembrei de um colega que estudava comigo: na época, novato, mas já notei que era daqueles alunos que reclamava de tudo, sabe? Costumava acordar meia hora antes de o ônibus sair, resmungava no caminho e ainda quando chegava na escola.

Lá estava ele, sentado, no lado direito da sala, na terceira carteira da penúltima fila, e falou:

- Presente, professor! Me chamo Antônio de Miranda, mas gostaria de ser conhecido por Miro.

Um dia depois a gente tinha uma prova importante de português, disciplina que, inclusive, ele amava e se dedicava para realizar com fineza e tirar uma boa nota. Lembro-me que passou toda a noite estudando, aliás, ao contrário do que

muitos achavam, ele martelava muito em sua cabeça para conseguir ser o famoso “alguém na vida”. Era o seu jeito: direto, firme e “opinioso”.

Organizado até com o ano de 2070, tinha um caderno inteiro que dizia quando entraria na faculdade, o emprego que iria ter e até quando teria filho (Miro era mais que um estudante, eu brincava falando que ele era um futurista). Por falar em futuro, pense em uma coisa que realmente o tirava do sério. A partir de então, olhando o outro lado, se há algo que temia era não conseguir alcançar os sonhos no tempo programado, pois tudo precisava ser na ordem planejada. Miro não saía, Miro não ia a festas, não namorava e nada fazia dessas coisas de adolescentes. Dizia que era perda de tempo. Enquanto seus amigos o chamavam para sair, planejava sua vida e brigava se alguém fosse interromper seus pensamentos.

Mas aí chegou o dia da avaliação e aconteceu algo que nunca ninguém esperava: a própria vida resolveu com ele brincar. Um vírus sem precedentes chegava arrastando tudo, causando mortes e atrasando a coisa mais importante para ele: sua carreira. Miro estava chegando aos dezenove anos, e seus planos, antes importantes, quase não podiam mais ser feitos. Agora, aos vinte, Miro não pisa na escola e se arrepende bastante por isso.

Acredito que muitas vezes as pessoas não se sentem bem com o que fizeram ontem e não se importam com o hoje – inclusive, a maior preocupação é com o que vão fazer amanhã. O relógio do tempo, que antes era muito, hoje é

tão pouco. Por que Miro não aproveitou o momento? Por que Miro sempre preferiu o amanhã e sempre o amanhã não o satisfazia?

Por isso escrevo, em frente à escrivadinha, que me sinto angustiado, triste, pensativo e reflexivo. Pois passo por tudo e mais um pouco. Aliás, me arrependo de não ter vivido o ontem, por me preocupar com o tempo que tanto reclamei e não soube aproveitar minha carteira da escola. Quer saber? Quem já passou por isso sabe do que estou falando. Tem a ver com o valor que as pessoas dão a suas coisas, ao que chamamos de nosso e ao que conheço por meu. Mas lá estarei sentado, no lado direito da sala, na terceira carteira, da penúltima fila, porém, com um olhar diferente sobre o futuro: vou aproveitar o hoje!

- Prazer, Antônio de Miranda! Mas gostaria de ser conhecido por Miro.



METAMORFOSE FIXA E IMPREMEDITADA

Eduarda Vanessa da Silva,
estudante do *Campus* Nova Cruz



Mais de 490 mil histórias que viraram estatística nacional. Desligo a televisão e me deito. São 22h. Madrugada longa e insone. Espero o vagaroso sono chegar. Mais uma vez e não subitamente, ele se atrasou. Fecho os olhos. O alarme toca às 5h da manhã. Me desespero. Vou me atrasar. Acordo e percebo que estava sonhando. O desespero é ainda maior. É meio-dia. Não há alarme nem horário marcado. Levanto e verifico o celular. Não há nada além da morbidez cotidiana. A patologia está em avanço. Então, para fugir do ciclo vicioso no qual me encontro, escrevo.

Convívio entre telas. O espelho não reflete mais o verde e branco e o azul-marinho desbotado do jeans já gasto. Mudamos de veículos: de físicos a virtuais. Os megabytes por segundo substituíram o longo e amarelado automóvel velho, carregado de sonhos e esperanças, a 40 km/h. A típica frase “você estão aí? Falem alguma coisa!” assumiu o lugar dos icônicos pedidos de silêncio.

Às vezes a vulnerabilidade do invulnerável é a mudança repentina, pois o inesperado surpreende. Quem esperaria?

Eu não. Talvez a adaptação precipite seja uma dádiva que contempla uma minoria. Me encontro, porém não me identifico. Pensar positivo é esperança e há quem diga que seja uma utopia. A metamorfose é necessária, embora nesse contexto ela não seja ambulante e, ao contrário da lagarta, nós não podemos escolher a folha.

Quem me dera ainda ser uma trilobita vivendo no fundo do mar cambriano sem angústia e inquietações, apenas me remexendo no solo marinho, sem responsabilidades, deveres e, sobretudo, sem sentimentos. Darwin, para você que propõe que os organismos mais aptos sobrevivem, lamento afirmar que quem sabe a evolução nem seja tão boa assim. Qual ser, em sua plena sobrevivência, seria selecionado naturalmente para isso?

Perdas. Os números viraram nomes, os nomes viraram lembranças. Tanta dor. Muita dor. Nossa saudade se vai, lacrada, sem esperar, sem se despedir, levando consigo a enfermidade e os sonhos impossibilitados pelo cruel destino. Pois é, Tim Maia, “aquele adeus”, infelizmente eu também não pude dar. Há uma linha tênue entre a esperança e a realidade. Observo, no meu quarto, em full HD, o caos lá fora. São tempos difíceis.

Digitalizaram a vida, os ensinamentos, os testes e as conversas. Contudo, não nos ensinaram como fazer download de abraços, upload de sorrisos e como deletar, de uma vez por todas, a saudade. Afinal, como os programadores da

informática programariam o impremeditado? A tecnologia ainda não é tão avançada assim. Prossigo na incerteza, prossigo na ausência de melhores opções. Me sinto privilegiada em ainda poder escolher.

Dizem “seja forte”, como se não estivéssemos sendo. A superficialidade é preocupante e, ao mesmo tempo, exagerada. Como seremos fortes em tempos líquidos? Não importa. Faça o que te pedem, escute, obedeça. Embora a matemática seja ensinada desde o jardim de infância, ainda não se sabe quantas vidas podem ser salvas com apenas uma atitude. Analfabetos de empatia.

Somos feitos de carne, osso, decepções, angústias e incertezas. Quando vai passar? Até quando viveremos em cárcere domiciliar? Não se sabe. Aquela típica frase “éramos felizes e não sabíamos” nunca fez tanto sentido para mim. Ausências. Olhar vídeos e fotos de um tempo atrás me entretém e, ainda assim, alimenta a esperança de que, em um futuro próximo, ou talvez distante, tudo vai voltar ao normal.

Estamos em constante mudança. Heráclito já afirmava que ninguém entra no mesmo rio duas vezes. No entanto, como atravessar um córrego sem saber nadar? Como minha mãe já dizia, cada um se vira como pode. Preciso me transformar, já que a maré está alta lá fora. Escrevo para que o tempo passe. O tique-taque do relógio abarca a trilha sonora melancólica desses dias atípicos. São 12h02. Escrevendo componho, me recomponho e, mais uma vez, não me reconheço.



MEU DESCANSO DE PRATO AZUL

Diôgo Vale,

servidor do *Campus* Ceará-mirim



Escuto atentamente as ideias do meu amigo Keanu Reeves. Nossos encontros são periódicos. Uma ou duas vezes na semana, batemos um papo na velha estação de trem. Um ambiente como a plataforma 9 3/4, mas sem nenhum sinal concreto do trem para Hogwarts. O velho Reeves tem a danada de uma mania de querer conversar de pé sobre os trilhos do trem. Talvez seja um traço do seu espírito de aventura. Sempre digo a ele que conversa boa acontece sentado. Da próxima vez, cumprirei minha promessa de levar meu tamborete.

Começo a ouvir um barulho estranho. Logo quando ele me aconselhava sobre o futuro político do Brasil. Não consegui identificar a origem daquele som. Mas, repentinamente, a linha do trem começa a tremer. Os trilhos começam a saltar do chão, serpenteando. Será um terremoto? Já não basta a epidemia a que estamos sobrevivendo? Agora desastres naturais? Isso confirmava minha suspeita sobre a localização daquela estação: ficava perto de João Câmara.

Nunca sei como chego naquele espaço, mas sentia sempre o odor característico do meu caminho para o *Campus* Ceará-Mirim do IFRN: a catanga do aterro sanitário de Massaranduba. Os trilhos, sobre os quais nunca vi passar

trem algum, começam a se desmontar. A terra treme com mais intensidade. Deve ser em uma escala nunca mensurada no Japão, muito menos em João Câmara. O chão começa a se abrir. Caio em um buraco sem fundo. Uma “zuada” de deixar qualquer um “mouco” acompanha minha queda.

Acordo na minha rede. Mais um dia de isolamento social e teletrabalho. O barulho causado pelo vibrar do meu celular na cadeira de plástico dobrável, que fica do lado da minha rede, deve ter entrado no meu sonho e interrompido minha conversa.

Seis e trinta da manhã. Novas mensagens de voz no grupo do WhatsApp do refeitório. Maria me diz em seus áudios rápidos: “Diôgo, Edilza está perguntando que horas vão chegar os bolos”. Edilza, em sua agonia de resolver tudo logo: “Diôgo, vai faltar melancia nos kits dos meninos... o que eu devo fazer?” Edilma, com toda sua competência e organização: “Diôgo, já está quase tudo organizado para sair para as entregas. Seu Alexandre foi só tomar o café dele e disse que vai começar por Pureza”. Nesse pouco tempo, já tinha terminado de escovar os dentes enquanto escutava sete áudios e precisava tomar 14 decisões diferentes. Isso é parte da minha rotina de trabalho. Sempre aproveito os dez minutos de banho em minha água gelada para pensar nas respostas.

Seis e cinquenta. Falo com o pessoal da agricultura familiar para saber o tempo que irão demorar para entregar o bolo. Ai, o bolo... lembrei que tenho bolo na cozinha para o café da manhã. Bolo é um dos meus alimentos preferidos.

Comer um bolo fofinho é muito confortável para o coração e para o paladar. “Quem não gosta de bolo, bom sujeito não é”. Peguei o outro celular, que uso para falar com os estudantes sobre a entrega dos kits, e falei com os estudantes de Pureza, Touros e Maxaranguape para irem aos locais combinados, pois o carro não podia atrasar um minuto sequer.

Resolvi o que faria para multiplicar os pedaços de melancia dos kits dos estudantes. Respondi também a estudantes sobre seus pais poderem ir pegar os alimentos sem eles, desde que levassem documento e número de matrícula. E tomei algumas outras decisões as quais nem lembro mais. Além de tudo, meu café da manhã já estava pronto. Não sei como organizei minha mesa, mas está tudo no pratinho branco sobre meu descanso de prato azul. Inclusive o bolo – o principal.

Nessa vida de trabalho em casa, minha comida divide espaço na mesa com meu computador e os muitos papéis com anotações que nunca leio, mas faço, já que ando esquecendo bastante coisa. Tento me desligar dos dois celulares no momento da refeição. Tento comer devagar, porém, o vibrado dos celulares sobre a mesa me faz acelerar as mastigações e engolidas, assim como acelerava o carro na reta entre Massaranduba e o IFRN. Nesse mundo pandêmico, tudo acontece muito rápido e intenso, inclusive comer. Vislumbro uma grande diferença entre o trabalho remoto e o presencial: antes eu tinha uma hora de viagem para pensar nas decisões, agora eu acordo no trabalho.

Café tomado! Na verdade, café é apego ao termo. Deixei de tomar café para melhorar meu sono, ansiedade e refluxo. O pobre café talvez esteja levando a culpa por outras questões da minha vida, mas decidi retirar esse querido nacional. Retirei e pronto.

Sete e quarenta. Parece que tudo já se resolveu. O carro do IF saiu para as entregas, bolo chegou, kits de alimentos prontos... Alguém me disse que tudo deu certo? Claro que não! Aprendi que quando as mensagens param de chegar, tudo está dando certo. O grupo de nutricionistas do IFRN começa a emitir notificações no celular. Notificações boas! Fico feliz quando falam nesse grupo. Cada mensagem é um acolhimento. Todo mundo vivendo os mesmos perrengues. Rindo junto e sofrendo mais junto ainda. Relatório, nota técnica, licitação, fornecedor dando trabalho, empenhos, notas fiscais, fotos de bebês, reuniões sendo marcadas, demandas de cada *campus*, demandas da Reitoria, planos de como iremos conseguir mais nutricionistas para o IFRN... Enfim, naquele grupo sou muito feliz, mesmo sem os encontros presenciais com muitas risadas e comidas. Somos realmente um grupo muito comprometido com nosso trabalho.

Oito horas e 20 minutos. Esquecemos de abrir a sala do curso de “Merendeiras contra a Covid-19”. Chamamos de sala o grupo do WhatsApp que criamos para que o curso acontecesse. São 50 dias de formação com merendeiras do IFRN, de estados e municípios diversos. Tem merendeira

até do Ceará. Pense em um grupo de estudantes dedicadas. Amo muito as merendeiras! Hoje é nossa penúltima aula. As merendeiras terão o desafio de gravar um vídeo sobre um dos temas trabalhados durante nossas conversas. Algumas mais apressadas já o fizeram. Um vídeo melhor que o outro. Animado para ver os próximos. O “bom dia” foi enviado na sala das merendeiras. Trabalhos oficialmente abertos! Daqui a pouco, mandarei o manual que o GT de Nutrição fez para elas. Elas estão ansiosas para receber o “livro do curso”. Chuva com vários tipos de “bom dia” no grupo.

Aproveito para responder um e-mail de uma reunião do Comitê Covid do *Campus*. Monitoro as entregas de kits pelo WhatsApp do “celular reserva”. Fico lendo e respondendo aos agradecimentos de estudantes que já receberam. Respondo estudantes no Instagram da Coordenação de Atividades Estudantis (Coaes). Alguns marcando atendimentos *on-line* para a semana. Discuto uns casos com Érika (psicóloga) pelo WhatsApp. Essas discussões eram rotina antes da pandemia. Adorava ir à sala de Érika trocar umas ideias. Parceira forte! Mandei o livro para as merendeiras. Thais explicou a atividade de produção do vídeo para elas. O restante do dia o grupo fica aberto para dúvidas.

Dez e trinta da manhã. Começo a aperrear Raiana. Quem mandou ser assistente social e trabalhar comigo? Às vezes acho, ou acham, que somos “matemágicos”. Corte nos recursos, aumento das demandas de auxílios. Desemprego crescendo. A fome não está nem batendo na porta

de estudantes como em maio de 2020, agora ela já está sentada na cozinha, como aquelas visitas chatas que não querem ir embora. “Raiana, o que vamos fazer?”. Pergunto porque ela sempre arruma um jeito. Perguntaria a mesma coisa a Gerliene, mas ela teve bebê. Ela é sempre disposta a pensar e dar ideias. Ela é como a Keanu Reeves das dentistas.

Entrega de kits da manhã finalizada! Edilma manda mensagem dizendo “deu tudo certo”. Estudantes compartilham mensagens nos grupos. Pais enviam áudios agradecendo a entrega dos alimentos e destacando, normalmente com muita emoção, a importância daquela ação para a família deles. Uma realidade de vulnerabilidades que “acaba com a gente”, mas ao mesmo tempo, os relatos são combustível para continuarmos desenvolvendo nosso trabalho de garantia de direitos, principalmente o direito humano à alimentação. Como é angustiante em determinado momento fazer escolhas entre alunos que precisam e os que precisam mais ainda. Respiro fundo na frente do computador e dos dois celulares.

Onze e trinta. Começo a receber mensagens da família e da namorada. Sou tão nutricionista que as pessoas lembram de mim perto do almoço. Minha mãe manda áudio. Minhas tias mandam áudios. Minha namorada manda figurinhas da “coreaninha”. Essas são ícones dessa quarentena para mim. Todas elas: minha mãe, minhas tias, minha namorada e a “coreaninha”, claro. Com essa descarga de amor, sei que é a hora da pausa. Estou tentando

preservar o horário do almoço. Coloco algum *podcast* para escutar enquanto preparo a comida, lavo pratos, fico deitado no sofá. Descobri o mundo dos *podcasts* durante o isolamento. Estou aprendendo muito sobre cultura com minha eterna professora Vera no seu Papoapô. Almoço no mesmo lugarzinho da mesa. Prato sobre o mesmo descanso de prato azul. Olho meus cactos na janela. Uma janela que oferece como paisagem os meus cactos e os muros dos vizinhos. Vejo no alerta do celular que o curso das merendeiras fechou as atividades para o almoço. Hora de ver televisão.

Vejo parte do jornal apresentando repetidamente a catástrofe da pandemia e do desgoverno. Tudo enquanto a Netflix carrega. Aperto o *play* em mais um episódio de *Friends*. Nunca tinha assistido. Estou quase acabando. *Friends* está fazendo minhas tardes começarem bem. Vejo uns dois episódios. Começo a monitorar a entrega dos kits de alimentos na parte da tarde. As tardes sempre são mais tranquilas. Como no presencial, os problemas com alimentação escolar tendem a acontecer de manhã. Estudantes falando de suas necessidades de kits no *direct* do Instagram da Coaes. Preciso sempre tentar fazer encaixes na lista. Está quase na hora da terapia.

Comecei o acompanhamento com a psicóloga um pouco antes da pandemia. Crises de ansiedade por ser multitarefa e tentar resolver tudo, além de estar finalizando uma tese. Melhorei das crises e agora aprendi a conviver melhor com tudo. Só não posso deixar de resolver. Vivencio os 40 minutos de terapia *on-line*. Sempre tenho muito

assunto e o tempo passa ligeiro. Acabou a terapia. Volto aos processos de pagamento; às interações no curso das merendeiras, que foi reaberto depois do almoço; à organização das listas de estudantes para entrega de kits de alimentos nos próximos dias. Agradeço por mensagem a todos os terceirizados que ajudaram na entrega dos alimentos aos estudantes. Encaminho o *e-book* de receitas nos grupos de WhatsApp. O livro “Na cozinha do IFRN” foi pensado para ajudar estudantes a aproveitarem melhor os alimentos dos kits. Repondo e-mail. Abro um processo. Registro minhas atividades no ponto eletrônico.

Dezessete horas. Meu expediente está oficialmente encerrado. Agora vamos para o extraoficial. Mais conversas no grupo de nutricionistas do IFRN. Relembro os casos de estudantes que atenderei amanhã. Como posso ajudar mais? Muitas vezes nem sei. Passo parte da noite pensando nos estudantes que não têm acesso a alimentos de qualidade e em quantidade suficiente. Hora da ligação para ver meu sobrinho de um ano que está em Caicó. Finjo ser um dos personagens da Galinha Pintadinha para ver se ele olha para mim. Janto. Deixo os pratos do jantar para o outro dia. Troco figurinhas legais pelos WhatsApp com as pessoas que gosto.

Deito-me na rede. Vejo mais alguns episódios de *Friends*. Lembro que esqueci de fazer meu “exercício em casa”. Estava até conseguindo fazer atividade física duas vezes ao dia no início da pandemia, mas hoje não deu. Adormeço esperando encontrar nos meus sonhos resoluções

para problemas da vida. Quem sabe descubro soluções para a fome e para as iniquidades sociais em saúde, porque a pandemia nós sabemos que se resolve com a vacinação para todos, a utilização de máscaras, o distanciamento social e com a superação de problemas políticos do Brasil a partir do *impeachment*. Talvez o voto consciente resolva muita coisa. Se eu encontrar o Reeves na plataforma 9 3/4 esta noite, vou perguntar como faço para quebrar essa Matrix.



O DIPLOMA

Fabíola Duarte,
estudante do *Campus* Natal - Zona-Leste



Quando você é criança, sempre costuma questionar tudo, embora nunca entenda nada daquilo que respondem para você. São tantos porquês que os adultos enganam você com qualquer resposta, acreditando que foi tudo respondido e resolvido, quando na verdade as dúvidas apenas aumentam ainda mais.

Como qualquer criança, eu nunca fui de aceitar uma resposta sem com ela já trazer, de imediato, outra pergunta. Lembro-me do dia em que cheguei à casa de uma conhecida da minha mãe e percebi que na parede da sala havia uma infinidade de fotos emolduradas, sendo que uma das molduras chamou mais minha atenção: nela não havia nenhuma foto, era apenas um pedaço de papel com algumas letrinhas que não compreendi, pois não sabia ler ainda. Olhei para minha mãe e perguntei o que era aquele papel. Ela respondeu que era um diploma.

Então, perguntei o que era um diploma. Ela respondeu que era uma certificação de conclusão de algum curso. Logo, questionei o que era um curso. Ela, já em tom quase ríspido, disse que era uma formação que você escolhe para ter uma profissão. Mais uma vez, não satisfeita com aquelas respostas, perguntei o que era uma profissão. Dessa vez, ela mandou

eu parar de perguntar as coisas e falou que algum dia eu iria saber. “Assunto encerrado”, disse ela. Mesmo assim, a curiosidade sobre o que de fato era aquele papel e qual o motivo da sua tamanha importância, já que estava entre aquelas fotos de possíveis parentes, não saiu de minha mente.

Passados alguns anos, tornei-me aluna do IFRN e aos poucos fui encontrando respostas para algumas daquelas indagações infantis feitas à minha mãe. Descobri o que era um curso, uma profissão e um diploma também. No entanto, faltava responder qual a importância dele de fato. Por que ele estava em um lugar de destaque naquela parede, tão solitário em meio a tantas fotos, mas ao mesmo tempo tão imponente?

Ao longo do curso que escolhi, percebi que a rotina de estudos, as conquistas das aprovações em cada disciplina e todos os demais esforços empreendidos vão construindo em seu íntimo um trajeto no qual o diploma é o ponto final, se posso dizer assim. Então, entendi que aquele diploma que vi na parede da conhecida da minha mãe representava a conclusão de uma etapa da vida. Era o resultado de todos os esforços e o próprio símbolo da conquista alcançada, tão importante quanto as pessoas que estavam naquelas fotos emolduradas em volta daquele diploma que havia visto quando criança. Talvez contemplá-lo em um lugar de destaque tenha sido a melhor forma encontrada para lembrar uma grande história. E agora eu estava perto de ter o meu diploma, era a minha vez de finalizar uma etapa de minha própria vida e de saber qual a importância daquele pequeno papel.

Por inúmeras noites, cheguei a perder o sono de tanto pensar no dia em que finalmente teria o meu diploma. Ficava sonhando e idealizando onde o deixaria. Talvez fizesse diferente da conhecida da mamãe... Quem sabe o deixasse exposto em uma moldura no meu quarto ou logo no corredor de entrada da sala de minha casa. Enfim, eram tantas idealizações, mesmo sabendo que o lugar onde o diploma ficaria exposto não era o mais importante.

Contudo, algo inesperado aconteceu. Quando eu já estava tão perto de responder minha última pergunta, o mundo viveu algo chamado pandemia, e o IFRN fechou seus portões, não de forma definitiva, mas com incerteza de quando iria reabri-los. Vi um espaço tão vivo, tão cheio de pessoas e repleto de sonhos ficar isolado e vazio. Mais uma pergunta surgiu: “por quê?”. Isso mesmo. Minha última pergunta virou um emaranhado de outras inúmeras perguntas e que se resumiam apenas a um seco e único: “por quê?”. Para esta, não obtive resposta.

Imaginei que iria demorar para saber a importância que meu diploma teria para mim, assim como também me perguntava se estaria viva para recebê-lo, pois, como muitos, eu poderia ser vítima dessa pandemia e nunca responder a minha última pergunta – ela ficaria eternamente em aberto.

Quase um ano depois do início da pandemia, não sei se foi a sorte, o desejo em responder minha pergunta ou a própria mão de Deus agindo, apenas sei que sobrevivi para, em uma tarde inesperada, receber a notícia de que

meu diploma estava pronto e em breve estaria em minhas mãos. Marquei o horário da entrega para o dia seguinte e aguardei ansiosa para ir buscá-lo.

Em uma manhã na qual o sol se escondia por entre as nuvens, tão tímido quanto o meu receio de sair de casa naquela situação pandêmica, cheguei ao IFRN e vi o portão principal se abrir para mim, como uma cortina de um teatro que se abre para um monólogo, no qual eu brilhava sem nenhum público, sem nenhum aplauso.

Recebi um mero envelope, que poderia ser igual a qualquer outro que já havia visto, se não estivesse trazendo uma resposta esperada há tantos anos. Abri-o, toquei o papel que estava dentro e vi que era muito semelhante ao que havia visto na parede quando criança, mas, naquelas letrinhas, que hoje eu conseguia ler perfeitamente, estava escrito o meu nome. Eu estava ali respondendo à pergunta que me acompanhou da infância até aquele momento. A pergunta que, apesar de parecer tão simples na contemplação de criança, pedia uma resposta que somente esse momento vivido poderia dar.

E naquele exato momento, ainda como uma criança, deixei inesperadamente ecoar não mais outra pergunta, mas um grito de alegria no silêncio de cada lágrima que escorria por meu rosto. Meu diploma, meu em cada centímetro daquele papel A4, estava agora exposto, não em uma parede, mas nas mãos daquela que o construiu com seu próprio esforço. E sem dúvida, essa foi a melhor resposta que eu poderia ter.



O HOMEM DE UMA ESPIRAL NO ROSTO

Lucas Alves Araújo,
servidor do *Campus Caicó*



Espiral é uma curva aberta que gira em torno de um ponto central. Algumas pessoas percebem a espiral no casco do caracol, outros a percebem numa escada e ainda existem aqueles que a veem numa galáxia. Nada há de estranho em perceber espirais nos lugares em que a curva aberta realmente deve girar em torno de um ponto central. Mas o que pensar quando percebemos a espiral no rosto de alguém?

Aconteceu pela primeira vez hoje, após mais de um ano de quarentena. Quando eu estava diante do espelho, não vi mais minha boca nem o meu nariz, tampouco os meus olhos. Não, eu não estava cego. Eu apenas não conseguia ver as partes do meu rosto, simplesmente porque tudo estava totalmente embaralhado num formato espiral. O ponto central começava por aquilo que antes fora meu nariz e a curva se abria por todo o meu rosto.

Achei aquilo tão estranho que pensei estar ficando louco. Quem poderia dormir bem e acordar de forma repentina com um rosto em forma de espiral? “Não, eu não estou louco”, eu dizia para mim mesmo. Mas o que

poderia significar aquilo? Ver um rosto em espiral é o contrário da sanidade. Será que eu estava com algum problema em meus olhos? Melhor seria encontrar alguém e perceber atentamente a sua reação ao me ver.

Decidi sair do meu apartamento e ir visitar o meu vizinho. Nunca fomos de conversar nem tínhamos aquilo que poderíamos chamar de amizade. Para ir até ele, então, eu deveria levar algum agrado, sendo este o motivo pelo qual eu iria vê-lo. “Vim trazer este pedaço de bolo que eu acabei de fazer”, eu poderia dizer. Levar um pedaço de bolo seria perfeito para esconder a minha real intenção.

Não poderia esquecer da máscara. “Para cobrir qual boca?”, pensei. No meu rosto, não existia nada a que eu pudesse chamar assim, de boca. Pensando bem, melhor não sair.

Um outro caminho seria uma vídeo-chamada. Sem necessidade de máscara, eu poderia mostrar o meu rosto sem segredos ou mistérios. Ligar para quem? Eis a questão que agora me atormentava a mente.

Para os amigos do trabalho que não vejo há um ano? Não, melhor não. Para a minha mãe? Essa seria uma melhor opção.

“Alô, mãe?”, eu disse logo quando começou a chamar. “Tum”. Será que ela estranharia o meu rosto? “Tum”. O que ela acharia de um filho com uma espiral? “Tum”. Eu continuaria bonito aos seus olhos? “Tum”. Ela não estava

atendendo. “Tum, tum, tum, tum, tum”. A vídeo-chamada parou. Na verdade, nunca tinha começado. Minha mãe deveria estar ocupada.

Novamente eu estava diante daquela pergunta que me atormentara outrora. Ligar para quem? Para os amigos do trabalho que não vejo há um ano? Não, essa ainda não era uma boa opção. Para a minha irmã? Essa seria uma melhor opção.

Antes de ligar para ela, eu teria de trabalhar como há um ano vinha trabalhando, pelo computador. Um professor que há um ano não via seus alunos presencialmente. Seria essa a causa da minha espiral? A falta da sala de aula? Eu não sabia dizer ao certo.

Quando liguei o computador, eis que sigo os comandos básicos para entrar na turma virtual do primeiro ano do ensino médio. Eu deixei a câmera ligada de propósito. Não que antes eu não a ligasse. A diferença era que, desta vez, eu tinha o propósito de escutar algum aluno digitar ou ligar o microfone para dizer “professor, o seu rosto está diferente”.

Para a minha surpresa, nada aconteceu. Nenhum aluno ligou o microfone para falar do meu rosto. Eles só ligavam para falar sobre Aristóteles ou Platão. Já daqueles que digitavam, eu não li nada sobre a espiral no meu rosto também. Apenas sobre Sócrates e os pré-socráticos.

A partir desse momento, passei a acreditar que aquela espiral era fruto da minha imaginação. “Deve ser

consequência de permanecer tanto tempo trancafiado em casa”, pensei. Será que os meus alunos viram o que os meus olhos veem e apenas resolveram ficar calados ou de fato não havia nada diferente para ser visto? Com o fim da aula, cheguei à conclusão de que melhor seria buscar a opinião sincera de minha irmã.

“Alô, Maria?”, eu disse logo quando a vídeo-chamada iniciou. “Tum”. Bastou apenas um toque para a minha irmã me atender. Ela estava chorando. Não sei por quais olhos, porque, assim como eu, a minha irmã não os tinha. Seu rosto também era uma espiral. Minha irmã falava, mas não sei por qual boca. A espiral começava por aquilo que antes fora seu nariz e a curva se abria por todo o seu rosto.

Apesar daquela forma também comum ao rosto da minha irmã, a única coisa a qual pude prestar atenção foi àquilo que ela falou. “Nossa mãe morreu sem ar, hoje de madrugada”.



O TEMPERO DA VIDA: AS COISAS BOBAS

Gisele Carla Gomes de Oliveira,
estudante do *Campus* Nova Cruz



O confinamento me trouxe à tona uma reflexão sobre as coisas bobas. Vários pensamentos constantes sobre elas vêm emergindo em minha mente, como uma barata no ralo quando se está tomando banho: extremamente inconveniente, mas, no final, acaba fazendo uma companhia. Esses pensamentos me fizeram concluir que uma vida feliz é composta por elas, as coisas bobas, não as baratas.

Minha prima, estes dias, jogou todo o xampu fora a fim de ter uma desculpa para sair de casa. Imprudente? Sim. Deveria ter me dado o xampu, escondido, e não o desperdiçado? Com certeza. Todavia, não a culpo. Esta quarentena que a Covid-19 nos impôs tem nos deixado com os parafusos não é nem soltos, é fora da cabeça. Afinal, gostamos de tempos de agonia. Ninguém consegue viver de paz e sossego. Francamente.

Você certamente deve ter ouvido algo do tipo: “ah, só queria não ter aula agora, deitar no corredor e fugir das preocupações.” Mentira! Gostamos do agito que a vida tem. Não há nada melhor do que surtar com a quantidade

gigantesca de atividades no Suap se acumulando, sendo que você ainda não terminou de organizar os seminários, ou até mesmo ser picado por uma abelha enquanto espera lindamente no banco do ônibus a caminho do IF. É simplesmente uma delícia!

Como posso me esquecer daquele cachorro adorável que me acompanhava com agradáveis latidos quando eu saía de bicicleta para comprar o isopor de uma maquete, lembrando-me de olhar sempre para frente e não me importar com um pouco de baba na barra da calça? Antes, eu saía com calças feias quando ia de bicicleta aos lugares; assim, os tenros caninos não desejariam rasgar a barra com o estranho objetivo de levá-las para suas casas. Desde quando começou o confinamento me arrependo dessa decisão. É dessas coisas que sinto falta! Coisas bobas? Sim, mas essenciais.

Ao ficar trancada em casa, surtei porque minha gata não queria brigar comigo. Eu estava sedenta por sangue e guerra, e ela simplesmente queria dormir. A quarentena provou para mim que preciso de um diálogo maior e melhor do que: “- Quer comida?” “- Miau, miau”. O confinamento me deu uma vontade louca de adotar um papagaio.

Sinto falta daquela senhora simpática na fila do banco que só fazia reclamar de como eu demorava para sacar o dinheiro da minha bolsa estudantil. Suas perguntas cativantes, beirando o surto, indagando se eu tinha esquecido minha senha. Não, não tinha, mas amava ouvi-la reclamar. Por isso, demorava um pouco mais. Na saída, ao virar, com

um belo sorriso, mostrando que agora o caixa estava livre, estimava ver o seu rosto vermelhinho. Eu o achava tão fofo.

A quarentena me provou que as coisas bobas são as melhores. O tempero da vida! Passear pela área externa do *Campus* e errar as batidas do coração ao pôr a mão no bolso, não sentir o celular e depois lembrar que o deixou na sala (ou não) – isso é crucial para manter meus pensamentos em ordem.

Deve ser por causa da falta dessas tensões diárias que estou falando com os pássaros que vêm me visitar na varanda da minha casa. Os pardais são os mais simpáticos, sempre deixam um presente após a visita. Para limpar! É ótimo para variar um pouco a rotina quarto-cozinha-computador-sala-quarto, que está tão presente no meu cotidiano atual.

Sei que a quarentena é, sem dúvida alguma, necessária, mas não vejo a hora de contemplar a senhorinha da fila do banco se irritando novamente. Vou com a minha calça mais bonita vê-la.



PEGUE TELA

Rodrigo Slama,
servidor do *Campus* João Câmara



Manhã. Oito horas. Celular desperta. Bora levantar, ouvir dois *podcasts* de notícias enquanto apronto o cuscuz e o café. É o tempo certo de lavar a louça da janta e preparar o café. Café tomado e outras notícias lidas. Largo a tela do celular e me sento em frente à tela do computador. Segunda-feira. Revejo os apontamentos das aulas do dia. Corrijo os trabalhos, seleciono vídeos, textos, fotografias. Pronto. É hora do almoço e o Teams está alimentado.

Tem dias que nem almoço. Por que preciso almoçar entre o meio-dia e as duas da tarde? Tarde. Duas horas. Tem aula. Pegue tela. Vejo os círculos com iniciais dos alunos. Nunca abrem a câmera. Eu também quase não abro. A internet da galera é ruim... Muitas vezes a minha também é. Quatro e meia. Fim da aula. Deito um pouco na rede e mexo em redes sociais. A fome bate. Largo a tela. Por que não posso almoçar às cinco da tarde? Já é um adiantado da janta, né?

Terça-feira. Manhã. Oito horas. *Podcast*, louça, café. Tem tempo de jogar *videogame* antes da aula da tarde. Pegue tiro, pegue quebra-cabeça, pegue história. Hora do almoço. Hoje vou fazer macarrão. Como rápido, já são duas horas.

Pegue aula, pegue texto, pegue dúvida, pegue tela. A garganta arranha. Caraca, nem tinha aberto a boca pra falar ainda. Cinco da tarde, bora caminhar. Uma volta no quartirão pra descansar a vista e cansar o corpo.

Nove horas. Quarta é dia de reunião. Depois do café ligo pra minha mãe. Ela ainda não se vacinou. Bora pra reunião, e o almoço? Ninguém liga a câmera. A internet da galera é ruim... Muitas vezes a minha também é. Não tem aula à noite. Vou ler um livro. No leitor digital, claro! Quem ainda compra livro de papel? Pegue tela, pegue botão, pegue página. Bora ver uma série também... Muita leitura cansa a vista. Pegue mais tela.

Oito horas. *Podcast*, louça, café, almoço? Aulas à tarde, aulas à noite. Pegue tela. Eita. Bora terminar aquele episódio de ontem que não deu. Pegue tela. Amanhã pode acordar mais tarde. Pegue tela.

Do nada, estou na rua, cadê a máscara? Ninguém tá de máscara. Ninguém tá de máscara? Acabou a pandemia? Não me vacinei, minha mãe não se vacinou. A voz arranha. Primeira vez que abro a boca pra falar. Nem ouço minha voz. Nem ouço a voz de ninguém. Pisco os olhos. Estou num bar com a galera. Estou num bar? Tomo um gole. Estou no Beco da Lama. Cadê a máscara? A internet da galera é ruim... Muitas vezes a minha também é. Pegue tela, pegue aula, pegue tiro, pegue texto. Estou sem máscara na frente da câmera?

Cinco horas. Acordo assustado. Que sede danada, parece que tô de ressaca. Bebo água e espero o sono mexendo

em redes sociais. Pegue tela. Seis horas. Oito horas. *Podcast*, louça, café da manhã. Já é junho, não tem festa, mas tem CPI. Ia me esquecendo. E pegue tela. Senador, vossa excelência é um palhaço! Pela ordem, presidente! Vou repor seu tempo... E o almoço? E as vacinas? Custava responder os e-mails? É só uma tela!

Manhã. Oito horas. Celular desperta. Bora levantar, ouvir dois *podcasts* de notícias enquanto apronto o cuscuz e o café. É o tempo certo de lavar a louça da janta e preparar o café. Café tomado e outras notícias lidas. Largo a tela do celular e me sento em frente à tela do computador. Segunda-feira. Revejo os apontamentos das aulas do dia. Corrijo os trabalhos, seleciono vídeos, textos, fotografias. Pronto. É hora do almoço e o *Teams* está alimentado.



QUE FOSSE SÓ UMA CRÔNICA

Magda Renata Marques Diniz,

servidora do *Campus* São Gonçalo do Amarante



Decisão foi anunciada pelo diretor-geral da OMS, Tedros Ghebreyesus, em Genebra; mundo já tem mais de 118 mil infecções com 4.291 mortes, a maioria na China, onde a doença surgiu; covid-19 está presente agora em 114 países; é a primeira vez que uma pandemia é decretada devido a um coronavírus (ONU NEWS, 2020¹).

Aquela quarta-feira foi a quarta-feira mais diferente de minha vida. Não que eu não viesse acompanhando as notícias, ou mesmo estivesse alheia às situações, mas, agora, aquilo que era “do mundo” estava no Brasil. Como podia algo aparentemente tão distante estar do meu lado, no interior do Rio Grande do Norte? A doença, que surgiu no final de dezembro, já estaria presente aqui? Passei vários dias sem conseguir dormir bem, angustiada com a injustiça posta.

Em uma perspectiva externa, veio a sensação de estar dentro de um filme. Talvez, daqueles de ficção científica, que trazem temáticas normalmente descartadas pela ciência moderna. Só que, em se tratando de vidas extraterrestres, de

1 ONU NEWS. **Organização Mundial da Saúde declara novo coronavírus uma pandemia.** 2020. Disponível em: <https://news.un.org/pt/story/2020/03/1706881>. Acesso em: 18 jul. 2021.

outros planetas, de viagens no tempo, de robôs, tudo já visto seria fichinha para a situação surgida em 2019.

Em uma perspectiva interna, veio aquela sensação de que o vírus poderia estar em todo lugar e em todas as pessoas do meu lado. O medo, o nojo, a raiva e a tristeza corriam aceleradamente em minha cabeça. O medo de mim, dos outros e das coisas do mundo ganhou por muitos dias – foi um resultado superior àquele do 7 a 1. Essas emoções, talvez, só foram diluindo, de forma terapêutica, após uns quatro meses. Pensei em estar doente várias vezes. Como um efeito paliativo, o resultado do teste, sempre negativo, acalmava...

Da varanda, nunca vi o mar tão revigorado. Ele ressaltava suas cores diariamente para mim. Pena para os biquínis, que não puderam ser usados... As ruas vagas e os carros sem uso (servindo de espelho das casas cheias de gente) revelaram os encontros marcados com o não virtual. Sonho e ficção vivenciados por esta geração que conseguiu resistir...

E o trabalho usando quadro, pincel? E a sala de aula? Não mais. Fogão, aspirador, vassoura, rodo e panos foram os instrumentos laborais. Depois de três meses, além de minha casa, tornei-me, semanalmente, a limpadora oficial de três. Nunca tinha “trocado” de profissão na vida. Avaliação desse câmbio: não consegui fazer tudo sozinha; estava extremamente cansada e assoberbada de serviços...

Diante disso, como reagir, se o vírus ainda está no contra e parece imbatível? Máscara! Higiene respiratória! Vacina!

Pois, no momento, não existe outra opção. Por fim, solidariedade às mais de 600 mil vidas – personagens de uma história que nunca deveria ter sido rascunhada.



REFLEXÃO E RECLUSÃO

Anna Luiza Gomes Martins,
estudante do *Campus* Nova Cruz



São oito horas de uma manhã ensolarada de sexta-feira quando acordo para comprar pão. Ponho a máscara e atravesso a curta rua a fim de chegar à padaria. Olho ao redor enquanto espero a pequena fila desmanchar-se e minha vez chegar. Varrendo o local com os olhos, reparo que algumas pessoas estão mais magras que o normal. Não que eu associe isso a aumento de beleza ou falta dela, mas me lembro do que minha mãe falou no dia anterior: “tem gente passando fome devido à falta de trabalho” – o que logicamente eu sei, mas não tinha reparado isso de fato na região em que vivemos.

A cidade é pequena. Então, logo reconheço algumas dessas pessoas e vejo que é verdade. Vou para o caixa pagar pelos pães e olho a hora no celular enquanto a atendente colhe meu troco. Vejo as notificações nos grupos da igreja: tratam de uma arrecadação de alimentos não perecíveis e de produtos de limpeza para serem distribuídos aos moradores das áreas mais carentes do município. É... parece que as coisas não estão melhorando. Pelo menos, há solidariedade.

Pego as moedas que a atendente me retornou e volto para casa. Ao me sentar à mesa, deslizo o dedo pela tela do celular e percebo que alguns colegas estão falando, no grupo da turma, sobre a última *live* do diretor-geral do *Campus*

Nova Cruz. Pelo visto, ele fez uma transmissão ao vivo no Instagram para nos informar a respeito do calendário acadêmico do ano letivo de 2021. É uma pena que continuemos a estudar pelo ensino remoto, mas é completamente compreensível. A situação, infelizmente, ainda é crítica.

Contudo, o Instituto está mais uma vez fazendo o possível para atender às necessidades dos alunos. Pelo menos, é o que comentam meus colegas e me atrevo a concordar. Muitos alunos não tinham acesso à internet nem condições financeiras para comprar os aparelhos eletrônicos que seriam necessários, o que dificultaria o aprendizado nesse período. Por isso, auxílios digitais foram disponibilizados. Sempre tive orgulho de ser parte daquele lugar, principalmente agora, que vejo todo o esforço e toda a dedicação destinados aos estudantes.

Desligo meu celular e o afasto de mim. Decido ligar a televisão para assistir ao noticiário enquanto começo a tomar meu café. Presto atenção quando a jornalista fala das taxas crescentes de desemprego resultante da pandemia, que, por sua vez, não parece ter fim. Penso nas pessoas que precisam de caridade para se sustentar e a cada dia percebo o quanto um vírus subestimado se provou muito mais devastador do que muitas pessoas se atreveram a imaginar.

Ainda há quem creia que o novo coronavírus não existe e é uma medida do governo para controlar a população. Eu mesma já ouvi falarem, mas, se fosse mesmo o caso, por que o governo se mostraria tão apático durante toda a pandemia? Já vi pessoas perto de mim – precisamente

familiares – sofrerem por antecipação, com medo de contraírem a doença cruel e fatal, chegando a precisar de terapia e remédios para os nervos. Vi também pessoas dizerem que isso é besteira e pagarem pela língua.

Ainda assim, mesmo com os leitos de hospitais lotados, há quem se recuse a usar máscara. Essas pessoas dissipam *fake news* a respeito da vacina, mas a troco de quê? Ninguém se tornará um jacaré. Toda essa situação é extremamente absurda. Não posso negar que me revolto sempre que lembro, mas não há nada a fazer além do que já faço. Mesmo assim tenho fé e esperança de que superaremos essa fase e poderemos viver nova e normalmente, na medida do possível. Até lá, me contento em me prevenir e esperar.



SINAIS

Paulo Caldas Neto,
servidor do *Campus* Ceará-mirim



Passados aproximadamente cem anos da maior pandemia que o mundo já vivenciara (e aqui me refiro à Gripe Espanhola, 1918 – 1920), eu jamais imaginei que outra, ainda mais mortal, assolaria a humanidade, nem mesmo que ainda estaria vivo para testemunhá-la.

Bem que me falaram, desde a minha licenciatura, que a profissão de professor é repleta de desafios. Eu confesso que havia entendido que era algo menor e, até então, assim a enxergava. Os desafios eram, para mim, tão só aqueles pertinentes às relações interpessoais com os personagens do processo de ensino-aprendizagem: diretor-pedagogo-aluno-pais. Ledo engano. O ano de 2020 mostrou-me a toda a sua complexidade.

Já estava acostumado com toda a dinâmica do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte desde 2011, ano do meu ingresso como servidor. Ia para o respectivo *Campus* de atuação nos três dias de exercício, e a rotina era sempre a mesma: atividades de Ensino, Pesquisa, Extensão e gestão institucional. Até as viagens interioranas e as suas hospedagens, quando necessárias, já integravam o itinerário semanal. De repente, vi-me

longe de tudo isso a partir da tarde de 17 de março de 2020, data em que o vírus Sars-Cov-2 fechou o IFRN. Lembro como se fosse hoje: uma terça-feira ensolarada, tranquila, normal. Como eu só ministraria aula no turno noturno, viajei à tarde para o município interiorano a fim de instalar-me, conforme o programado, numa pousada que ficava ao lado do *campus*. Eram 13h15min. A funcionária já me conhecia e, antes mesmo de eu me apresentar à recepção, veio ao meu encontro, saudando-me alegremente:

– Que bom que o senhor voltou! Deixe que eu ajudo com a bagagem!

A gente simples e interiorana tem esse calor, esse acolhimento. No meu terceiro *Campus* de lotação, eu já não estranhava esses hábitos. De tanto que era tratado assim, acabei aprendendo a conviver e também a exercitar sempre a paciência e a gentileza, ferramentas fundamentais que todo ser humano deveria pôr em prática diariamente, sobretudo nos dias de hoje, em que tais valores parecem estar se perdendo entre os mais jovens. Coloquei as malas na suíte que me fora reservada e preveni a funcionária do meu retorno às 21h15min, horário em que as atividades acadêmicas se encerrariam. Gostava de fazer assim, porque tarde da noite a pousada ficava vazia, sem quase ninguém que respondesse por ela. Muitas vezes, deixavam um vigia a postos, guardando o lugar, e que mal sabia quem circulava por ali, de modo que já havia acontecido de eu ter

que me identificar, porque simplesmente ele desconhecia que se tratava de um hóspede. Após as instruções, entrei no carro e dirigi em direção ao *Campus* cujos muros faziam fronteira com o alojamento e com um posto de gasolina em frente a ele. Foi só o tempo de estacionar o veículo em uma das vagas, caminhar rumo à entrada do prédio principal, e uma colega docente foi logo anunciando:

— Está vindo agora de Natal? Melhor desistir. Acabou de sair a notícia: o IFRN está com as atividades paralisadas por tempo indeterminado.

Um pouco contrariado com o aviso, ainda adentrei o edifício cor de laranja à procura de mais informações sobre o contexto em que a instituição de ensino se encontrava. Em suma, fui orientado a ir para casa e a aguardar novos comunicados. Mal pude despedir-me temporariamente dos meus alunos de turma, nem dos colegas servidores. Voltei à pousada, recolhi os meus pertences sem precisar pagar pela breve permanência – mesmo porque foi brevíssima e a proprietária acabou não achando justo cobrar-me um valor, por menor que fosse, se eu de veras não iria pernoitar no município.

Semanas depois, a instituição começou a mobilizar-se com projetos de Ensino, Pesquisa e, especialmente, de Extensão, dado que o IFRN, como é de amplo conhecimento, tem um forte ativismo social, auxiliando o outro a se autotransformar. De certa forma, o professor exerce o papel de mediador da aprendizagem, e isso não deixa

de ser interessante. Em meu *campus* de atuação, tivemos a ideia de criar uma página *web* com o título “Ativos em casa”, na qual os projetos de Ensino e de Extensão teriam um espaço para o seu desenvolvimento e para a atualização de seus resultados. Alguns alunos e membros da comunidade conseguiram participar do atendimento e do ensino a distância; outros, infelizmente, não tiveram tal sorte, o que, em parte, nos abateu. Apesar de um futuro imprevisível quanto ao avanço cada vez mais célere da doença no Rio Grande do Norte e no Brasil, sem sabermos que providências sanitárias as autoridades tomariam e sem ainda uma cura que extirpasse o mal, trazendo-nos novamente à normalidade, tivemos que nos reinventar. O Instituto adaptou ferramentas digitais a partir das que os pacotes do Google já possuíam, e todas elas com uma interface que permitia ao professor, ao aluno e às famílias continuarem unidos em prol de uma certeza por dias melhores. Eu, particularmente, engajei-me de uma maneira muito sincera e muito intensa, como jamais imaginei que pudesse. Eu não achava, naquele momento, que seria capaz de me reinventar para assistir o meu aluno. Eu me achava impotente.

Veio a intervenção federal, que gerou um longo debate na instituição. Muito embora uma série de controvérsias sobre ela tenha tomado conta do cenário local, eu e os demais servidores não paramos as ações educacionais. Tivemos que fazer tudo sozinhos (do planejamento à execução das aulas) sem contar com o amparo da Reitoria e das

respectivas Pró-Reitorias. Todos recebemos, por iniciativa de um grupo de colegas servidores, um treinamento remoto a fim de que pudéssemos retomar o ensino. Nunca os aplicativos do Google, do Canva, do Kahoot e os da Microsoft, como o Teams nas nossas reuniões pedagógicas e nos colegiados, tiveram tanto significado. A verdade é que estávamos todos ansiosos para nos comunicarmos uns com os outros.

Essa energia do contato, da fala e do gesto, que alimenta a comunicação em si, sempre foi o alicerce do nosso Instituto. A falta dela nos torturava. Mas, assim como todos, eu estava me reencontrando com o meu ofício, vendo luz após meses de escuridão. Até cheguei a brincar, em uma das reuniões de pais e de mestres, transmitida pelo canal do *Campus* no Youtube, que, transcorrida essa estação nebulosa e atípica, eu seria um outro profissional. No meio de tanta dor e de tantos entraves, creio que fui, creio que ainda sou. Através do Google Meets, eu fui lecionando o conteúdo da disciplina que eu podia discutir com o corpo discente; o que eu não podia, dava uma prévia e prometia maiores detalhes quando reconquistássemos o ensino na modalidade presencial. Era também a estratégia que eu encontrava para manter nos discentes sempre acesa a chama da esperança. Afinal, nós estávamos lidando com jovens de diversas classes sociais. Eu precisava ter empatia, paciência e muita indulgência naquele momento das aulas remotas síncronas e assíncronas.

E, por falar em empatia, não posso ignorar um episódio, caro leitor, que definitivamente me marcou durante os instantes síncronos. Tratava-se de uma turma de graduação. Ao final da aula, uma aluna, de quem até então eu percebia uma baixa frequência, pediu para ter comigo uma conversa particular. O assunto era delicado demais para ser comentado na presença dos colegas de sala. Dispensei-os, os orientando quanto à leitura dos materiais didáticos e à entrega das tarefas pendentes. Todos deixaram a reunião, via Google Meets, e só ficamos nós dois, eu e ela. Não quis abrir a web câmera para que tivéssemos um diálogo olho no olho. Aliás, a maioria dos discentes preferia deixar a câmera do computador ou do celular desabilitada. Talvez se sentissem mais confortáveis. Só ouvíamos as vozes uns dos outros. Era sempre dessa forma nas aulas síncronas. Notei, a princípio, a aflição em sua voz e, ao mesmo tempo, um certo receio ao principiar a entrevista. Tomei a liberdade de falar primeiro.

— O que deseja me contar? Você não tem comparecido às minhas aulas.

— Professor, estou muito preocupada! — Pelo visto, era algo sério, — Sou mãe, moro com meus pais idosos e com meus filhos pequenos. Todos nós testamos *positivo* para a Covid. Não sei o que fazer! Faltei às suas últimas aulas e não consegui entregar, no prazo combinado, a atividade avaliativa!

Quase num gesto de apelo, relatou-me que a pandemia de Covid-19 a deixou desempregada e que perdera um ente querido para o vírus. Não me lembro agora se era alguém em idade avançada ou jovem, mas a família estava muito abalada. O desgaste e as incertezas a amedrontavam dia a dia, assim me descreveu, e o pânico da morte também, posto que estava assintomática. O sentimento que me bateu, enquanto ouvia a história dela, era o de impotência.

O que eu podia fazer por aquela aluna além de compreender a sua situação, relevar o atraso da entrega da atividade e a ausência nas aulas síncronas da minha disciplina? Eu queria fazer mais. Sei lá! Talvez lhe dar um novo emprego, um auxílio financeiro, para ela e para os familiares, trazer o parente morto de volta... Muitas coisas se passaram na minha cabeça! E eu tinha de decidir sozinho que solução lhe apresentar, dado que ela, eu e todos nós estávamos no mesmo barco à deriva. O pior é que a tempestade não dava trégua. Cada vez mais jogava a embarcação de um lado para o outro e, de quando em quando, violentamente, testando as nossas forças. Parecia que essas já estavam nos faltando.

A evasão escolar crescia à medida que o isolamento social se fazia urgente para se tentar evitar novos surtos. Vários alunos acabavam desistindo de seus sonhos, principalmente os do ensino superior. Não seria eu que iria ceifar essas expectativas. O caso da aluna era complexo, ia além da doença, pois envolvia os seus próprios planos de vida, a

instituição, a família, enfim. Resolvi correr o risco de tomar uma decisão sozinho. “É melhor escrever errado a coisa certa do que escrever certo a coisa errada”, é o que, mais ou menos, dizia o poeta Patativa do Assaré; pensamento esse que possivelmente se encaixe nesta ocasião especial.

— Por ora, eu vou abrir uma exceção para você em relação à tarefa avaliativa. Entregue-me pelos próximos dias. Quanto às ausências, veremos depois (vale salientar que nessa época ainda não havia sido aprovada a Resolução 21/2021 – Conselho Superior do IFRN, sobre as novas diretrizes pedagógicas para uma volta gradual ao modelo de ensino presencial ainda durante a pandemia de Covid-19).

As lágrimas tímidas possivelmente vieram-lhe à face, porque, pelo tom de voz, apresentado ao microfone, observei um alívio compulsivo após uma iminente crise de choro a se desenvolver diante de uma possível reprovação. Agradeceu-me mais de uma vez, e eu só ratifiquei que não tinha feito nada além do que estava ao meu alcance e que ela se acalmasse. Reforcei apenas que, naquele instante, ela e os parentes próximos cuidassem da própria saúde, que estava em primeiro lugar. Nessas horas, você, enquanto docente, precisa atuar em várias frentes. Uma delas, além da condição de lecionar o conteúdo de uma disciplina, é a da psicologia educacional, sabendo o que propor ao discente para que este faça bom uso de suas capacidades cognoscitivas. Em outras palavras, você tem de ser um pouco psicólogo,

porque nem sempre os psicólogos da instituição dão conta de toda uma demanda. Há apenas um profissional dessa área por *campus*. É muito para o professor. Contudo, é um dos inúmeros problemas que acabamos tendo de enfrentar.

Sinceramente, a lição que podemos tirar de todo esse contexto pandêmico é uma só: sermos mais humanos. Esses sinais existentes em algumas das circunstâncias que eu aqui expus, caro leitor, devem ser entendidos e bem refletidos. Eles não surgem à toa. É a vida nos ensinando constantemente. E a vida não para. Nem mesmo nas adversidades. Precisamos harmonizá-las, aprender a lidar com elas, pois o homem tem um grande poder de amoldamento e sobrevivência dentro de si. É que ele geralmente o desconhece. Todavia, esse poder está ali dentro dele, e sempre vai estar, é só saber usá-lo. Se nós pensarmos, veremos que, às vezes, é em panoramas de guerra como este (pelo menos, é a sensação que temos) que o ser humano é experimentado em sua essência. Somos obrigados a deixar todos os ressentimentos, as diferenças, os egoísmos, as vaidades e tantos outros vícios de lado para que possamos resgatar o que sempre existiu de profundamente autêntico em nós: a solidariedade. É o que nos une. E isso só é possível, claro, se você rotular menos, compreender mais e dialogar mais. Assim, você conseguirá se colocar no lugar do outro, este no seu, e ambos compreenderão que são um só. O Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte, penso, cumpre essa missão com maestria.



UM TANTO QUANTO PESSOAL

Artur Fonseca Moura,
estudante do *Campus* Nova Cruz



Apandemia me fez refletir sobre mim. Pode ser um tanto egocêntrico quando se olha de primeira, mas logo é compreensível, visto que, sem tanto contato com o resto das pessoas, nós mesmos fomos a nossa única companhia na maior parte do tempo e nossos pensamentos foram o lugar em que mais ficamos. Os dias em casa deram muito tempo para pensar, e é justamente essa uma das coisas que mais causa ansiedade.

Fico pensando sobre a antiga rotina e com saudades de ir à escola. A simples impossibilidade de sair sem me preocupar e a vontade de fazer coisas que eu nem gostava. Ou talvez até no fundo gostasse, mas não fizesse por preguiça ou vergonha. O tipo de coisa que só se descobre experimentando... e esse é um dos pensamentos completamente pessoais que surgiram durante a pandemia.

É muito tempo livre para refletir sobre mim, sobre meus próprios gostos e objetivos, mas nenhuma oportunidade de colocá-los em prática, o que me provoca uma sensação de inércia, incapacidade, desmotivação e a impressão de viver todos os dias em um *looping* infinito. Tudo isso me causou e

continua a me causar o trágico e até um pouco cômico desaparecimento de vontades ao longo do ano pandêmico.

Querer estudar o que era preciso, testar *hobbies* novos, continuar os que já tinha e zerar a lista de filmes e séries. Tudo isso vai se evaporando com o passar do tempo. E acaba dando espaço a vídeos de 15 segundos, *tweets* minimamente engraçados e as mesmas músicas todos os dias. Ou seja, coisas que não exigiriam nenhum esforço do cérebro.

As aulas voltaram e, com elas, a dificuldade para me adaptar à nova realidade. É difícil ter disciplina e manter a concentração. Tudo acontece tão rapidamente que às vezes nem dá para sentir. Não há mais a parte boa de ir à escola, que fazia todo o trabalho e a responsabilidade valerem a pena. Não há mais o mau humor da manhã indo embora com os causos que ocorriam, nem os comentários engraçados dos colegas que faziam a aula ficar mais leve. Não há mais os trabalhos feitos na biblioteca e muito menos as conversas no fim do dia, quando se terminava tudo o que se tinha para fazer.

Ainda assim, as cobranças em busca de produtividade estão presentes no cotidiano, algo que surgiu na pandemia e talvez nunca tivesse surgido se não fosse por ela. Tudo isso fez com que prioridades tivessem que ser redefinidas e decisões tomadas. O que fazer primeiro, o que deixar para depois, o que não fazer e etc. Muitas vezes como não dá para fazer tudo, a situação acaba se transformando numa bola de neve de culpa e impotência. Mas é preciso lidar com isso.

A pandemia trouxe sentimentos nunca antes experimentados: alguns deles, se pudesse pensar atrás, consideraria bobagens; outros, até um pouco sérios, mas não há muito o que fazer dentro desse contexto. A única solução é esperar e decidir se o futuro será bom ou não.



UMA DATA

Maria Alycia Lemos de Souza,

estudante do *Campus* Nova Cruz



Dezessete de março de 2020. Não sabíamos que seria o último abraço, a última gargalhada juntos, o último dia das rotinas que compunham a nossa vida ante os meses que passaríamos limitados às paredes da nossa casa. De repente, tudo mudou. Tudo o que construímos, nossos planejamentos para o futuro, nossa concepção de amizade. Tudo mudou. Cortamos alguns laços e amarramos outros. Do nada, paramos de passear pelos corredores. Se soubéssemos que seria a última vez no meio de tantos e longos dias, teríamos rido mais, abraçado mais, conversado mais.

Hoje sentimos falta do simples calor da presença, da correria que era ir àquela instituição que, até então, era a nossa segunda casa. Um lugar que guarda lembranças inesquecíveis. Professores inesquecíveis. Experiências inesquecíveis. Um lugar que é mais que uma escola, mais que um centro de pesquisa renomado, mais que um propulsor da economia local. É parte da nossa própria vida. Sabemos que um dia tudo isso acaba. O tempo não tem dó nem piedade, mas infelizmente ele foi ainda mais cruel. De repente, tudo virou de cabeça para baixo.

Difícil enxergar um lado positivo num momento em que o mundo está em colapso, em que vidas se tornam apenas

números a serem acrescentados nas estatísticas dos governos e dos jornais. Os pulmões da sociedade estão sufocados, assim como a esperança, a empatia e o bom senso. O que restou foi o luto das mais de quinhentas mil famílias que choram a perda de um ente querido, que gritam por alguma vaga na UTI ou por um leito no hospital. Pela vida. É triste vermos um amigo perdendo um familiar que ama e não estarmos perto para oferecer o ombro acolhedor. Mas, apesar de tudo, aprendemos a dar mais importância à presença afetiva do que à física. Esse momento tem muito a nos ensinar.

Nosso maior desejo é alçar voos, sermos os melhores, os que se destacam e aproveitar ao máximo o que o ambiente escolar tem a oferecer. Agora nos aproximamos de maneiras diferentes: as telas nos conectam de uma forma que nem nós mesmos poderíamos imaginar. É como se as nossas asas tivessem sido cortadas, mas que bom que existem outras formas de voar. Contemplamos o céu e imaginamos um dia próximo em que estaremos de novo nos laboratórios, passando por perrengues e colecionando memórias. Com certeza, o nosso futuro estará atrelado a um passado repleto de aventuras, as quais envolvem os servidores, os alunos, os diretores e os professores. Esses que, por sinal, se tornaram grandes amigos. Todos eles significativos na nossa fase de formação. No momento, não estão presentes fisicamente, mas certamente carregamos um pouco deles nas pessoas que somos.

Às vezes achamos que tudo está sob nosso controle e queremos abraçar o mundo. Se um pedido pudesse ser

realizado, possivelmente pediríamos que tudo isso não passasse de um pesadelo. Entretanto, não há outra saída. Talvez estudar sobre nós mesmos e perceber que gostamos de anotar os nossos pensamentos em uma folha para não nos sentirmos sufocados em nossos próprios delírios. Às vezes, é preciso dar um tempo dos ensinamentos técnicos e nos permitir ouvir nosso silêncio interno. Quem sabe, perceber que novos hábitos precisam ser introduzidos para manter a sanidade mental enquanto o mundo chora. Mas é preciso dar conta da preocupação da casa, das contas, dos estudos, da família.

“São só 15 dias” - ok, tudo certo. Tempo suficiente para colocar as matérias em dia e fugir das provas que já estavam marcadas. Mal sabíamos que estávamos prestes a enfrentar uma batalha maior do que a que já estávamos acostumados. Não imaginávamos que seriam tantas mortes e tantas famílias abaladas. Nesse momento, percebemos que fazemos parte de um todo. Cada um é um fragmento. Somos interdependentes, cada pessoa precisa de alguém. O que acontece com um interfere na vida do outro, nem que seja só um pouco. Todavia, o conceito do que é essencial se restringiu. As necessidades emocionais foram substituídas pelas necessidades mais básicas, porque, para abraçar novamente, festejar novamente, se reunir novamente, é preciso lutar pela vida.

Ah, caro leitor, do muito que pode nos aproximar, o mais provável é que eu e você sairemos dessa bem mais maduros. Temos muito em comum, desejamos o mesmo,

incessantemente, todos os dias: o fim da pandemia e o retorno à vida normal. O dia 17 de março surgiu como um marco para uma nova história a ser escrita ou, quem sabe, para nos vestirmos de esperança e confiar que tudo isso um dia vai passar.



II



REPORTAGENS

BATALHAS NA PANDEMIA: A LUTA DA ASSISTÊNCIA ESTUDANTIL EM TEMPOS DE DISTANCIAMENTO SOCIAL

A construção do Auxílio Remoto Emergencial em 2020

Cleyton Nascimento,

coordenador do Núcleo de Jornalismo do IFRN

Com 23 unidades distribuídas pelo estado, cerca de três mil servidores e mais de 40 mil estudantes, pode-se dizer que o Instituto Federal do Rio Grande do Norte (IFRN) é gigante em números. Há mais de um século, a Instituição faz a diferença na educação do povo potiguar. Ano a ano, os recursos recebidos são investidos na missão institucional: “prover formação humana, científica e profissional aos discentes visando ao desenvolvimento socioeconômico e cultural do Rio Grande do Norte”, como traz o Plano de Desenvolvimento Institucional (PDI) em vigência.

Números, contudo, pouco falam sobre as pessoas da comunidade escolar do Instituto. Em 2020, foram as pessoas – cada uma a seu modo – que fizeram o IFRN se renovar diante das dificuldades. Em um período de isolamento social e de uma gestão *pro tempore* que durou oito meses, as pessoas

tiveram um papel inovador e sem precedentes na condução e manutenção das atividades e serviços ofertados pelo Instituto.

Em 17 de março de 2020, o IFRN suspendeu suas atividades presenciais, como medida sanitária para reduzir o avanço da pandemia provocada pela propagação do Sars-CoV-2, causador da Covid-19, chamado “novo coronavírus”, doença infecciosa transmitida principalmente por meio de gotículas geradas quando uma pessoa infectada tosse, espirra ou exala. Em 20 de abril, com o fim da gestão do reitor Wyllys Tabosa à frente do IFRN, o Ministério de Educação publicou a nomeação do professor Josué Moreira como reitor *pro tempore* do Instituto.

Em setembro do mesmo ano, foi implementado, via edital, o Ensino Remoto Emergencial no IFRN. Eleito na consulta pública realizada em dezembro de 2019, o professor José Arnóbio só seria empossado em dezembro de 2020, após oito meses de trâmites administrativos e judiciais. No começo do ano de 2021, foi publicado o segundo edital para os mesmos auxílios ao Ensino Remoto Emergencial, com ajuda de custo para que estudantes do IFRN pudessem adquirir pacotes de internet e equipamentos eletrônicos e, assim, acompanhar as aulas e demais atividades acadêmicas.

A reportagem que se segue foi baseada em relatos e vivências de servidoras e estudantes com relação direta na construção ou na seleção permitida pelos auxílios, principalmente em seu primeiro edital, além de gestores que passaram pela Diretoria de Gestão de Atividades Estudantis (Digae).

Mesmo com todas as instabilidades vivenciadas naquele período, eles se uniram no propósito de manter a Instituição funcionando e promover a permanência e o êxito dos estudantes.

DA PONTA À BASE

INCERTEZAS E ANGÚSTIA

Para Heloísa dos Anjos, do 3º ano Integrado do curso técnico de Edificações no *Campus* São Paulo do Potengi, permanecer no IFRN representou resistência. Segundo a estudante, o ensino remoto emergencial foi desafiador: “no começo foi bem difícil, pois o acesso à internet de qualidade era complicado e a impossibilidade de interagir pessoalmente com professores e colegas comprometia minha compreensão. Tudo isso antes, quando assistia às aulas pelo celular. Com minha seleção no edital para auxílio, pude adquirir um dispositivo eletrônico e isso foi fundamental para melhor aproveitamento das aulas e da comunicação e, de fato, para conseguir me adaptar a esse universo”, declarou. Heloísa disse ainda que ter o dispositivo deu-lhe a chance de melhor organização da rotina de estudos e maior flexibilidade e autonomia com as matérias, pois “o momento pede estratégias para melhor aproveitamento das oportunidades”. A fala da futura técnica em Edificações faz eco com o que pensa outra estudante, esta do curso técnico em Logística, oferecido no *Campus* São Gonçalo do Amarante:

“É importante reconhecer o que a nossa escola faz em momentos críticos. O IFRN tem como foco manter todos

os estudantes atualizados e aptos para receber a educação no meio da crise que enfrentamos. Sem dúvidas, o auxílio é um meio que ajuda e ainda vai ajudar estudantes”, disse Maria Laura, estudante do 3º ano Integrado e presidente do Grêmio Estudantil Sérvulo Teixeira. Ela foi beneficiada no Edital 2021 para os auxílios digitais: “para começar, eu não tinha o meu próprio computador. Usava o do meu primo, que também é estudante do IF e comprou o seu PC com o auxílio do seu *campus* (em 2020). Esperava ele acabar os estudos diários para poder iniciar os meus. Com o auxílio do IF, finalmente pude comprar meu notebook e me organizar melhor”.

Maria ainda relatou algumas dificuldades de adaptação ao modelo de ensino remoto: “por vezes me sinto sobrecarregada com as responsabilidades de casa e com as atividades. Certas matérias que exigem mais foco e que tem uma quantidade maior de atividades para serem concluídas pedem uma concentração grande de mim, que moro em uma casa com muitas pessoas e que sempre está agitada. Há dias que consigo acompanhar as atividades/aulas tranquila e há dias que, infelizmente, perco aulas com a correria”.

Santana Freitas, assistente social no *Campus* São Paulo do Potengi, revelou temeridade com a situação apresentada por Maria Laura: “foi um período de angústia e desgaste, em que ouvíamos muitos relatos em que estudantes diziam não conseguir acompanhar as aulas remotas, seja porque não conseguiam o serviço de internet na localidade

de suas residências seja por não ter um ambiente adequado de estudo, devido ao barulho, além das atividades que assumiam em casa nos horários de aula”.

UMA CASA DE MUITAS MORADAS

“Na minha mente só vinha uma preocupação: vou perder uma grande oportunidade!”. Assim pensou Mateus Araújo, estudante do 3º ano do Curso Técnico Integrado em Informática no *Campus* Currais Novos, quando começaram as discussões sobre retomada das atividades de ensino no IFRN na modalidade remota. “Só pensava que iria ficar de fora por não ter um equipamento eletrônico em casa”, lamentava o rapaz.

Segundo o estudante, graças à iniciativa da gestão e às ações das Coordenações de Assistência Estudantil e sua diretoria sistêmica, a realidade mostrou-se outra: “foi o trabalho dessa galera que mudou tudo para a gente. Conseguimos – eu e colegas – receber os auxílios e providenciar os equipamentos. Estou bem satisfeito, meu rendimento escolar melhorou muito e estou conseguindo desenvolver bem as atividades que preciso”.

Mateus se inscreveu, foi selecionado para receber os auxílios e sua postura diante do ensino remoto emergencial mudou: “ter um computador em casa fez toda a diferença. Para estudar e para praticar, sendo estudante de Informática, uma máquina é essencial. Imagina aprender e treinar programação sem equipamento? Agora, mesmo de casa, consigo pôr em prática conteúdos vistos na parte

teórica. Antes, somente nos laboratórios do *Campus* isso era possível para mim”.

A casa também é uma referência para Beatriz Costa, estudante do 4º ano do Curso Técnico Integrado em Meio Ambiente no *Campus* São Paulo do Potengi: “costumo dizer que o IFRN não é só uma instituição, é uma casa, que me acolheu desde o começo, e com a pandemia não foi diferente. Tive/tenho muitas dificuldades com o ensino remoto, seja o cansaço físico e mental ou a necessidade de conciliar os estudos com as tarefas domésticas, mas algumas delas foram resolvidas, graças aos editais da Assistência Estudantil. Fui contemplada com o auxílio para internet e com o do dispositivo eletrônico. Essa iniciativa do IF foi de suma importância para eu poder realizar as atividades acadêmicas. Tenho certeza de que várias pessoas com perfil de baixa renda, como o meu, não teriam conseguido se manter no ensino remoto sem esses auxílios”.

Já Lydia Souza, estudante do 4º ano do Curso Técnico Integrado em Agroecologia no *Campus* Ipanguaçu, temeu um pouco mais que Mateus e Beatriz: “lembro que estávamos no início do 4º ano. Encarávamos a pandemia com muita tristeza e incertezas, inclusive por nos atingir no último ano de curso”. A declaração da estudante também revelou preocupação com colegas e com a Instituição: “eu me perguntava como iria conseguir acompanhar as aulas sem um equipamento eletrônico adequado e como os outros estudantes – que nem tinham internet! – iriam

assistir essas aulas. Durante o período anterior à aprovação do ensino remoto, o IFRN enfrentava um momento institucional atribulado, com questionamentos sobre a gestão *pro tempore*, o que foi um desafio a mais para a criação dos auxílios digitais para internet e aquisição de equipamentos eletrônicos, forma de garantir o acesso à educação pública e de qualidade”.

Lydia apontou a seleção no edital para os auxílios como uma das razões de continuar no IFRN: “com muita luta, os auxílios chegaram até nós. Eu, aluna que recebi o auxílio digital para aquisição de equipamento eletrônico, afirmo que sem esse auxílio, muito provavelmente eu teria desistido do curso, seria impossível continuar estudando sem os meios adequados”, finalizou.

Nallanda Lorena, estudante do 4º ano do Curso Técnico Integrado em Eletrotécnica no *Campus* João Câmara, por sua vez, também dividia o equipamento para poder acessar às aulas: “antes da iniciativa [do Edital], eu tinha de compartilhar um computador com mais três pessoas em minha casa, o que era muito difícil porque alguém tinha que abdicar dos seus estudos para o outro ter acesso, causando até pequenas intrigas diárias. Com essa proposta de auxílio emergencial, vi a solução surgir diante de meus olhos, pois dessa forma, além de garantir acesso às aulas, melhorei o convívio com as outras pessoas de casa. Foi o IFRN quem, graças ao auxílio, permitiu outra realidade e eu sou muito grata e me sinto privilegiada por isso, pela oportunidade”.

Do *Campus* João Câmara, Sabrina Vale falou sobre encantamento e gratidão: “sempre que eu passava em frente ao *Campus*, admirava a grandeza daquela estrutura. Passou o tempo e minha vez chegou, em meio à pandemia: recebi um e-mail e era o sonho virando realidade. Veio matrícula, Semana de Integração e o começo das aulas. Tudo muito bom, equipe e professores acolhedores e gentis, passando todas as orientações sobre os módulos e sobre tudo o que aconteceria nas aulas”, descreveu a estudante do 1º ano do Curso Técnico Integrado em Informática.

“Eu, sem notebook, assistia pelo celular”, seguiu Sabrina, “e isso é muito complicado, principalmente quando tinha que fazer algum trabalho. Mas nem deu tempo de me desesperar, pois foi lançado o edital para o auxílio eletrônico e de internet. Fiz minha inscrição e, graças a Deus, fui selecionada. Eu agradeço muito ao IFRN por pensar em nós. Não tinha condições de comprar um computador e acredito que só estou estudando e realizando dia a dia meu sonho por estar no Instituto e por ter sido uma das pessoas selecionadas para receber esses auxílios. Minha palavra é gratidão a quem fez essa seleção ser possível”.

RESPONSABILIDADE, APOIO E PERMANÊNCIA

“Todos os programas de Assistência Estudantil possuem uma enorme importância para a permanência dos estudantes. Mas os auxílios emergenciais, criados em razão da pandemia, são responsáveis por garantir o próprio direito à educação, seja auxiliando na aquisição de dispositivo

eletrônico ou de uma internet adequada, eles viabilizam/ oportunizam o próprio ensino remoto para muitos estudantes. Por isso, acredito que para cada assistente social é uma responsabilidade e uma dificuldade muito grande ter que administrar um processo seletivo para esses auxílios. Para mim, pessoalmente, que defendo a universalidade dos direitos, entre eles o da Educação, o processo seletivo é doloroso”, o desabafo é de Carina Fernandes, lotada no *Campus* São Gonçalo do Amarante.

A assistente social foi uma das integrantes do Grupo de Trabalho de Serviço Social que conduziu o processo de construção do Edital até sua adequação ao Sistema Unificado de Administração Pública (Suap), ferramenta digital de gerenciamento acadêmico e administrativo do IFRN. Segundo ela, embora pouca gente conheça o trabalho anterior à abertura de vagas e à divulgação dos processos seletivos do IFRN, em todos os *campi* e na Reitoria são muitas e longas horas de trabalho diário, dedicadas à construção de editais e à condução dos processos. “Todas as etapas têm de ser pensadas e construídas a muitas mãos. Além do grande grupo de assistentes sociais, contribuem a Auditoria, a equipe de Tecnologia da Informação da Reitoria, especialmente os servidores responsáveis pelo módulo de Assistência Estudantil, bem como consultas à Procuradoria Jurídica da Instituição”, disse.

Para Etiene Ferreira, a execução do primeiro edital para o Ensino Remoto Emergencial foi um dos trabalhos

mais complexos que já realizou. O período de implementação e execução do Auxílio para o Ensino Remoto Emergencial, segundo ela, trouxe uma sobrecarga de trabalho que só teve vazão diante do apoio de uma comissão, constituída a partir de delegação da Direção-Geral do *Campus* Natal Zona Norte, onde a assistente social é lotada.

“O trabalho teve de ser desenvolvido em tempo recorde por todas as Coordenações de Atividades Estudantis (Coaes) do Instituto. No *Campus* Natal-Zona Norte, a comissão para implementação dos auxílios digitais deu um suporte fundamental. Uma seleção para auxílios leva, em média, 30 dias para ser executada, desde a construção do texto até a divulgação dos resultados. O primeiro edital para o Ensino Remoto foi efetivado em 15 dias. Diante do volume de trabalho e com um aumento sem precedentes na demanda – chegamos a receber mais de 100 e-mails por dia! –, somente essa comissão pôde fazer frente ao que chegava de serviço, auxiliando nos esclarecimentos sobre os repasses e as prestações de contas, por exemplo”, esclareceu.

Para ela, a experiência ampliou a visão do que é feito pela Assistência Estudantil: “colegas de outras áreas puderam ver e acompanhar de perto a complexidade que envolve o trabalho. Foi possível perceber, pelos relatos recebidos, que os auxílios estavam fazendo a diferença, o quanto eram e são importantes. Isso nos estimula a seguir e seguimos, fazendo, se não o melhor, o nosso melhor”, disse.

REDES SOCIOASSISTENCIAIS, DIFICULDADES E COMPROMETIMENTO

Sua colega Suzérica Helena, assistente social lotada no *Campus* Avançado Parelhas, segue a mesma linha de pensamento. “O trabalho comprometido de colegas assistentes sociais pela ampliação de direitos da classe discente se complexifica nesse momento de crise política e sanitária: as demandas que chegam a tais profissionais expressam a perda dos direitos sociais e trabalhistas, sejam elas garantias, políticas ou serviços públicos. A realidade é de dificuldades de ambiência para estudos, questões relacionais familiares, extrema vulnerabilidade socioeconômica, insegurança alimentar, dentre outros, que se somam aos desafios do ensino-aprendizagem no atual contexto de Ensino Remoto, situações que impactam diretamente a vida escolar de estudantes do IFRN e de quaisquer outras instituições”, pontificou.

Carina Fernandes complementou a fala das colegas: “o Serviço Social é um dos setores que conhece a fundo as necessidades dos estudantes. Ouvimos os relatos, muitas vezes desesperados, antes, durante e depois do processo seletivo. Conhecer essas histórias e dificuldades torna essa seleção um processo ainda mais desgastante para nós; é tão estressante que se reflete muitas vezes na saúde física de quem lida com tais questões”.

Para Suzérica, tantas questões poderiam ter sido, pelo menos, diluídas, o que evitaria parte do estresse citado pela

colega: “o IFRN carecia de respostas institucionais cada vez mais urgentes e efetivas para a execução da política de Assistência Estudantil diante do retorno das atividades de Ensino. Essas respostas só se dariam a contento quando implementadas em uma perspectiva intersetorial, articuladas com outros serviços da rede socioassistencial. No Instituto, contudo, além do contexto de pandemia, vivenciávamos outra realidade, também muito desafiadora: o período da gestão *pro tempore*”.

Etiene reforça as palavras da colega: “o contexto era muito complexo: uma pandemia – nunca vivida pela nossa geração, com a aproximação assustadora da morte – e uma gestão *pro tempore* questionada dentro do Instituto, algo inédito também. A soma desses fatores criou um cenário de turbulência, em que era difícil dialogar”.

Suzérica, contudo, vê o horizonte mais amigável, pois, “apesar dos desafios vivenciados, foram viabilizadas também possibilidades, sempre com foco e comprometimento com uma educação pública, gratuita, democrática e de qualidade. De *campus* a *campus*, ações articularam esforços para atenuar os impactos da atual crise política e sanitária instaurada. E é com essas estratégias – que nos fortalecem, que constroem a Instituição e a política de educação como espaços potenciais de transformação e acesso a direitos – que alimentam as relações de afeto e comprometimento que me conecto ao IFRN desde antes de ser servidora, apesar das dificuldades”.

DA BASE À PONTA

Diretora de Gestão de Atividades Estudantis, Valéria Regina assumiu a função em dezembro de 2020, junto à equipe nomeada pelo reitor José Arnóbio. Cabe à Diretoria a busca pela consolidação do direito de qualquer estudante em ter condições de permanecer na escola, receber tratamento baseado na igualdade, respeitando-se as diferenças, e possibilitando uma formação consistente e compatível com as atuais exigências da sociedade. “O que está descrito no Regimento da Reitoria do IFRN é apenas um esboço do que se produz e desenvolve na Digae. Dentre as competências, destaco o compromisso com a proposição e acompanhamento da implantação de programas de assistência a discentes do Instituto, cabendo ainda supervisionar a execução de políticas de assistência a estudantes. E destaco por ser esse o momento em que essa atribuição mais esteve em evidência. O período que atravessamos foi difícil como poucos, mas, com otimismo e muita luta, estamos saindo mais fortes. Com muitas marcas e dores pelo caminho trilhado, é verdade, mas com foco, pois ainda há batalhas a serem vencidas”, sentenciou.

O trabalho realizado agora pela Digae teve início ainda antes de setembro, quando o primeiro edital foi executado. O trabalho, à época, foi resultado de bastante negociação dentro da Rede Federal e do próprio IFRN.

ORÇAMENTO, ADMINISTRAÇÃO E REMANEJAMENTO

Ao final de cada ano, todos os setores do IFRN fazem seu planejamento de ações de acordo com os recursos que

são disponibilizados pelo Governo Federal. Quando começou 2020, cada setor já tinha as suas atividades planejadas, aguardando a aprovação do orçamento, pelo Congresso, para poder executar as atividades depois que os recursos fossem repassados, explicou Raquel Costa, secretária administrativa e pró-reitora de Administração no período de lançamento do primeiro edital de auxílios digitais. Em março, a pandemia suspendeu as atividades presenciais.

Como grande parte do orçamento do IFRN é voltado justamente para os gastos com a manutenção e funcionamento das unidades – as chamadas verbas de custeio –, a paralisação das atividades nos *campi* gerou a necessidade de suspender contratos: “a situação da pandemia foi se intensificando e, com vários contratos suspensos, recursos ficaram parados, pois atividades não puderam ser executadas, principalmente no âmbito da Assistência Estudantil, como viagens de campo, participação em eventos externos, jogos e etc. Então tudo isso teve que ser suspenso, afinal não se tinha previsão de quando poderiam ser retomadas tais atividades”, disse Raquel.

Ao mesmo tempo, dentro da Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica, começou a discussão sobre retorno das atividades de Ensino sob a forma de aulas remotas. Conhecendo o perfil discente do Instituto, surgiu a preocupação com a questão do acesso à

internet e a equipamentos que permitissem o acompanhamento das aulas.

“É missão da Assistência Estudantil enquanto política que atua prevenindo a evasão e a retenção escolar para a concretização do direito à Educação por parte dos nossos alunos, trilhar um caminho rumo à ampliação do conceito de Cidadania, entendida enquanto dimensão social imbuída de direitos e deveres. Entender e respeitar as necessidades do corpo discente, principalmente aqueles que estão entre os 90% dos estudantes do IFRN que são considerados como público em vulnerabilidade socioeconômica, elevava a categoria de urgentes ações como a dos Auxílios Digitais no Ensino Remoto”, disse Karina Bezerra, assistente social lotada na Reitoria do IFRN.

A NECESSIDADE DE UM LADO.

OS RECURSOS PARADOS DE OUTRO: UMA SAÍDA POSSÍVEL

“Havia, só da parte de contratos, quatro milhões estagnados no IFRN, devido à suspensão. Com o suporte da Rede, fomos ao Ministério da Educação e ao da Economia pedir a mudança de finalidade dos nossos recursos: o que antes estava destinado a pagar aqueles contratos passaria a estar disponível para fomentar os auxílios. Também havia verbas de capital, que são aquelas voltadas à compra de bens e materiais, que poderiam ser remanejadas e ainda houve movimentação de crédito entre os *campi*”, segue Raquel. Com o pedido formalizado e atendido, o IFRN

pôde dispor de R\$ 8.849.232,53 repassados aos *campi* para pagamento dos auxílios digitais em 2020, segundo dados da Pró-Reitoria de Administração (Proad).

De acordo com Juscelino Cardoso, pró-reitor de Administração em dezembro de 2020, o segundo Edital teve investimento inicial de R\$ 2.758.600. No total, foram atendidos 4.946 estudantes.

“Feliz do IFRN que, por ter ainda alguns recursos financeiros, conseguiu implantar essas ações, minimizando os negativos e terríveis impactos que essa pandemia traz para a Educação. Impactos que demandarão muito tempo até alcançarmos o patamar em que nos encontrávamos antes. Sabendo que todas as ações têm relevância, reforço que, quando se trata do social, não importa de curto, médio ou longo prazo: a diferença está naquele 1%, 2% ou 3%. Em uma estrutura com milhares, pode parecer pouco, mas num país de desigualdades como o Brasil, pode ser a única opção”, celebrou Etiene Ferreira, do *Campus* Natal Zona Norte.

ASSISTÊNCIA SOCIAL NO IFRN

Para chegar a esse patamar de realizações, contudo, a atual Digae desenvolveu um longo histórico. É o que lembra Solange Fernandes, que atou na Diretoria durante a gestão do professor Belchior Rocha como reitor do IFRN (2008/2016):

“A Assistência Estudantil do IFRN foi sedimentada como política institucional em 2010, com o Programa

Nacional de Assistência Estudantil (PNAES) no âmbito das Instituições de Ensino Superior e nos Institutos Federais. Mas, já em 1962, era implementado, na então Escola Industrial do Rio Grande do Norte, o Serviço Social Escolar”, destacou a também assistente social, lotada no *Campus* Parnamirim.

Solange desenvolveu, em uma especialização, um trabalho sobre a política de Assistência Estudantil do IFRN, contribuindo na construção desse tópico da reportagem: “dentre as ações de Assistência Estudantil desenvolvidas ao longo da trajetória histórica dessa Instituição, merecem destaque as bolsas estudantis. Uma delas foi o Programa Especial de Bolsas de Estudos, denominado ‘Pebe’, implementado em 1972 e que deu origem ao Pró-Técnico¹. A outra, o Programa ‘Bolsa de Trabalho’, do mesmo ano, que incentivava a formação de hábitos referentes ao trabalho e fomentava o estudo, por meio da conciliação dessas atividades”, pontuou.

“Para quem não tinha ideia da dimensão da Assistência Estudantil, o período de pandemia fez ver de maneira clara e direta: o trabalho para constituição dos auxílios ao Ensino Remoto Emergencial e, também, a readequação da alimentação escolar em forma de cestas básicas são prova disso. Estive na Assistência Estudantil por um razoável período e posso testemunhar: nosso corpo discente é muito bem assistido. São profissionais muito competentes trabalhando em cada *campus*, pessoas que sabem realmente o

1 O Programa tinha o objetivo de oferecer a estudantes recrutados entre trabalhadores e seus dependentes a oportunidade de intensificar seus estudos através de cursos preparatórios gratuitos para ampliar as possibilidades de habilitação nos exames classificatórios para ingresso na então Escola Técnica Federal do Rio Grande do Norte (ETFRN)

que nossas e nossos estudantes necessitam”, elogiou Odisseia Gaspareto, à frente da Digae entre agosto de 2017 e abril de 2020, durante a gestão do professor Wyllys Tabosa como reitor (2016/2020).

Erivan Sales, que antecedeu Odisseia na Diretoria, destacou outro momento de avanço na consolidação da Digae: “nós procuramos, sempre, dar o máximo de atenção ao alunado. Para facilitar a relação entre os *campi* e estudantes, criamos vários Grupos de Trabalho: Saúde, Nutrição, Psicologia e Esportes, por exemplo. A ideia era, desde então, a interação e integração de profissionais com o mesmo fazer”, lembrou o professor, que saiu da Diretoria ao se aposentar.



“CONEXÕES”: PROJETO UNE CAMPI, DOCENTES E ESTUDANTES PELA ARTE

*Iniciativa integrou Música, Dança, Teatro e
Cultura Popular*

Davi Severiano,
técnico em audiovisual do *Campus Natal-Central*



As novas realidades provocadas pelo contexto da pandemia do novo coronavírus transformaram o modo de se fazer praticamente tudo. Novas tecnologias foram desenvolvidas e aprimoradas, enquanto profissionais de todas as áreas precisaram reformular a realização de suas atividades laborais. As salas de aula tradicionais se tornaram reuniões virtuais. Os palcos, outrora repletos de artistas inspirados, deram lugar às *lives* de música. E diante de um panorama tão negativo, desde o isolamento social às milhões de vidas perdidas ao redor do mundo, a sublimação alcançada por meio da arte mostrou-se mais que um bálsamo derramado sobre a dura realidade. Ela virou uma necessidade humana, um dos pontos de equilíbrio que manteve as pessoas sãs. No Instituto Federal do Rio Grande do Norte (IFRN) não foi diferente.

Com todo o cenário de mudanças instalado, a Instituição não parou. E foi preciso se reinventar para continuar

produzindo expressões artísticas: o que antes era feito dentro dos muros da escola ganhou nova perspectiva com a melhor utilização da internet – sobretudo as redes sociais. O IFRN, conhecido nacionalmente como um importante núcleo acadêmico no desenvolvimento de tecnologias e de estudos em diversas áreas, sempre respirou arte. Desde os espaços de convivência, com estudantes entoando canções ao som de violões, passando pelos espetáculos de teatro no auditório e pelas cores que dão vida aos espaços de congregação até às aulas de teoria musical. A arte pulsava nos corredores dos *campi*. Mas a pandemia atingiu o Brasil em cheio. E com a necessidade do isolamento social, tudo mudou. O tanger das cordas acompanhando os corais de vozes deu lugar ao canto solitário dos pássaros. Os palcos ficaram vazios.

“Quando começou a pandemia, a gente ficou um pouco perdido”, conta Valdier Ribeiro, professor de Música do *Campus* Natal-Central do IFRN. Com um histórico de largo envolvimento com Extensão e prática musical, Valdier sempre desejou que a música no IFRN fosse muito mais do que uma disciplina ou objeto de estudo acadêmico. “Eu queria que não apenas falássemos de música em conversas ou problematizações, mas que houvesse também o aspecto da música viva ali dentro do *Campus*. Tínhamos vários projetos, como o Coral Jovem Popular, a nossa orquestra, várias bandas... Com a pandemia, tivemos que parar tudo”, recorda. Diante desse cenário, ele se pôs a pensar no papel terapêutico da música: em tempos de

crise, com as pessoas enfrentando tantos problemas, que vão desde o desgaste da saúde mental até dificuldades de ordem financeira, como ela pode trazer conforto e consolo à população? A solução tomou forma coletiva. “Conversei com alguns professores próximos, de vários *campi*. A gente se uniu e começamos a criar conteúdo musical e alguns vídeos”, lembra Valdier. Da participação de docentes para a de estudantes, naturalmente, não demorou. “Convidamos também alunas e alunos para participar. E a gente foi criando todo esse movimento de ações artísticas”, pontua.

Com o desenrolar dessas atividades, Valdier se deu conta de que havia algo surgindo ali, espontaneamente. “Nós já tínhamos uma relação boa, uma rede de amizade forte entre os professores, inclusive por causa do *Musicampi*, projeto de Extensão que montou uma banda com músicos de *campi* diferentes. Mas o próprio *Musicampi* era um projeto que só contava com professores, não havia a participação dos alunos”, ele lembra. Com a pandemia, o ensino remoto e essas interações tecnológicas, o grupo de professores e estudantes começou a criar junto. Ali, como o próprio Valdier se refere, era a “gestação” do que viria a se tornar o projeto Conexões.

O PROJETO

Com tudo isso em curso, Valdier aperfeiçoou a ideia, pôs mãos à obra e tocou o barco rumo à formalização aprimorada do que já vinha acontecendo. “Escrevi o projeto e

comecei a convidar colegas docentes de Arte de diversos *campi*”, lembra. O resultado desse trabalho, feito a muitas mãos, foi o “Conexões: a Cultura Popular do IFRN”, um projeto de Extensão que tem como objetivo criar e promover construções artísticas através de contribuições de estudantes e professores da Instituição. Logo os limites da música foram desfeitos, já que o escopo do trabalho passou a abranger também várias outras linguagens da arte, como o teatro, a dança e as artes visuais. E, à medida em que as produções foram tomando forma, a proposta foi a de veicular, por meio da internet, aquilo que o IFRN produz em termos de arte e cultura para a sociedade.

A primeira produção do projeto foi um clipe intitulado “Um dia no sertão”, publicado no dia 30 de abril de 2021. O trabalho trouxe a união entre a musicalidade, o teatro, a poesia e a linguagem fotográfica com a utilização de mamulengos, elemento-chave da cultura popular nordestina. Ao fazer uso de toda essa diversidade, o vídeo é um mergulho no cotidiano do povo sertanejo. Na esfera musical, foi utilizada como trilha sonora uma peça do compositor Heitor Villa-Lobos, interpretada por Ana Judite, professora de Música do *Campus* Natal-Central, com os arranjos desenvolvidos pelos professores Valdier Ribeiro e Alanderson Maxson, do *Campus* Macau. As participações musicais abarcaram interpretações de diversos professores e estudantes de vários *campi*. Em relação ao trabalho visual do vídeo, algumas imagens foram produzidas pelos professores de Artes Visuais e

discentes do IFRN, contando com a supervisão das professoras Suély Souza, também do *Campus* Natal-Central, Gerlúzia Azevedo, do *Campus* Caicó, e Lucifrance Figueiredo, do *Campus* Apodi. O estudante Alex Melquiades, do *Campus* Apodi, interpretou um trecho do poema “Prefiro a simplicidade”, extraído da obra de Bráulio Bessa. Ele contou com o apoio e a supervisão do professor Abraão Lincoln, lotado no *Campus* João Câmara. A coordenação geral e a edição de áudio e imagens ficaram a cargo do idealizador do projeto, o professor Valdier Ribeiro.

A condução das atividades no contexto de distanciamento social não foi uma tarefa tão fácil quanto pode parecer. Mas mesmo com as limitações e os contratempos impostos pelo isolamento, a equipe do projeto conseguiu aparar as arestas e contornar a situação. “Tivemos que nos adaptar e nos reorganizarmos em tempo recorde”, conta Ana Suély. “Usamos os recursos das salas virtuais para conversarmos e trocarmos ideias acerca do “Conexões”. “Discutimos pontos pensando na temática e fazemos um planejamento coletivo sobre como vai ser o processo até chegarmos no produto que queremos apresentar”, explicou a professora, que enxergou com bons olhos o diálogo entre os vários *campi* do IFRN proporcionado pelo “Conexões”. “Nós, os professores do Núcleo de Arte (Nuarte), sempre trabalhamos em parceria dentro do nosso *Campus*, em um diálogo com essas três linguagens da arte: teatro, artes visuais e música. Sempre trabalhamos conectados. Até que esse

projeto se estendeu, por meio do professor Valdier, sendo pensado como esse mesmo trabalho em equipe no âmbito *intercampi*”, conclui Suély.

O processo criativo constante da equipe do “Conexões” não tardou em frutificar novamente. Mais uma vez destacando o fazer coletivo característico do grupo, o clipe, contendo uma versão de Asa Branca, tradicional peça do cancionário nordestino, foi publicado no dia 23 de junho. A canção, um dos símbolos de luta e bravura do povo sertanejo e composta por Humberto Teixeira e Luiz Gonzaga, foi executada pelos professores de Música Ana Moraes, do *Campus* Canguaretama, e Alanderson Maxson, do *Campus* Macau, além do professor Valdier Ribeiro, do *Campus* Natal-Central.

Todo o conceito musical surgiu da união de dois gêneros diametralmente distintos: o brasileiríssimo e envolvente baião e o tradicional e sofisticado jazz, consagrado por grandes músicos norte-americanos. A gravação foi enquadrada em uma harmonia quartal – em que os acordes são definidos em sobreposição de intervalos de quarta. “Nós inserimos a composição dentro de uma lógica própria do jazz. Eu fiz esse arranjo como uma forma de estudo. Alanderson quis participar e incluir o saxofone, assim como Ana Moraes se propôs para colocar a percussão”, ressalta Valdier. A inclusão do jazz dentro da sonoridade rítmica do Nordeste também faz parte do enriquecimento cultural que o projeto

propõe. Para Abraão Lincoln, professor de Teatro do IFRN, essa redescoberta artística das raízes locais inseridas em diferentes roupagens é atributo essencial do trabalho realizado. “Eu penso que o Conexões está no caminho certo porque se propõe a trabalhar com a arte e os elementos pertencentes à nossa cultura popular, tão rica e diversa. A arte é muito ampla e, às vezes, é necessário delimitar um tema para poder desenvolver um trabalho. Então é muito saudável trabalhar questões artísticas voltadas para a cultura regional porque estamos, assim, despertando, além do conhecimento, a valorização da identidade cultural”, pondera.

VISÃO DO ESTUDANTE

Não menos importante para o pleno funcionamento do “Conexões”, há a participação de estudantes como artistas. Bianca Maria, que cursa o 3º ano do Curso Técnico Integrado em Controle Ambiental no *Campus* Natal-Central, teve contato com Música desde que ingressou na Instituição. “Fiz parte do coral com o professor Valdier em 2019, no ano que entrei no IF. E foi sempre muito bom, fizemos várias apresentações. Aí, em 2020, quando veio a pandemia, ele chamou quem já era do coral para fazer produções artísticas de forma remota”, ela relata. Era essa a forma possível para o *Campus* se manter ativo artisticamente à época, o que resultou em um aprendizado sobre gravação de imagem e áudio, fomentado por encontros virtuais em plataformas de videochamadas, que ocorriam

uma vez por semana. Bianca e seus colegas ajudaram a fazer várias produções durante o 2020 – o que manteve o grupo, ainda em uma informalidade, unido e coeso.

“Quando chegou 2021, o professor Valdier me convidou para participar do ‘Conexões’, e tem sido uma experiência muito boa de contato com colegas e professores, de troca de ideias e de oportunidade de aprendizado, nas oficinas oferecidas. Tenho encarado tudo isso com alegria. Como eu sempre falo: ‘é um desafio, mas eu quero encarar’”, relata Bianca, que já participou de outras intervenções musicais, tocando piano e cantando. E como não poderia deixar de ser, a natureza do projeto, que abraça a região nordestina, sempre fala mais alto. “Acho muito interessante essa proposta de diálogo com a cultura nordestina. Afinal, estamos no Nordeste, precisamos ter orgulho da nossa beleza. A gente muitas vezes tende a buscar fora, e é importante olhar para o que está realmente à nossa volta”, reflete.

Diretor-geral do *Campus* Natal-Central, o professor Jonas Lemos destaca a produção artística que o projeto de Extensão oferece à sociedade. “O projeto ‘Conexões’ é mais uma feliz ideia do professor Valdier. Por meio dessa proposta, é possível verificar a paixão que a música popular brasileira desperta em nosso Instituto. E mais, que há discentes e docentes com grande talento. Nesse momento pandêmico, o projeto oferece qualidade, integração e diversão a nossa comunidade. Vi, por exemplo, colegas que

tocam instrumentos, que cantam, que expressam com plenitude toda a sua paixão pela arte. Ele sintetiza e mescla, de alguma forma, a mais pura expressão da música, da dança e do teatro”, conclui.



PROJETO ECO-SUSTENTÁVEL: MEIO AMBIENTE E ECONOMIA A PARTIR DO LITORAL POTIGUAR

*Projeto criado por estudante do IFRN no interior do estado,
leva conscientização e preservação ambiental*

Luciano Vagno,

estagiário de Jornalismo na Reitoria do IFRN

É comum que desde pequenos mostremos interesse por alguma área ou profissão. Não raramente, esse interesse se torna paixão, o que tende a resultar em uma sólida carreira, quando adultos. Esse é o caso de Diego Barbosa, estudante da Licenciatura em Geografia, no *Campus* Natal-Central do Instituto Federal do Rio Grande do Norte (IFRN). O jovem, filho de agricultores, mantém o projeto Eco Sustentável, criado por ele em 2020. A iniciativa, que recebeu o apoio do IFRN, através da Incubadora Tecnológica para o Fortalecimento dos Empreendimentos Econômicos Solidários (IFSol) do *Campus* Canguaretama, tem dado frutos por várias cidades do estado.

Diego tem 22 anos e mora em Mazapas, distrito de Nísia Floresta, na Grande Natal. Desde o Ensino Médio, o jovem já era sinônimo de meio ambiente. Foi em uma feira de Ciências, em 2016, que ele criou um projeto dedicado exclusivamente à natureza. Esforços não eram medidos

quando o assunto era levar informação sobre preservação ambiental para a população.

O projeto criado foi a certeza daquilo que Diego já sabia: seria essa a sua área de atuação profissional. Dali em diante, novos projetos iriam ser pensados. Em 13 de maio de 2020, quando estava quase concluindo sua primeira graduação, no curso Gestão Ambiental, o jovem deu início ao projeto Eco Sustentável. A ação, como o nome sugere, tem o objetivo de contribuir para a sustentabilidade do planeta. “A base da sustentabilidade está relacionada com a economia, com as relações sociais e com o meio ambiente. A partir daí, criei o projeto”.

Conscientização e educação ambiental são o foco da iniciativa, que tem por base as 17 metas dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS), da Organização das Nações Unidas (ONU). As metas buscam erradicar a pobreza e proteger o meio ambiente e o clima, propostas pela Agenda 2030. Dessa forma, Diego começou a trabalhar com compostagem orgânica caseira.

Quem explica o que é compostagem é a engenheira civil e professora Régia Lúcia Lopes. “Trata-se de um processo de transformação da matéria orgânica em um produto novo, a partir dos próprios microrganismos presentes nos resíduos e no meio ambiente. Eles transformam o resíduo em um composto, em líquido e em gases, gerados na própria ação. Quando se utiliza minhocas para acelerar o processo, chamamos de vermicompostagem, e o produto resultante, de húmus de minhoca. É uma técnica milenar

para degradação de resíduos orgânicos. A compostagem aproxima a gente dos processos naturais”.

Mesmo já aposentada de suas atividades como professora da Instituição, Régia é colaboradora voluntária do Programa de Pós-Graduação em Uso Sustentável dos Recursos Naturais (PPgUSRN) e uma entusiasta de assuntos relacionados ao meio ambiente. Ela possui sua própria composteira e diz ser esta uma alternativa para a redução de gases que resultam no aquecimento global, especialmente em cidades. “Como a produção de resíduos em cidades é muito grande, eles vão para os aterros sanitários, que acabam se tornando uma espécie de biodigestor. Isso faz com que se gere outros tipos de gases que podem causar o efeito estufa, como o metano, e líquidos que podem poluir o solo e os corpos d’água se não forem tratados e dispostos adequadamente. De que forma podemos minimizar isso? Fazendo nossa compostagem caseira”.

A professora deixa claro que qualquer um pode aderir à compostagem, desde que tenha as necessárias condições. “Nem precisa de tanta coisa. Existem as composteiras artesanais, mas existe, na internet, vários modelos que podemos reproduzir, utilizando baldes de manteiga ou de tinta”. Desde maio de 2020, Régia aderiu a essa reutilização de resíduos orgânicos gerados em sua casa. Ela conta que passou a olhar para o que produzia com outros olhos e viu, na compostagem, uma oportunidade de ressignificar aquilo que gerava.

Com uma composteira aeróbica em casa – na qual os microrganismos utilizam oxigênio no processo –, Diego

reutilizou baldes, que levam a marca do Eco Sustentável, e passou a distribuí-los a moradores da sua região. Ele explica como acontece todo o esquema: “os pequenos geradores têm, em suas casas, os baldes. Uma vez na semana, eu passo coletando os resíduos para colocar na minha composteira para que esses resíduos orgânicos gerem composto e voltem novamente para o solo, para que, através disso, feche o ciclo”.

A chegada da pandemia do novo coronavírus interrompeu as atividades do projeto. Diego, porém, permaneceu ativo nas redes. Nos perfis do Instagram (@eco_sustentavel_10) e do Facebook (Eco Sustentável), o jovem leva informações sobre consciência ambiental, além de divulgar ações, como oficinas de compostagem doméstica e instalações de placas informativas em praias e lagoas da região.

Atualmente, Diego é estudante da Licenciatura em Geografia, pelo *Campus* Natal-Central do IFRN. Antes, porém, foi aluno da Licenciatura em Educação do Campo, pelo *Campus* Canguaretama. Lá, o Eco Sustentável logo foi abraçado, recebendo o incentivo de professores. Não demorou muito e o estudante já estava ministrando oficinas sobre compostagem. “Ensinei a professores e alunos. Todos que participaram se encantaram, gostaram muito. Alguns já conheciam o método. Outros, após a oficina, começaram realmente a realizar a compostagem em casa.

Ainda por meio do *Campus* Canguaretama, o projeto recebeu fomento da Incubadora Tecnológica para o Fortalecimento dos Empreendimentos Econômicos Solidários

(IFSol). Com a ajuda, foram produzidos conteúdos em imagem e vídeo, com o propósito de difundir ainda mais o conhecimento sobre sustentabilidade.

IFSOL

A Incubadora Tecnológica para o Fortalecimento dos Empreendimentos Econômicos Solidários do IFRN (IFSol) nasceu no ano de 2018, é o que explica Victor Marques, coordenador da IFSol durante 2021. Antes, porém, vários servidores do Instituto já apresentavam práticas de economia solidária. Eles, então, juntaram-se e formalizaram a IFSol. “Nosso trabalho é dar assessoria nos mais diversos saberes para grupos que tenham como base a lógica coletiva, associativa, cooperativa”, contou Victor.

Victor ainda acrescenta que o principal aspecto da Incubadora é “gerar renda de uma forma que traga elementos que possam ser menos prejudiciais para o trabalhador, não o trabalhador da lógica capitalista, assalariado, mas aquele que se junta [com outros] para produzir e comercializar e, com isso, gerar renda para que sobrevivam”.

Atualmente, a IFSol está presente em 12 *campi* do Instituto Federal do Rio Grande do Norte, contando com docentes das variadas áreas. “É uma incubadora multicampi para que, a partir de nossos multissaberes, darmos apoio. Não estamos conectados a somente um eixo da Instituição, mas àquilo que o IFRN deseja fazer e faz enquanto instituição de educação.

IMPORTANTES AÇÕES PARA O MEIO AMBIENTE

Para a professora Régia, iniciativas como a de Diego são importantes, tanto para as pessoas como para o meio ambiente. “Se cada um fizer sua parte, essas partes se juntarão em um todo e vão contribuir para mudanças. É preciso que ações como essa sejam valorizadas nos ambientes acadêmicos, porque é a partir da educação que iremos conseguir mudar alguma coisa”.

Diego faz questão de dizer que o projeto não é mais dele: é do povo. A colorida marca do projeto já é reconhecida por alguns em Nísia Floresta. A voz de Diego também. Ele já participou de programas de rádio da cidade, ampliando sua voz e sua bandeira. A cada dia ele se aproxima de seu objetivo: “um mundo mais sustentável, onde cada um saiba seu devido papel no planeta”.

Católico fervoroso, Diego associa seu trabalho a uma frase que ouve na igreja: “nós vivemos em uma casa comum, onde tudo é compartilhado. Todos somos responsáveis pelo lixo que geramos, pelos espaços públicos que caminhamos. Quero conscientizar o máximo de pessoas em Nísia Floresta, no Rio Grande do Norte, no Nordeste, no Brasil e aí por diante”.

DEVER DE EMPRESAS E DAS CIDADES

Ações como a de Diego mostram que a missão de preservar o meio ambiente é de todos nós, e se cada um fizer sua parte, os resultados serão maiores. É o caso das grandes

empresas. Jean Leite Tavares, professor dos Cursos Superiores de Engenharia Sanitária e Ambiental e de Gestão Ambiental no *Campus* Natal – Central e da Pós-Graduação em Uso Sustentável dos Recursos Naturais, explica como empresas e cidades podem atuar em benefício do planeta.

Segundo ele, a primeira coisa a se fazer é identificar as emissões de gases poluentes, atividade conhecida como “inventário”. “No caso das empresas, conhecer quais são os processos que emitem gases, como elas extraem matéria-prima. Então, elas podem reformular todo o ciclo reprodutivo olhando para esses aspectos das emissões”.

O professor ressalta que essas atitudes não devem ser tomadas apenas por grandes empresas: “as pequenas também podem fazer. A mesma coisa para as cidades: identificar pontos de emissões, como lixões, modificações no solo sem controle, práticas agrícolas que retiram vegetação natural... Tudo isso dentro da gestão urbana municipal pode ser feito, também, com vistas a controlar essas emissões, que são emitidas localmente, mas o efeito é global”. Jean Leite conclui dizendo que, se cada pessoa fizer a sua parte, pode ser que tenhamos sucesso nesse controle.



PELA TELA, PELA JANELA: ENSINO REMOTO EMERGENCIAL NO IFRN, POSSIBILIDADE E ADAPTAÇÃO DA DOCÊNCIA

Campi se uniram de forma sistemática para organizar capacitações e discutir retomada das aulas em caráter remoto

Eduardo Fernandes,

jornalista na Fundação de Apoio ao IFRN



A pandemia do Covid-19 trouxe várias mudanças para o cotidiano da sociedade e o ensino remoto emergencial foi uma delas, impactando fortemente as práticas de ensino-aprendizagem no IFRN. Com a Portaria nº 343 de 17 de março de 2020, o MEC dispôs sobre a substituição das aulas presenciais por aulas em meio digital no período de pandemia.

O Conselho Nacional de Educação (CNE), de forma a apoiar e legalizar a utilização do ensino remoto, em 28 de abril de 2020, lançou parecer tornando favorável a reorganização do calendário escolar e a possibilidade de cômputo de atividades não presenciais para fins de cumprimento da carga horária mínima anual, em razão da pandemia do Covid-19. O parecer foi homologado pelo Ministério da Educação, em 29 de maio de 2020. No IFRN, as aulas e atividades administrativas foram paralisadas de forma

presencial. Em regime de urgência, a decisão foi tomada no dia 17 de março de 2020.

Em 20 de março, a Reitoria emitiu a Portaria nº 530/2020, que definia os critérios institucionais para a prevenção e o enfrentamento à situação de pandemia decorrente do novo coronavírus. As atividades administrativas continuaram sendo desenvolvidas, mas quase totalmente através do trabalho remoto.

De fato, foi uma mudança inesperada, que exigiu uma rápida adaptação de servidores e estudantes para garantir a retomada do ensino, inicialmente, no formato remoto emergencial. Nessa perspectiva, servidores, fossem eles professores, técnicos administrativos e estivessem ou não em função de gestão, tiveram de discutir, planejar e elaborar estratégias para o novo processo. Em 12 de agosto de 2020, saiu a Resolução 39/2020 do Conselho Superior (Consup), que autorizou as medidas, em caráter excepcional, para o uso do ensino remoto emergencial em todos os cursos do IFRN. A autorização só foi possível após estudadas e redefinidas as diretrizes pedagógicas para o novo formato de aulas, o que também passou pela avaliação e aprovação do Consup, gerando a Resolução 40/2020. O documento alterava os itens da Organização Didática que impactavam a nova realidade. Durante esse processo, o papel dos servidores da Instituição foi essencial, buscando novas estratégias frente ao contexto

inesperado e garantindo a aprendizagem de qualidade que a Instituição oferece aos estudantes.

CAPACITAÇÃO DOCENTE

Os *campi* se uniram de forma sistemática para organizar e definirem ações de enfrentamento ao coronavírus e para discutirem a retomada das aulas em caráter remoto, a respeito do qual foi identificada a necessidade de promover a capacitação de professoras e professores em duas linhas de ação: a primeira sobre o ensino a distância com todos os elementos da modalidade e a segunda para trabalhar o que é ensino híbrido e ensino remoto.

No mesmo período, o professor de Biologia do *Campus* Parnamirim do IFRN desde o ano de 2014, Airton Araújo de Souza Júnior, retorna ao Brasil após um período desenvolvendo estudos sobre ensino híbrido em British Columbia, Vancouver, Canadá. Airton estava afastado da Instituição desde o ano de 2017 para seu doutorado no Programa de Pós-Graduação em Bioquímica pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Sua tese foi sobre ensino híbrido e gamificação aplicados ao ensino de Bioquímica.

“Fiz alguns projetos pilotos de aplicação de metodologias de ensino, dentre elas o híbrido, mas de forma ainda tímida durante o ano de 2015 para as aulas que eu lecionava no curso de Mecatrônica”, diz o professor. “Quando voltei ao país, nesse contexto de pandemia, inicialmente o *Campus* Lajes e o *Campus* Canguaretama

solicitaram palestras sobre o tema e, posteriormente, diante da necessidade de capacitação, fui convidado para ministrar o curso sobre ensino remoto e ensino híbrido para os professores”, explica.

Após esse entendimento, foi montado o curso e seu objetivo era que os professores vivenciassem o modelo de ensino remoto, através da imersão, com a proposta de elementos inovadores e recursos digitais, pilares do ensino híbrido, através da combinação de aprendizagem. Ou seja, partiu-se das premissas de combinar os momentos síncronos e assíncronos e de que ambos fossem interligados.

Para isso, foi montado um cronograma que contemplou todos os *campi*, de segunda a sexta feira, sendo divididos em sessões pela manhã, de 10h às 12h, e à tarde, das 16h às 18h, dois *campi* por sessão, intercalando momentos síncronos e assíncronos.

Ao ministrar o curso, o professor Airton organizou a capacitação em quatro momentos, divididos em quatro semanas. A primeira foi de fundamentação e teve como objetivo diferenciar as características do ensino a distância, remoto e híbrido. Na segunda, foi o planejamento e de como trabalhar os elementos e recursos para a efetivação. No terceiro momento foram abordados os recursos que seriam utilizados nos momentos síncronos e assíncronos, e, por último, houve a produção de atividades interativas e a extração de dados para o acompanhamento e engajamento dos alunos.

O treinamento foi feito entre 29 de julho e 31 de agosto de 2020, resultando em 15h. No final, cada participante teve de elaborar um trabalho de conclusão de curso.

O DESAFIO DA REINVENÇÃO

Educar no contexto de pandemia e isolamento social é sem dúvidas um dos maiores desafios que os professores já enfrentaram. Replanejar e adaptar-se às novas configurações do processo educacional, desenvolver habilidades digitais e criar uma cultura digital por meio de aplicativos e/ou recursos digitais e ambientes virtuais de aprendizagem tornou-se imprescindível.

Lúcia Costa é professora de Sociologia no *Câmpus* Parnamirim do IFRN e conta que, inicialmente, muitos foram os questionamentos de como continuar dando aulas nessa situação de isolamento social. “Sempre tive dificuldade com algumas ferramentas tecnológicas, de gravar ou ser gravada, não só em relação às aulas, mas também da vida pessoal, meus conhecimentos sobre isso eram mais básicos”, pondera Lúcia. A docente avalia que se sentiu um pouco relutante, mas pôde contar com o amparo de colegas e da equipe do *Câmpus*.

“Percebi que tinha que aderir ao ensino remoto para um bem maior, e a capacitação com o professor Airton seria a melhor solução para eu poder quebrar algumas barreiras. Não foi um processo fácil, mas, assim como eu, muitos professores também tinham esse dilema e limitações com

a tecnologia e suas aplicações específicas, alguns dominam essa área e outros não. A forma que o curso foi ministrado me fez ficar mais confiante. Hoje em dia fico surpresa com as coisas que estou conseguindo dominar e de fato me sinto preparada para realizar minhas aulas remotas”, reflete.

Caso semelhante é o do professor de Química no *Campus* Pau dos Ferros do IFRN, Ulysses Ferreira. Ele avalia que a experiência do ensino remoto chegou de forma muito rápida no cenário nacional e internacional e que foi preciso saber lidar com a situação de forma responsável. “Eu tive dificuldade no início, pois tivemos que nos adaptar muito rápido, mas o curso de capacitação me deu mais segurança para lidar com essas adaptações”, destaca.

Darlyne Fontes, professora de Eventos do *Campus* Canguaretama, fala sobre a necessidade de se recriar e a preocupação com os estudantes. “O tempo de semanas para dar todo o conteúdo de um semestre foi um dos maiores desafios na organização das disciplinas. Por outro lado, as plataformas que utilizamos agregadas ao Suap conseguiram atender às necessidades de postagem e acesso fácil ao ambiente virtual. Estar em ensino remoto não é fácil. Estar na presença dos estudantes, interagir, pensar em projetos e eventos presenciais fazem toda a diferença e faz muita falta. Contudo, se reinventar, ter resiliência e agradecer foram questões que precisei aflorar nesse momento. Penso que, nos tempos atuais, termos saúde e trabalho já é tanto que

os desafios vão se tornando menores. Penso nos alunos e nas dificuldades que eles enfrentam, principalmente, de acesso para o ensino remoto”, declarou a professora.

IMPACTOS E PERSPECTIVA FUTURA PARA O ENSINO E APRENDIZAGEM

O encontro com novas possibilidades de ensino diante da pandemia vem sendo um processo desafiador e que traz impacto em curto, médio e longo prazo na sociedade.

O professor Airton Araújo considera que o curso de capacitação sobre o ensino remoto e híbrido foi um dos maiores desafios acadêmicos para ele. “Ministrar um curso desse, para todos os professores do IFRN, tanto para os que têm expertise e outros com uma certa fobia à tecnologia, foi um desafio muito grande, mas muito enriquecedor. Me sinto muito grato pelo feedback positivo dos colegas e em saber que meu estudo de doutorado foi útil e importante para a instituição”.

Após a experiência, o docente continuou ministrando o curso em outras Instituições de ensino do país, incluindo os IFs. Quanto ao futuro, ele avalia que muitos professores conseguirão encontrar novas possibilidades de ensino sob a luz da tecnologia e a sua contribuição para a aprendizagem, e que tal modelo também será aplicado de forma consciente e responsável em iniciativas futuras.

Por outro lado, face às transformações e inovações que a tecnologia vem passando nos últimos anos, os gestores do IFRN avaliaram o cenário estabelecido com a pandemia de

Covid-19 e reorientaram seu planejamento estratégico para os próximos anos. Um dos fatos evidenciados foi a necessidade de oportunizar condições para que os estudantes possam acompanhar as aulas e desenvolver as atividades propostas de forma mais igualitária. “A pandemia de Covid-19 mostrou que as situações dos estudantes são muito desiguais. Equipamento tecnológico e acesso à internet são condições essenciais hoje aos processos de ensino-aprendizagem”, explicou o diretor.

Uma das saídas planejadas pela Diretoria em Gestão em Tecnologia da Informação (DIGTI) foi o projeto Desktop Digital. A proposta é investir recursos a fim de que os estudantes possam ter acesso a computadores virtuais: com um aparelho básico, eles poderão acessar sistemas operacionais de ponta de forma virtual. A tecnologia será viabilizada pelo IFRN. O diretor de Gestão em TI, professor André Gustavo, explica que o investimento inicial para atender mil estudantes será de cerca de R\$ 2 milhões. Com o desenvolvimento tecnológico, esse valor tende a cair. Outras ações que não podem mais deixar de ser realizadas são a contratação de licenças como as oferecidas pela Microsoft, que permite acesso a serviços hoje básicos, como plataformas de reunião on-line, espaços em nuvem para arquivamento de material, sistemas para planejamento de ações etc. Em paralelo, os desenvolvedores de sistema da DIGTI seguem aprimorando e desenvolvendo novos módulos do Sistema Unificado de Administração Pública (Suap), na busca por mais e mais autonomia na contratação de serviços externos.



DO TRONCO AO OLHO D'ÁGUA

*Museu Gídio Véio resgata a memória da comunidade
quilombola da Serra da Gameleira*

Luciano Vagno e Cleyton Fernandes,

integrantes do Núcleo de Jornalismo na Reitoria do IFRN



Século XVIII, depois de 1750. Um homem em fuga. O sertão potiguar era mato e seca. População indígena aqui e ali, também em fuga, quase sempre. Do município de Santa Cruz à Serra da Gameleira, no hoje estado do Rio Grande do Norte, são 12 léguas, quase 60 quilômetros. Gídio Véio sozinho. Gídio Véio, escravizado desde nascido. Sozinho e a pé. A fuga. Entre Santa Cruz e aquele olho d'água, a Serra da Gameleira. A liberdade de Gídio Véio. O começo de tudo.

Século XXI, depois de 2009. Uma mulher em busca de seu passado. Maria Lúcia Santos é seu nome. Gídio Véio é sua mais antiga referência familiar. A Serra da Gameleira é seu chão, desde a chegada de seu bisavô por aquelas terras. Assim contam os mais velhos, desde sempre.

Ali, com Gídio Véio, surgiu a comunidade reconhecida como remanescente quilombola da Serra da Gameleira. Ali, séculos depois, Maria Lúcia resgata a memória de um antepassado que não conheceu, idealizando um museu que leva o nome do escravo que forjou no próprio corpo sua liberdade.

Vivendo em Portugal há alguns anos, Maria Lúcia sempre volta ao Brasil e à Serra e, ainda em 2021, mesmo com a pandemia de Covid-19, promoveu a inauguração do Museu Gídio Velho. A obstinação dela tornou o museu uma realidade. A tenacidade dela instruiu – ou construiu – quatro trabalhos acadêmicos que tiveram a Comunidade Quilombola da Serra da Gameleira como pano de fundo. Sua dedicação à memória de seu povo levou à parceria, firmada e desenvolvida também durante a pandemia, com o Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros e Indígenas (Neabi) do *Campus* Canguaretama do Instituto Federal Rio Grande do Norte (IFRN). Esse conjunto de fatores proporcionou essa narrativa.

UMA COMUNIDADE QUE VIROU PESQUISA

Quem nos ajuda a contar essa história é o pesquisador Flávio Ferreira, antropólogo social, docente e diretor-geral do *Campus* Canguaretama. Seu contato com Lúcia e a comunidade remonta ao ano de 2007, quando havia no Rio Grande do Norte um intenso movimento pelo reconhecimento das comunidades quilombolas. Eventos na Assembleia Legislativa estadual, por exemplo, reivindicavam tais direitos.

Naquele mesmo ano, Flávio dava início a sua pesquisa de Mestrado, junto ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social (Pgas), da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). A Serra da Gameleira, a 103 quilômetros de Natal, foi o cenário; a memória de Gídio Véio se tornou um dos focos do trabalho.

O pesquisador contou que, no início, a produção do seu trabalho foi complicada. Isso porque o povoado era isolado, e o acesso a ele era restrito. Ao chegar no Monte, encontrou a seca. Aquilo fez o pesquisador imaginar as dificuldades daquele povo e os desafios em relação ao trabalho, às oportunidades e ao acesso à saúde e à educação. Não demorou muito, e a comunidade acolheu o pesquisador, que já estava se sentindo em casa – dormia, tomava café da manhã, almoçava, participava do trabalho na roça e das novenas. Sua dissertação, intitulada “Os Forrós da Serra da Gameleira – etnicidade, festa e sociabilidade”, foi defendida em 2009.

APOIO DO NEABI

Sete anos se passaram até os caminhos da bisneta de Gídio e os do professor Flávio se cruzarem novamente. Em 2016, Lúcia, também pesquisadora, entrou em contato com o professor, que estava na Direção Acadêmica do *Campus Canguaretama*. O motivo do contato foi a busca de apoio para o desenvolvimento de ações voltadas à Serra da Gameleira. O Museu Gídio Véio estava, finalmente, nascendo, tendo como suporte um decreto municipal, que, inclusive, cita o trabalho desenvolvido por Flávio. O Museu passou a existir em uma sede provisória. Entretanto, algum tempo depois, o local precisou ser desocupado, o que acabou interrompendo os trabalhos.

Em 2020, o Museu passou a contar com o apoio do IFRN, por meio do Núcleo de Estudos Afro-brasileiros e

Indígenas (Neabi) do *Campus* Canguaretama. O professor Nilton Xavier e a estudante indígena Meyriane Costa se juntaram à Flávio para a realização desse trabalho.

ESTUDOS AFRO-BRASILEIROS E INDÍGENAS

O Neabi tem o objetivo de apoiar e promover ações que valorizem e preservem as diferentes culturas, através do Ensino, da Pesquisa e da Extensão. Foi por meio desse terceiro pilar do IFRN – a Extensão –, que Flávio desenvolveu o projeto “Museologia Social e instalação do Museu Comunitário Quilombola - Gídio Véio”, que busca “salvaguardar os lugares simbólicos e de memória mediante o desenvolvimento de inventários coletivos a fim de garantir e afirmar a cidadania, direito à memória e políticas culturais”.

Outra dificuldade enfrentada por Lúcia na primeira versão do Museu foi o fato de ela não contar com uma rede de apoio, o que tornava seu trabalho, como diz o professor Flávio, solitário. Porém, a metodologia utilizada pelo IFRN para a reinauguração do espaço é a “Museologia Social”, que, como explica o professor, implica trazer a comunidade para o centro do processo: professores, estudantes, jovens e os mais experientes participam ativamente dos preparativos e das atividades do Museu.

Além do Instituto Federal, que contribui na assessoria, montagem e catalogação dos objetos da exposição, o Museu Gídio Véio conta com a parceria da Organização não Governamental (ONG) Centro de Documentação e Comunicação

Popular (Cecop), presidida por Raimundo Melo. Através da ONG, foi obtido o financiamento do projeto pela Lei Aldir Blanc, que garante apoio financeiro ao setor cultural.

Em razão da pandemia da Covid-19, a reabertura do Museu Gídio Véio ocorreu de forma virtual, no dia 15 de outubro de 2021, transmitida ao vivo pelo canal IFRN Oficial no YouTube e com a participação de moradores da comunidade. Durante o evento, as pessoas que acompanhavam a programação puderam conhecer a história de Gídio e da Serra da Gameleira por meio de um tour virtual, com direito a exposição de fotos, comida e trabalhos realizados na região.

O pesquisador Flávio não esconde a felicidade por fazer parte desse trabalho, que ele classifica como um retorno, mais de uma década depois, à relação com a Serra, que mantém as raízes fortes, como uma gameleira. “Esse resultado, ele é impagável para mim. Eu fico muito feliz que os moradores da comunidade estejam abraçando o Museu, como sendo algo que pertence à identidade deles, que conta a história deles. Espero que isso se mantenha e repasse por muitas gerações”, finalizou o pesquisador.

“Como a história de muitos, a nossa estava encoberta. Nós não tínhamos conhecimento das nossas origens. Quando a gente fala ‘Gídio Véio vive’ eu me emociono porque sinto muito forte a presença dele dentro de mim, essa ancestralidade é muito forte”, destacou Maria Lúcia durante o evento de lançamento do Museu Gídio Véio.



CONSTRUIR SONHOS POSITIVOS PARA O FUTURO

Os Napnes e a busca por uma sociedade mais justa

Mary Land Brito,

jornalista e professora de Produção Audiovisual e Cultural

no *Campus* Cidade Alta



Há várias formas de se contribuir para o desenvolvimento, bem-estar e felicidade da sociedade e cada unidade de um Instituto Federal é reconhecida como uma importante colaboradora nesse processo em várias instâncias. Sabemos que uma mudança social efetiva exige uma pluralidade de ações externas e internas no Instituto. Da parte que nos cabe, algumas estão mais expostas, como a construção e manutenção de um prédio; outras menos visíveis, ainda que também fundamentais para contribuir com o equilíbrio de oportunidades que possam ser acessadas por qualquer pessoa. Ações como transformar um texto escrito para o formato de áudio, escolher a aula de campo em local que todas e todos possam se deslocar livremente, atender de forma individualizada, estudantes que necessitam de mais tempo e maneira diferenciada de aprendizagem são formas quase imperceptíveis, mas que contribuem diretamente para o acesso ao conhecimento e para a fixação do conteúdo.

Da parte que cabe à escola enquanto entidade pública, registra-se o esforço coletivo de servidores efetivos e substitutos, estudantes, terceirizados e parceiros diversos para que uma contribuição efetiva e constante aconteça na vida de quem se junta a essa corrente. Um Instituto Federal é um elo ativo de expressão de uma política pública de desenvolvimento da educação, ciência, tecnologia e ainda questões outras como cultura e inclusão. É quando, por exemplo, as ações dos gabinetes chegam na ponta, isto é, quando o que se planeja, regulamenta, fomenta e se gere se transforma em realidade e é vivenciado pelo público desejado, no nosso caso, cada aluna e cada aluno, além de sua família e entorno. E para dialogar efetivamente com cada indivíduo que forma esse elo, é preciso olhar para a diversidade que forma cada *campus*, reconhecer as diferenças, traçar e executar caminhos que dialoguem com as individualidades e, assim, ajudar a comunidade discente a conquistar a sua autonomia de vida.

Os estudantes do Ensino Médio Renata Campos e Gabriel da Costa querem, respectivamente, “entrar em uma faculdade e fazer artes” e “arrumar um emprego na área [Multimídia], ganhar um salário decente, fazer faculdade”. Também do Ensino Médio, Maria Fernanda “gostaria de estar apta para entrar no mercado de trabalho e fazer atividades de lazer para pessoas com deficiência”. Os sonhos positivos para o futuro também são compartilhados pelos alunos do Ensino Superior Valéria Viviane, que “espera conseguir

trabalhar e ter sucesso na profissão”, e William Pereira, Cíntia Martins e Alex Ronald, que almejam a oportunidade de colocar em prática o que estão estudando e exercerem de fato o ofício de produtores culturais.

E se os desafios para estudar ou inserir-se e se manter no mundo do trabalho são uma realidade para a maioria dos seres humanos, há ainda uma parcela substancial da população, 45 milhões de brasileiros segundo o IBGE, que encontram barreiras ainda maiores, quando não intransponíveis, e acabam ficando pelo caminho. Cerca de 25% da população do nosso país é formada por pessoas com deficiência, e entre elas, os estudantes acima, que dividiram com a gente suas expectativas para o futuro. Se não for dada uma atenção diferenciada a esses estudantes, as chances mais prováveis é que haja interferência e ruídos que impeçam que o conhecimento chegue a eles em condições de igualdade com outros colegas de turma. Tendo como recorte o *Campus* Natal-Cidade Alta (CAL) do IFRN, por exemplo, há 41 estudantes matriculados com uma ou mais das deficiências auditiva, visual, física, intelectual, múltipla ou transtorno do espectro autista.

NÚCLEO DE APOIO ÀS PESSOAS COM NECESSIDADES EDUCACIONAIS ESPECÍFICAS (NAPNE)

Tais estudantes recebem atendimentos do Núcleo de Apoio às Pessoas com Necessidades Educacionais Específicas (Napne) – e cada unidade de um Instituto Federal

no país deve ter um Napne em funcionamento. No IFRN, existem 22 desses núcleos. A criação deles teve início no ano 2000, através do Programa de Educação, Tecnologia e Profissionalização para Pessoas com Necessidades Especiais (TEC NEP). Nesse período, o IFRN se chamava Centro Federal de Educação Tecnológica do Rio Grande do Norte (Cefet/RN) e ainda não existiam cotas ou reserva de vagas para estudantes com deficiência. “De acordo com o Relatório de ações do TEC NEP, em 2006, a Rede Federal possuía o quantitativo de 89 Napnes. Em 2009, apenas três anos depois, esse número pulou para 408”, informa Gilvana Soares, técnica em Assuntos Educacionais e integrante do Napne do CAL, que desenvolveu pesquisa de mestrado – na Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN) – voltada ao universo da educação inclusiva buscada pelo IFRN.

Profissionais como psicólogo, assistente social, intérprete de Libras, pedagogo ou técnico em Assuntos Educacionais fazem parte da composição permanente do Núcleo. Outros técnicos administrativos, membros da comunidade externa, estudantes e professores participam do Napne de forma voluntária. Odara Sá, psicóloga do CAL, destaca que “o trabalho do Napne é muito importante, pois visa a garantir não apenas o ingresso do estudante, mas que ele tenha condições de aprender, conforme sua capacidade, com foco na formação humana e profissional”.

Esse direito à aprendizagem está assegurado por nossa legislação e um dos destaques é o Artigo 27 da Lei nº 13.146/2016, conhecida como Lei Brasileira de Inclusão (LBI) ou Estatuto da Pessoa com Deficiência, que tem como base a Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência e seu Protocolo Facultativo, promulgado pelo Congresso Nacional através do Decreto nº 6.949/2009. O Artigo 27 da LBI diz:

A educação constitui direito da pessoa com deficiência, assegurados sistema educacional inclusivo em todos os níveis e aprendizado ao longo de toda a vida, de forma a alcançar o máximo desenvolvimento possível de seus talentos e habilidades físicas, sensoriais, intelectuais e sociais, segundo suas características, interesses e necessidades de aprendizagem.

Na publicação da Secretaria Nacional de Promoção dos Direitos da Pessoa com Deficiência (SNPD), chamada “Lei Brasileira de Inclusão em Literatura de Cordel”, de autoria de Chico de Assis, tem-se acesso a todos os artigos da LBI em um formato mais popular para o entendimento. Espera-se que, com um maior conhecimento da legislação, haja também uma maior disposição para atuar de forma ativa e consciente na construção de uma sociedade mais justa, com oportunidades que possam ser acessadas de forma equilibrada entre as pessoas, independentemente de suas características individuais. Dessa forma, o Artigo 27 nessa roupagem de cordel traz:

*Ainda a pessoa, com deficiência,
Dispõe, na escola, de amparo legal.
O aprendizado, ao longo da vida,
Pra desenvolver seu potencial.
Sua inclusão seja garantida,
Em todo sistema educacional.*

*Que o apoio seja, no âmbito geral,
Pra desenvolver personalidade,
Encontrar talento, preparar pessoa,
E, em cada uma, sua habilidade.
Que a autoestima seja promovida
Com a convivência na comunidade.*

*Promova-se o senso de dignidade,
Abra-se o caminho se estiver estreito,
Cumpra-se a meta de inclusão plena
Para efetivar todo o seu direito.
A diversidade humana precisa
De respeito mútuo pelo seu respeito.*

“O Brasil tem uma das melhores legislações da América Latina para os direitos da pessoa com deficiência. Rati- ficamos a Convenção da ONU e demos o status de Emenda Constitucional, mas precisamos que a sociedade veja as pes- soas com deficiência como atores desse processo e pessoas capazes como de fato são”, defende Antônio José Ferreira,

ex-secretário nacional de Promoção dos Direitos da Pessoa com Deficiência do Ministério Especial dos Direitos Humanos da Presidência da República, e gestor da pasta quando a lei foi promulgada. Nascido no interior de Pernambuco e filho de pessoas simples, Antônio José ficou cego total aos seis anos de idade. É formado em Jornalismo, além de atuar também na gestão pública para lutar pelos direitos das pessoas com deficiência. Foi secretário nacional, cargo seguido ao de ministro no Governo Federal, e costuma enfatizar que, apesar de a legislação brasileira se destacar na América Latina, essa é uma política que depende da aceitação da população para virar uma realidade. “É necessária uma mudança de olhar e de atitude que as pessoas precisam ter com as pessoas com deficiência, reconhecendo nosso potencial, nossa autonomia e capacidade. E reconhecendo também que somos pessoas plurais, mas pessoas humanas que precisam ser inseridas nesse processo de sociedade”.

DESCOBRIR CAMINHOS: PERCURSOS EDUCACIONAIS

Alanne e William são colegas de turma de Produção Cultural. Duas pessoas, duas histórias, duas deficiências, dois históricos escolares, de forma que, às vezes, não conseguem entender o conteúdo através dos mesmos caminhos. Apesar de existir um padrão de metodologia que docentes adotam por turma, é essencial olhar para estudantes com necessidades especiais de forma individual, procurando descobrir caminhos que tornem a

comunicação mais efetiva, tanto de quem ensina para eles, quanto deles para seus professores, através de diferentes formatos de entrega das atividades.

O percurso educacional de Alanne Sousa, diagnosticada com dislexia, teve mais apoio que o de seu colega William da Costa, como ela relata: “estudei na Escola Viva, no Ensino Fundamental, e ali aprendi a me desenvolver, tendo o apoio dos professores e orientadores. A partir dos sete anos de idade descobri qual era a minha dificuldade e dali em diante tive o atendimento da fonoaudióloga. Depois fui à psicóloga, que me deu um reforço maior. Quando terminei o Ensino Fundamental e entrei no Ensino Médio, na escola Anísio Teixeira, continuei tendo esse suporte, o apoio da equipe pedagógica e o acompanhamento com a psicopedagoga. Tinha aula de reforço na escola pelo menos duas vezes por semana e o meu desempenho eu considerava bom”.

Já William, que tem deficiência visual, infelizmente não teve o devido suporte nos Ensinos Fundamental e Médio: “minha história escolar não foi nada fácil, pois eu não tinha esse acompanhamento como eu tenho no IFRN. Eu só tive um acompanhamento no último ano do Ensino Médio. E no Ensino Fundamental o que eu tive foi que os professores se preocupavam em adaptar os materiais. A minha dificuldade era que quando tinha trabalho em grupo eu sempre era excluído. Mas o meu desempenho era

bom e meus sentimentos eram que eu era rejeitado logo no começo, mas depois com o tempo mudava”. Apesar da diferença em suas histórias escolares, os resultados não são matemáticos e precisos. Todo o apoio que Alanne teve, devido a sua dislexia, foi importante para que ela chegasse até aqui, mas o acompanhamento continua sendo necessário ao longo de todo o seu percurso educacional.

Além das especificidades das deficiências, não custa lembrar que cada uma dessas alunas e alunos ainda tem as características gerais da categoria estudante, como relata Miriam Rose, que cursa o Técnico Integrado em Multimídia e também tem deficiência visual: “sempre tentei me dedicar aos estudos o máximo possível, para concluir o ano letivo da melhor forma. Eu apresentava dificuldades em algumas matérias específicas. No processo de aprendizagem, vi que poderia me esforçar mais para garantir um desempenho melhor na matéria, mas tinham alguns fatores que não contribuíam para me dedicar 100% aos estudos, como a correria diária, que é um fator constante, que dificultava a organização acadêmica e gerava acúmulo de atividades escolares”.

Qual estudante – com ou sem deficiência – não se identifica com esse relato de Miriam? Não custa lembrar que de fato somos pessoas. Ainda que com características individuais, todas com sentimentos, objetivos, sonhos e desafios a serem transpostos. “Nunca me senti diferente dos demais, acho que por isso me dava bem, tirava notas boas e etc. Acho

que fora quando encontrava algum buraco na rua, o resto do tempo eu esquecia que eu tinha algo diferente, sempre vi como uma característica, não como um problema”, explica Gabriel da Costa, aluno do terceiro ano de Multimídia. No trajeto casa - unidade das Rocas do CAL - casa, Gabriel, que é cadeirante e usuário de transporte público, enfrenta ruas sem calçadas, carros estacionados impedindo a passagem, calçamento irregular e diversos outros obstáculos diários.

Ao mesmo tempo em que esse jovem do Ensino Médio se esforça para acessar a escola, na outra unidade do *Campus* Natal-Cidade Alta, na Avenida Rio Branco, acompanhamos o esforço de Pedro Marcelino, aluno do Curso Superior de Produção Cultural, para ultrapassar as barreiras que enfrenta entre as paradas de ônibus no centro da cidade e a escola. Pedro é cego e tem a perna direita amputada por causa da diabetes. Quando se juntam às lojas e bancas do caminho transeuntes, carros estacionados irregularmente, vendedores ambulantes, carrinhos de comida que se instalam durante o dia em alguns locais específicos, além de marcações irregulares na calçada com pedras ou blocos de cimento, a vida desse senhor de mais de 70 anos de idade fica ainda mais complexa. E nenhum estudante deveria ter tantos obstáculos para chegar ao seu local de estudo. Como se já não fossem o bastante esses obstáculos físicos, Pedro ainda luta para conseguir fazer uso da informática, já que, ao longo da vida, não foi alfabetizado no universo digital. O período de ensino remoto pressionou-o

para que se esforçasse ainda mais e conseguisse dominar minimamente a tecnologia, assim como aconteceu com a maior parte dos seres humanos.

Através do benefício de auxílio digital do IFRN, ele comprou um computador e treina constantemente como identificar as letras e acionar comandos por teclado e entrar no Google sala de aula utilizando recursos de tecnologia assistiva como leitor de tela para pessoas com deficiência visual, o que transforma tudo o que é palavra digitada em áudio.

“Apesar do meu problema, tenho um bom sentimento de que vai dar certo. É um desafio muito grande estudar e o ensino remoto deixou tudo mais difícil, mas com calma e esforço está dando certo e eu fico muito feliz de ter aprendido como se faz um projeto cultural, porque sei que isso é muito importante para ser um bom profissional e eu ainda contei com a ajuda de duas colegas que me acompanharam com muita dedicação. Sou otimista, quero vencer, terminar os estudos e nunca pensar em desistir da faculdade”, fala com muita esperança e segurança do que quer o aluno, que há anos vem lutando no controle de sua diabetes e não consegue fazer uso complementar de material em braile por ter a sensibilidade na ponta dos dedos prejudicada pela doença.

Durante a pandemia, para que Pedro e outros estudantes com deficiência física ou intelectual pudessem acompanhar as disciplinas, foram executadas ações de apoio e acompanhamento continuadas. Em uma delas, com carga

horária semanal de 14h e na qual cada estudante deveria criar e escrever um projeto cultural ao longo de dez semanas, envolvi-me diretamente. Éramos eu e o professor Valterlei Borges, recém-chegado ao nosso *Campus*. Apesar de nunca ter dado aula para pessoas com deficiência antes, ele se prontificou a desenvolver esse ensino da melhor forma possível.

Outra dessas ações envolveu a integração e ajuda mútua entre estudantes com e sem necessidades específicas, como relata Samantha Rezende. “Nesse módulo, vivenciei uma experiência acadêmica inimaginável. Através de um convite feito pela líder da minha turma, Rafaella Paiva, e a professora Mary Land Brito, tive a oportunidade de acompanhar o senhor Pedro Marcelino na disciplina Elaboração de Projetos Culturais. A experiência foi de muito aprendizado para ambas as partes, porque eu também vinha sentindo dificuldade em alguns tópicos e, ao rever os materiais com Seu Pedro, pude melhorar meu próprio projeto. Às vezes me pego reclamando de alguma situação que comparada às dificuldades que esses alunos enfrentam não são nada”.

Para Rafaella, essa atuação voluntária é uma preparação monitorada para lidar com as situações que a vida pode apresentar a qualquer momento. “Considero que essa vivência é muito importante para os dois lados. Para estudantes sem deficiência, esse tipo de monitoria surge como uma experiência de aprendizado e preparação para a vida fora das dependências do *Campus*. Para as pessoas com deficiência,

o acompanhamento possibilita a superação das barreiras no desenvolvimento das disciplinas, incluindo o acesso ao próprio Suap. Além disso, as pessoas com deficiência constituem um público potencial para os projetos que nós, futuros produtores culturais, iremos desenvolver no mercado, e ainda existem as deficiências que podem ocorrer ao longo da vida. Por isso é importante que todas as pessoas conheçam os recursos de acessibilidade disponíveis e possíveis para a garantia dos direitos do público com deficiência”. Como se percebe, o diálogo com a diversidade e o convívio com diferentes tipos físicos e intelectuais de pessoas contribuem para a formação de estudantes mais preparados para atender à pluralidade de indivíduos que podem cruzar suas trajetórias profissional e pessoal.

ATUAÇÃO MULTIFORME

A Lei 13.409 alterou a Lei de Cotas (Lei nº12.711), passando a reservar vagas para pessoas com deficiência nos cursos técnicos de nível médio e superior nas Instituições Federais de ensino; porém, cotas de matrícula para pessoas com deficiência isoladamente não significa incluir, são apenas um pequeno passo que vêm seguido de muitos outros, como acolher esse estudante na matrícula; fazer anamnese com o aluno e, quando necessário, com sua família; realizar o Plano de Estudo Individualizado (PEI) e disponibilizar aos professores para que conheçam o histórico educacional do estudante e as orientações de

metodologias de ensino e socialização que têm funcionado individualmente; adquirir equipamentos e instrumentos de acessibilidade; facilitar o deslocamento dentro do *campus*; proporcionar formação aos profissionais do *campus*; orientar a turma no esclarecimento das especificidades das deficiências e dos indivíduos; selecionar práticas de ensino que possam ser acessadas por todas e todos; oferecer suporte emocional a estudantes; elaborar estratégias de ensino-aprendizagem que melhorem seu desempenho acadêmico; encaminhar cada estudante para Programas de Assistência Estudantil de acordo com seus perfis, entre outros. Tudo para traçar os melhores caminhos até uma integração efetiva.

“Dessa forma, nós, do Napne, buscamos eliminar as barreiras que possam obstruir o processo de escolarização de estudantes com deficiência, restringindo sua participação e o desenvolvimento acadêmico e social. Para tal, também estamos alicerçados em documentos importantes, como o Projeto Político Pedagógico (PPP) do IFRN que, em 2012, implementou pela primeira vez uma política de inclusão na Instituição com o objetivo de garantir não apenas o acesso, mas a conquista de uma educação de qualidade e de igualdade de oportunidades, como descreve o próprio PPP”, informa Francilene Santos, intérprete de Libras, que também faz parte do Napne do *Campus* Natal-Cidade Alta.

As trajetórias educacionais de alunas e alunos com deficiência costumam ser costuradas de barreiras e ações que, ao invés de aproximar, podem afastar os estudantes do seu processo formativo educacional. Muitas dessas barreiras parecem invisíveis, mas quem se depara com elas sabe o quanto são danosas e difíceis de transpor.

Cintia Martins, aluna com deficiência visual, relata: “Enfrentei algumas dificuldades, pois o ensino das escolas que passei sempre foi muito precário. Apesar de ser atendida pela sala multifuncional na escola, não era um acompanhamento ideal. Meu desempenho era bom, mas me sentia triste e excluída”. Devido à paralisia cerebral, Maria Fernanda também traz memórias negativas que teve de superar para continuar nos estudos. “Minha trajetória escolar sempre foi cheia de altos e baixos. Negligência escolar, bullying e antipatia, entre outros. Me sentia negligenciada, que não tinha voz, desamparada, com o sentimento de que eu tinha a obrigação de me adaptar à escola”, afirma a garota que faz sua formação técnica com o objetivo de realizar ações integrativas de esporte e lazer para pessoas com deficiência. Da mesma área formativa que Fernanda, a aluna Jaqueline Leiros teve sua educação formal comprometida devido a um acidente que teve aos sete anos de idade. Os dois anos seguintes foram fora da escola e os demais, com alguns comprometimentos. “Minha carreira escolar foi um pouco conturbada devido ao meu acidente e às sequelas que ele deixou, mas meu desempenho foi

sempre bom, pois, apesar das dificuldades, sou esforçada. Gosto muito de estudar, é uma terapia”, afirma Fernanda.

O cotidiano de preconceito e exclusão deixa marcas que, se não forem trabalhadas de forma multidisciplinar, repercutem negativamente e de forma nada saudável para as emoções e reações da pessoa com deficiência, podendo ocasionar uma série de efeitos correlatos em diferentes esferas sociais. “As diversas crenças infundadas no que se refere à capacidade das pessoas com deficiência perpetuam barreiras atitudinais que influenciam no desenvolvimento de suas potencialidades e da sua autonomia. As emoções têm um papel fundamental na influência da personalidade e do comportamento de todo indivíduo e contribuem positivamente ou negativamente, de acordo com os estímulos, na saúde mental de cada um e, infelizmente, as pessoas com deficiência têm esse sentimento negativo gerado e fortalecido em inúmeras situações da vida”, alerta a psicóloga Odara Sá, também do Napne/CAL.

A inclusão e o bem-estar de qualquer pessoa deve ser um objetivo a ser trabalhado em nossa sociedade. E um dos conceitos principais que a Lei Brasileira de Inclusão veio trazer foi o entendimento de que a deficiência não está no indivíduo, mas no mundo ao redor dele. Não é a pessoa que tem de se adequar aos espaços, por exemplo, mas sim os espaços que devem estar preparados para receber todos os tipos de pessoas, livre de barreiras, e isso se estende às outras esferas que interferem na vida social e na cidadania

dos brasileiros. “Para fins de aplicação da lei, as barreiras se configuram como qualquer entrave, obstáculo, atitude ou comportamento que limite ou impeça a participação social da pessoa, bem como o gozo, a fruição e o exercício de seus direitos à acessibilidade, à liberdade de movimento e de expressão, à comunicação, ao acesso à informação, à compreensão, à circulação com segurança, evitando-se barreiras urbanísticas, arquitetônicas, nos transportes, nas comunicações e na informação, atitudinais e tecnológicas”, explica a assistente social Valmara Pordeus, fazendo uso de trechos da LBI. Ela, que também faz parte da equipe do Napne, atualmente cursa uma pós-graduação e entre os seus estudos, estão os impactos que as barreiras atitudinais trazem para o processo de inclusão escolar do estudante com deficiência visual do CAL.

Para entender um pouco mais dessas barreiras que precisamos ajudar a combater, utilizaremos outra pesquisa que está sendo feita sobre o universo da pessoa com deficiência num recorte de acesso à cultura, desenvolvida pela aluna concluinte do Curso Superior de Tecnologia em Produção Cultural Jaqueline Sousa. A aluna não é uma pessoa com deficiência, mas entendeu a importância de perceber os entraves que impedem ou dificultam o acesso à cultura por esse público e se encorajou para estudar e engajar-se na construção de uma sociedade com mais condições de igualdade entre os seres humanos. “Sobre as barreiras encontradas no setor cultural destacam-se as

atitudinais, as tecnológicas, as comunicacionais e as informacionais. A Lei compreende que barreiras atitudinais são ações discriminatórias que impossibilitam a participação social da pessoa com deficiência em igualdade de condições e oportunidades com as demais pessoas, enquanto as tecnológicas são aquelas que obstam o acesso da pessoa com deficiência aos dispositivos tecnológicos. Já as barreiras comunicacionais e informacionais são entraves que dificultam a expressão ou o recebimento de mensagens e de informações por meio de sistemas de comunicação e de tecnologia da informação. Essas barreiras devem ser eliminadas por meio do desenvolvimento na comunicação interpessoal (expressão facial, linguagem corporal, linguagem gestual etc.), na escrita (jornal, revista, livro, carta, textos em Braille, textos com letras ampliadas para quem tem baixa visão, computador e outras tecnologias para comunicar) e na virtual (plataformas, portais, blogs, sites etc)”. O diálogo com a diversidade e o convívio com diferentes tipos físicos e intelectuais de pessoas também contribuem para a formação de profissionais, com ou sem deficiência, mais preparados para atender à pluralidade de indivíduos que podem cruzar a jornada profissional e pessoal de cada aluno do IFRN.

ESTRATÉGIAS DE APOIO

A fim de contribuir diretamente para o planejamento e a execução de estratégias de aprendizagem e formas de

inclusão dos estudantes com deficiência, o IFRN passou a fazer uso, desde 2019, de mais um importante reforço ao que já é realizado por servidores, principalmente dos que fazem parte da equipe do Napne. Através de licitação, foram contratados profissionais de apoio, como psicopedagogo(a), leitor(a)-transcritor(a) e cuidador(a), afim de se prestar atendimento mais especializado a pessoas que necessitam de uma atenção educacional específica. Esse reforço na equipe foi fundamental para uma ação mais direta junto ao corpo discente em sua adaptação aos materiais, no acompanhamento individual e na identificação de problemáticas emocionais, sociais, financeiras ou de saúde que interferem no processo de aprendizagem. Atuando de forma preventiva e multidisciplinar há mais possibilidade de permanência no *campus* e êxito em seu processo formativo. Com isso, *campus* e estudante conseguem sucesso na missão que lhes uniu.

No *Campus* Natal-Cidade Alta, as profissionais contratadas foram a cuidadora Rafaela Domingos, a ledora Sirley Moura e a psicopedagoga Kalyne Cabral, que descreve como foi o trabalho dessa equipe de apoio no período de vínculo: “atuamos de forma integrada para identificar problemas que poderiam interferir no processo de aprendizagem de estudantes com deficiência, facilitar o elo de comunicação entre o aluno e o professor, promover a autonomia e a autoestima desses alunos, além de orientar professores com as atividades e as avaliações. Trabalhávamos sob orientação da equipe do Napne e juntos proporcionamos para esses alunos um

ponto de apoio, um local acolhedor, a compreensão de que eles são capazes sempre de ir além. Acredito, inclusive, que o eixo central do Núcleo é desenvolver as habilidades de cada estudante dentro das limitações que os mesmos encontram. A forma que isso é trabalhado pela equipe, demonstrando que eles não estão só e são capazes, os enchem de esperança e força”. Por razões de ajustes no processo de licitação a partir da prática observada no decorrer de 2019 e 2020, houve uma lacuna de pelo menos um semestre entre os contratos de contratação desses profissionais de apoio.

Ainda não existem profissionais lotados exclusivamente para o Núcleo de Atendimento às Pessoas com Necessidades Educacionais Específicas e o ideal seria que se pudesse ter cargos cuja natureza fosse atuar primordialmente para o pleno desenvolvimento do estudante com deficiência e estar lotado oficialmente em um Napne. Outros desafios enfrentados por esse núcleo de apoio a estudantes são: atender às especificidades de cada estudante, informar de forma mais abrangente à comunidade escolar sobre o que é o núcleo e o que faz, aumentar o envolvimento familiar, buscar estratégias de inclusão envolvendo, além da comunidade interna do IF, redes de apoio como Centro de Atenção Psicossocial (Caps), abrigos e albergues municipais, ONGs, secretarias municipais e estaduais de educação, saúde, transporte e etc.

Em vista de tudo o que foi relatado, fica cada vez mais clara a noção de que a inclusão, a equiparação de oportunidades, o

dar ao outro o que gostaria de receber é uma responsabilidade individual que, quando executada, provoca mudanças sociais efetivas. O Napne, como se observou, é um núcleo formado por servidores que desenvolvem de forma principal a função para a qual ingressaram no concurso público, e as ações do Núcleo são executadas de forma complementar. Não há uma formação específica para fazer parte do Napne e sim a vontade de mudar a realidade em sua volta.

“Já fui a uma reunião presencial no ano que entrei no IF. Gostei bastante do grupo, pois é um apoio aos alunos que precisam de uma atenção maior. Até então nunca precisei de um auxílio especial do Napne, mas já encontrei integrantes pelo *Campus* e elas perguntavam se estava tudo certo e se eu estava precisando de algo”, conta a aluna Maria Eduarda, do Curso de Multimídia.

As respostas aos desafios com que o Núcleo se depara são pensadas de forma coletiva e cada reunião semanal aumenta o aprendizado de quem se dedica a pensar, sugerir e executar formas de inclusão. Empatia é o que move o trabalho de cada Napne existente nos Institutos Federais e, ao atuar para ajudar a eliminar as barreiras de outro ser humano, ajudamos cada um a ir mais longe. Com menos preconceito e menos barreiras sociais, mais pessoas conseguem atingir seus objetivos.

Ainda é importante lembrar que a acessibilidade beneficia a todos nós por nos deparamos com espaços e

peças mais preparadas para atender às nossas necessidades, assim como é importante reconhecer que se fala mais em acessibilidade na atualidade do que há 20 anos, por exemplo. E nos dias de hoje, o ideal seria cada vez mais apressar o passo para o desenvolvimento de uma escola, assim como qualquer ambiente, construído visando ao desenho universal. Desenho universal é um conceito que pode ser aplicado a qualquer serviço, ambiente ou produto que é pensado e executado de forma que possa ser utilizado pelo maior número possível de pessoas de forma integrada. Enquanto isso não acontece, segue a busca por ações inclusivas sistemáticas e individuais cada vez mais presentes e constantes que acompanhem o estudante com deficiência do seu ingresso até a conclusão do seu curso. E assim, o IFRN vai dando sua parcela de contribuição na construção de uma sociedade em que os direitos individuais são buscados, estimulados e trabalhados para virarem realidade.



PESSOAS ESPECIAIS E A PANDEMIA NO IFRN

*Histórias de aprendizagem, transformação,
permanência e êxito*

Luciano Vagno, estagiário de Jornalismo da Reitoria, e
Clara Bezerra, assessora de Comunicação Social e Eventos do IFRN



O ano de 2020 iniciou para Everton Vinicius Lima da Silva com uma grande expectativa: o início do Curso Técnico Integrado ao Ensino Médio em Eletromecânica, no *Campus* Canguaretama do IFRN. Everton possui múltiplas deficiências: auditiva, de visão e cognitiva, mas elas não foram empecilho para o estudante acreditar nos incentivos recebidos na sua antiga escola. O resultado foi a aprovação para o Instituto com uma das melhores notas do processo seletivo. Elaine Cristina dos Santos Lima, mãe de Everton, relata que chorou ao ver o filho vestir a camisa do Instituto: “eu nunca imaginei que ele ia entrar no Instituto Federal”.

Mas o ano letivo começou e, após poucos dias de aula, um fato que ninguém esperava impactou a vida de todos: a pandemia de Covid-19. No dia 17 de março, as aulas na instituição foram suspensas e retomadas, de forma on-line, em agosto. O ensino remoto emergencial foi uma das saídas que os gestores do IFRN encontraram para resguardar

a saúde da sua comunidade acadêmica. O tempo para a implantação foi necessário para reestruturar as diretrizes pedagógicas, capacitar professores e viabilizar os sistemas necessários para as aulas on-line.

Diante dessa nova realidade, como manter a permanência e o êxito de estudantes, especialmente em casos como o de Everton? Além das necessidades educativas específicas, a família do rapaz não possuía computador, apenas um aparelho celular com um sistema operacional bem básico, que não permitia o acompanhamento das aulas. Elaine é dona de casa e obtém renda fazendo bolos e doces por encomenda, o que não permitia a aquisição de outro equipamento eletrônico, muito menos do pacote de internet necessário à conexão.

A exemplo do que aconteceu no Instituto como um todo, a equipe de servidores do *Campus Canguaretama* precisou se reinventar, unir esforços e encontrar novas formas de ofertar o ensino público e gratuito de qualidade, marca do IFRN. A Direção-Geral se uniu ainda mais à Diretoria Acadêmica e aos gestores de Atividades Estudantis, responsável pelas assistências à estudantes, e aí se intensificou o trabalho. Por um lado, a Coordenação de Atividades Estudantis (Coes), ligada à Diretoria de Atividades Estudantis (Digae), realocou recursos que não seriam necessários naquele momento – como auxílio transporte, buscou outros recursos financeiros e conseguiu lançar editais para auxílio

digital. Everton foi um dos estudantes beneficiados e, com isso, conseguiu comprar o primeiro computador da família.

“A gente conseguiu atender uma quantidade significativa porque fizemos um levantamento orçamentário juntamente a Reitoria”, explica a coordenadora de Atividades Estudantis do *Campus*, Dorineide Matias. Por outro lado, a Diretoria Acadêmica, que tem a sua frente Márcio Marreiro, promovia as ações necessárias ao processo de ensino-aprendizagem de Everton. Isso foi realizado através do Núcleo de Atendimento a Pessoas com Necessidades Especiais (Napne) e toda equipe de servidores docentes e técnicos-administrativos do *Campus*.

A coordenadora do Napne, Pollyanna Brandão, conta que a primeira ação foi acolher a família. “A gente entendeu que existia uma história de vida desse aluno, dessa pessoa e que a gente não ia começar esse trabalho do zero, que ele não era uma folha em branco”. Já o coordenador do curso de Eletromecânica, Gennisson Batista, comenta que foi necessário criar também uma programação de atendimento individualizado para Everton, na busca por um maior suporte. “Mas ele participa das aulas com todos os alunos”, acrescenta.

Para que isso acontecesse, todo o *Campus* se envolveu. “Nosso contexto de ensino remoto trouxe outros desafios para além das necessidades educativas específicas de Everton, que era justamente esse aparato tecnológico, que Everton e dona Elaine precisaram se apropriar”,

explica Pollyanna. Ela narra que Everton não sabia usar o computador nem navegar na internet. Mas esses espaços se tornaram a sala de aula. “No começo, ele perdia atividade porque eu não sabia como mexer no site da escola, eu aprendi, como dizem, na marra. Aí para colocar na sala de aula, que era por link, eu não sabia como era, o que eu mexia em internet era o básico, Whatsapp, Facebook, essas coisas. Aí Pollyana me ajudou bastante, os professores”, destaca Elaine. Estudantes do Grêmio Estudantil Homero Homem, do *Campus* Canguaretama, também se envolveram. Respeitando os protocolos de segurança, eles iam à casa de Everton para lhe ensinar o acesso às aulas.

Hoje Everton se sente seguro no ambiente on-line de aula. Liga e desliga o computador, acessa o Suap, Google Classroom, realiza pesquisas e ainda utiliza os horários livres para jogar e descobrir novos conteúdos no Youtube e outros sites. A professora Magda Diniz, de Língua Portuguesa, conta ainda que ele é um dos autores de um livro de contos organizado por ela. “Everton desenvolveu suas habilidades de linguagem e produziu a narrativa, o que alguns estudantes sem as necessidades específicas dele não conseguiram”, enfatiza.

Ao fazer uma leitura sobre a história de Everton, o diretor-geral do *Campus* Canguaretama, professor Flávio Ferreira, destaca a importância do trabalho coletivo: “os desafios têm sido muito grandes, mas a gente tem trabalhado sempre, a partir do coletivo, para que tais estudantes, especialmente

aqueles que têm dificuldade de aprendizagem, tenham permanência e êxito na Instituição. A gente sabe das dificuldades, que elas não são só de ordem de aprendizado, são dificuldades sociais, de vulnerabilidade, então investimos massivamente. Foi uma decisão de gestão”.

A posição de Flávio é a mesma de todos os diretores-gerais de *campus* e do reitor do IFRN, professor José Arnóbio. “Nesse momento delicado, todos os nossos esforços tinham três prioridades: a manutenção da vida e da saúde, a busca por condições para que cada estudante tivesse as condições de permanecer em aula e obter êxito e a manutenção da qualidade do ensino”, completou o reitor.

E os resultados chegam. “Hoje ele está onde ele está, no curso mais difícil que tem, se saindo bem, tirando notas boas. Porque quem olha assim, Everton é especial como os outros”, emociona-se Elaine ao falar sobre o filho. Após um ano e oito meses de distanciamento social causado pela pandemia de Covid-19, o IFRN reiniciou, no dia oito de novembro de 2021, as aulas presenciais. O retorno foi realizado de forma gradativa, com um cronograma estabelecido e reavaliado periodicamente, a fim de que Everton e demais discentes da Instituição tivessem acesso ao ensino público, gratuito e de qualidade de forma segura.

ALGO NOVO NASCE

Curioso e determinado. Essas são algumas das características com as quais Daniel Henrique de Melo Bezerra

se descreve. O estudante, que é surdo, fez o Curso Técnico Integrado em Recursos Pesqueiros no *Campus* Macau do IFRN. A formação técnica trouxe novos conhecimentos e uma nova percepção sobre o litoral onde morava, mas a vivência no *Campus* e o apoio recebido para realizar o curso reacenderam nele o sonho de se tornar professor de Língua Brasileira de Sinais (Libras).

Ainda criança, Daniel já desejava ser professor de Libras. Em 2021, em meio à pandemia de Covid-19, viu o seu sonho se tornar realidade: conquistou uma vaga na licenciatura de Letras Libras/Língua Portuguesa da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Expressando uma grande felicidade, o futuro professor revelou: “penso nisso a todo instante: ser professor de Libras e dar visibilidade a essa língua”. Jovem, com 23 anos, o estudante vislumbra um futuro promissor para si, com direito a mestrado e doutorado. “Me sinto realizado e feliz em pensar que os problemas e as coisas negativas passaram. Eu estou conseguindo traçar meus sonhos”, comemorou Daniel.

Com uma trajetória repleta de desafios, ele contou com o apoio dos amigos e familiares, que o incentivaram a não desistir e lutar pelo que acredita: a inclusão dos surdos na sociedade. Ao lado da intérprete de Libras do *Campus* Macau, Márcia Efigênia, o estudante conta sua história.

Foi por meio de uma visita promovida pela sua antiga escola, em 2013, que Daniel conheceu o IFRN. O jovem

lembra que, por não haver um intérprete de Libras na época, ele não pôde compreender muita coisa. Mesmo assim, prestou o processo seletivo para o Instituto. Após tentar por dois anos, Daniel foi aprovado e, em 2015, ingressou no Curso Técnico Integrado em Recursos Pesqueiros.

“Eu tive muitas dificuldades”, lembrou o estudante sobre o início de seus estudos no Instituto. A ausência de um intérprete o preocupava. Porém, a prefeitura de Macau, cidade em que mora, em acordo com a Equipe Técnica Pedagógica do *Campus* (Etep), articulou a atuação da profissional de língua de sinais Tamires Raissa, que o ajudou nas primeiras semanas de aula. No entanto, por motivos de saúde, a profissional teve de ser afastada.

Ainda em 2015, os intérpretes Yngrid Beatriz, do IFRN, e Carlos Antônio, da Universidade Federal Rural do Semi-Árido (Ufersa), passaram a dar suporte ao estudante, então com 17 anos. Nos momentos de dificuldades, os profissionais encorajaram Daniel a não desistir. “Eu continuei lutando. Sou muito grato a Tamires (primeira intérprete), a Yngrid e ao Carlos”.

Com o objetivo de levar acessibilidade a Daniel, a intérprete Yngrid chegou a organizar, durante as férias escolares, um curso de Libras para os servidores do *Campus*. A Etep também buscou expandir a inclusão, desenvolvendo oficinas para que os demais estudantes aprendessem a Língua Brasileira de Sinais.

Daniel comenta que a vontade de desistir era persistente. Porém, mais persistente ainda era o sonho de se tornar professor. “Eu tinha o interesse, como pessoa surda, de ser professor de Libras. Desde os 11, 12 anos, escolhi essa profissão para ensiná-la a surdos e ouvintes. Achava importante, por isso essa vontade de fazer a licenciatura”. Os intérpretes de língua de sinais, parceiros de Daniel, o incentivaram a continuar estudando. “Fui até o fim”, declarou ele, todo orgulhoso.

O fato de ser o primeiro surdo no *Campus* Macau também inspirou o jovem, que queria inspirar outros. “Conheci a luta da inclusão, e entendi que, como pessoa surda, eu precisaria estar incluído”.

Quem comemora cada conquista do jovem é Márcia Efigênia, a intérprete do *Campus* Macau. A profissional conta que os primeiros anos ao lado do estudante foram difíceis: “Foi complicado. Daniel precisava tanto de apoio quanto de material. Era um trabalho exaustivo”. É sorrindo, porém, que Márcia acrescenta: “Daniel era um aluno que queria saber de tudo, que queria estar envolvido com tudo; queria saber de todos os assuntos. Era cansativo, mas eu já trabalhava há mais de 12 anos com a língua de sinais, e era uma satisfação enorme para mim ver o Daniel crescendo”. A parceria entre os dois foi tamanha que, até hoje, Márcia continua dando assistência ao jovem, que concluiu o curso técnico no IFRN em 2019.

Questionado sobre o que o Daniel atual diria para o Daniel de 2015, o estudante responde: “o eu do passado diria que o Daniel de agora não iria conseguir, mas, hoje, eu diria para o Daniel de antes que iria, sim, conseguir. E o incentivaria a continuar persistindo”, finaliza com a crença de que a persistência ainda vai trazer muitas outras coisas novas para a sua vida acadêmica – e para cada estudante que atravessar o seu caminho de professor.



GT DE PSICOLOGIA IFRN E OS DESAFIOS DA SAÚDE MENTAL DURANTE A PANDEMIA

*Um serviço pautado no compromisso social,
direitos humanos e respeito à diversidade*

Isabelly Queiroz,

estagiária de Jornalismo na Reitoria do IFRN



A pandemia do novo coronavírus chegou modificando a realidade de milhões de pessoas em todo o mundo. No início, cheios de incertezas, não compreendíamos o vírus, a doença – a Covid-19 – nem as suas proporções. Com esse sentimento de incompreensão, em 17 de março de 2020, o IFRN suspendeu suas atividades presenciais. Sabia-se que muitos desafios deveriam ser encarados, então o Grupo de Trabalho (GT) de Psicologia do Instituto tornou-se uma grande força no acolhimento de estudantes e servidores, a fim de que fosse zelada, ao máximo, a saúde mental da comunidade acadêmica durante a travessia que se iniciava.

Pautada no compromisso social, direitos humanos e respeito à diversidade, a Psicologia do IFRN vai além da demanda individual, considerando a complexidade do contexto, das pessoas e de suas relações. “Dessa forma, as

primeiras atitudes tomadas foram buscar alternativas para o acompanhamento dos estudantes, além da familiarização com as ferramentas digitais que foram disponibilizadas para o trabalho remoto”, explica Carolina Arruda, servidora do *Campus* Macau e presidente do GT de Psicologia no Instituto.

O atendimento virtual na Psicologia já era uma realidade no Brasil, mas não no IFRN. Prezando pela subjetividade dos seres, o atendimento e o acompanhamento psicológico na Instituição eram feitos de forma presencial. Para que pudesse fazer qualquer tipo de atendimento coletivo ou individual de forma remota, o grupo de psicólogos e psicólogas do Instituto passou por um processo de capacitação e acompanhamento dos órgãos reguladores da profissão.

Caroline explica que a iniciativa foi se construindo à medida que foram percebendo como a própria pandemia foi se comportando. “Quando vimos que não seria possível prever o tempo de suspensão das atividades presenciais, fomos sugerindo que algumas atividades migrassem para o on-line. No meu *Campus*, as reuniões começaram a migrar para o on-line e fomos fazendo capacitações para utilizar as ferramentas digitais disponíveis. Além disso, a própria demanda de muitas dúvidas e o aumento de sintomas de ansiedade devido à insegurança foi surgindo e nos chamando para dar início ao atendimento on-line. Acredito que o Plantão Psicológico, vinculado ao Comitê Covid-19 IFRN, foi o primeiro a iniciar os atendimentos virtuais”, explicou Caroline.

Josfâm Antunes, psicólogo da Diretoria de Atividades Estudantis (Diaes) no *Campus* Natal-Central, conta que, em um primeiro momento, quando constatou a realidade da pandemia, sua reação foi de choque. “Não sabia o que fazer, queria proteger a mim e aqueles com os quais eu desenvolvia ações antes da Covid-19. Quando o *Campus* fechou, comuniquei para aqueles com os quais eu já tinha atividades agendadas que o trabalho ficaria interrompido. Através de conversas com chefias fui organizando o trabalho remoto. Organizei a minha situação para atendimento remoto junto ao Conselho Regional de Psicologia e passei a planejar como faria o atendimento remoto, recorrendo ao Whatsapp. Como as mensagens tinham razoável qualidade de transmissão, pensei então em mudar para as videochamadas pelo aplicativo e assim o fiz, ainda que aliado ao uso de outras ferramentas: e-mail, mensagens, telefonemas, Meet, etc.”, lembrou.

Elaine Macedo, psicóloga no *Campus* Caicó, considera que uma das principais atitudes do grupo de Psicologia no início da pandemia foi a busca por informações sobre tudo o que estava acontecendo. “Discutimos a pandemia com base nos primeiros estudos e notas publicadas pelas revistas científicas e órgãos de orientação profissional. Foi um momento rico, pois aprendemos muito e levantamos as consequências do que poderia vir pela frente. Com isso, planejamos encontros mais regulares, para nos fortalecer, aprender e reaprender as estratégias de intervenção. Daí começamos a colocar em prática as diversas ações que o setor de Psicologia liderou desde aquela época”, esclareceu a psicóloga.

Fernanda Marques, psicóloga no *Campus* Apodi, recorda que ela e alguns colegas do *Campus* no início acreditavam até que se tratava de uma medida exagerada. “Pensei que seria algo rápido e em menos de um mês voltaríamos ao trabalho presencial. Mas as coisas foram tomando um rumo diferente das nossas expectativas e otimismo. Então o GT de Psicologia resolveu fazer uma reunião geral com psicólogas e psicólogos do IFRN. Nesse primeiro momento, as reuniões passaram acontecer semanalmente e serviram como um grupo de apoio, onde podíamos abordar as angústias e incertezas que estávamos vivendo. Paralelo a isso, como o nosso contato com os alunos estava mais prejudicado nesse início da pandemia, desenvolvi ações de acolhimento e apoio junto aos servidores, uma oficina sobre ‘Perdas e Resiliência’ e outra sobre ‘Distorções Cognitivas’”, recordou.

ALTA DEMANDA

Segundo os profissionais da Psicologia do IFRN, a pandemia gerou muitos sentimentos novos, para os quais não estávamos preparados. A falta de acesso da comunidade escolar a outros profissionais de saúde mental ocasionou uma alta demanda em busca dos serviços de Psicologia oferecidos pelo Instituto.

Odara de Sá Fernandes, psicóloga do *Campus* Natal-Cidade Alta, relata que entre o ano de 2020 até julho de 2021 foram realizados 456 atendimentos a estudantes do *Campus*. “O processo de aumento de demandas na área

de saúde mental de jovens já vinha ocorrendo nos últimos anos e, com o surgimento da pandemia, esses números cresceram ainda mais. A questão do isolamento social, as perdas de parentes e amigos para a Covid-19, o medo da doença, as dificuldades familiares e as questões financeiras foram fatores que contribuíram para o agravamento das questões de saúde mental na população em geral”, esclarece a psicóloga.

Para Fernanda, as demandas dos profissionais da área começaram a aumentar, principalmente, quando o atendimento do Plantão, que era destinado só a servidores, foi estendido a toda comunidade escolar. A duração do isolamento social, maior que o esperado, e o crescimento e agravamento de casos de Covid-19 no país também contribuíram com esse aumento, argumentou a psicóloga.

De acordo com Emanuelle Souza, psicóloga do *Campus* Natal-Central e integrante do Comitê Covid-19, no ano de 2020 317 pessoas procuraram atendimento; em 2021, outras 306 pessoas (até agosto) buscaram o serviço on-line. “Os atendimentos on-line em parceria com o Comitê são apenas uma porcentagem dos atendimentos que todas as psicólogas e psicólogos do IFRN realizaram. A procura pela Psicologia para atendimento individual chegava principalmente via e-mail do Comitê, através de agendamento no Sistema Unificado de Administração Pública (Suap) e pelos e-mails da Psicologia de cada *campus*”, informou Emanuelle.

A psicóloga também conta que houve lista de espera, mas todos os alunos e servidores que buscaram o serviço da Psicologia do IFRN foram e estão sendo atendidos. “Esse atendimento que nós fazemos individualmente se refere a um viés de orientação, diálogo e promoção de reflexões, tanto no que se refere ao trabalho da Psicologia Escolar com estudantes ou da psicologia do trabalho, que é o caso das colegas da Reitoria, que fazem os atendimentos destinados aos servidores. Ou seja, é um serviço de escuta institucional para que possamos orientar possíveis encaminhamentos inclusivos em prol de uma saúde institucional e acadêmica”, complementa a integrante do Comitê Covid-19.

SINTOMAS

As principais queixas relatadas nos atendimentos, de acordo com os psicólogos da Instituição, foram: ansiedade, desmotivação, dificuldade na organização da rotina de estudos e problemas familiares. Josfâm, do *Campus* Natal-Central, relata que os descontentamentos dos estudantes que atendeu durante a pandemia vão desde a desmotivação referente ao isolamento social à preocupação com a pessoa ou um familiar adoecer de Covid-19 ou outras doenças. Também houve relatos de sofrimentos não diretamente relacionados à pandemia, problemas com relacionamentos amorosos, reclamações escolares, conflitos com família e etc.”, disse.

Elaine, psicóloga do *Campus* Caicó, afirma que a ansiedade é a queixa número um dos atendimentos. “A

ansiedade envolve muitas emoções relacionadas ao contexto incerto que vivemos: medo, raiva, frustração. Também vemos muitas queixas de dificuldades nos relacionamentos familiares, luto e problemas de aprendizagem no formato remoto”, explica.

Fernanda, psicóloga do *Campus* Apodi compactua do mesmo sentimento dos colegas: “quando os atendimentos começaram a acontecer, os principais sintomas apresentados eram angústia, ansiedade e dificuldade para lidar com a incerteza. Além da questão financeira, que era motivo de grande preocupação entre muitos”, disse. Caroline Stephanie, psicóloga do *Campus* Natal-Central, também enxerga a ansiedade como principal sintoma relatado durante o período de pandemia. “Os sintomas mais frequentes, sem dúvida, são os relacionados à ansiedade, muito esperado em um cenário de pandemia, que traz incertezas e agravamento de problemas sociais, econômicos e educacionais”, explicou.

A presidente do GT de Psicologia, Caroline Arruda, explica que são diversos os sintomas que têm surgido nas demandas para o atendimento psicológico: “são muito diversificados, mas a maioria das pessoas têm relatado dificuldade de concentração, foco, muito medo e insegurança com relação à própria saúde, gerando assim a ansiedade. Muitos dos sintomas relatados se dão pela hiperexposição à família, falta de acesso a outras formas de socialização. Muitos estudantes também tiveram dificuldades com os

próprios equipamentos da internet, então todas essas questões apareceram inicialmente, mas também havia demandas de questões que estavam acontecendo na vida das pessoas anteriormente à pandemia e que se intensificaram neste período de vulnerabilidade” disse.

DESAFIOS

Com a eventual demanda em busca da saúde mental na pandemia, muitos foram os desafios a serem enfrentados para que estudantes e servidores do IFRN recebessem o acompanhamento psicológico de forma remota. Para a psicóloga do *Campus* Natal-Cidade Alta, o atendimento virtual é um grande desafio. “Muitas vezes o estudante não possui um local adequado para conseguir conversar com tranquilidade, as dificuldades digitais como quedas de conexão e equipamentos inadequados prejudicam a compreensão e o desenvolvimento das conversas. A distância física prejudica o acolhimento e a percepção da linguagem corporal. Apesar de todas essas dificuldades, essa foi a melhor alternativa para nos aproximarmos dos estudantes e os apoiarmos de alguma forma”, relata Odara.

Josfâm também explica que houve momentos em que os estudantes cobravam soluções para as inseguranças e incertezas na pandemia, algo similar ao que ele mesmo também sentia. “Tentavam apontar que eu não tinha resposta para tais problemas, mas resistir às inseguranças e incertezas é fundamental, seja tomando todos os cuidados

para proteger a si, seus familiares e seus entes queridos de serem contagiados pela Covid-19, seja buscando manter uma boa qualidade de vida, mesmo em meio a esse caótico furacão que fomos repentinamente envolvidos. Para isso, é fundamental tentar ter alguma diversão no dia a dia para que possamos ter uma realista sensação de que viver vale a pena e que faz sentido”, disse.

O psicólogo acredita que os desafios do trabalho remoto emergencial são vários, mas que foi necessário se reinventar. “Trata-se de algo novo, quando tive de me adaptar a essa novidade. Aí se incluem ter que lidar com a tecnologia relativa ao trabalho remoto, ser criativo buscando o que fazer quando o sinal da internet passa a falhar, atentar para a minha postura diante da câmera de tal forma que passe uma boa qualidade assim como seria no atendimento presencial e saber que a pessoa com quem converso também está a passar por semelhantes preocupações. O desafio foi desenvolver uma nova tecnologia de trabalho e manter o meu bom semblante, empático, diante de tristes histórias de mortes por Covid-19 relatadas pelos alunos”, explicou.

Fernanda, do *Campus Apodi*, recorda que uma das reclamações que mais recebeu foi, especialmente no início da pandemia, sobre dificuldade de estudar ou trabalhar em casa por questões de espaço físico inadequado. “Isso chegava também nos atendimentos. As pessoas que buscavam nosso serviço tinham muito receio quanto ao sigilo e às

interferências durante os atendimentos, seja por questões de organização, pela dificuldade de assimilação do diálogo e, também, fazer a família entender que estávamos dentro da casa, mas não estávamos em casa, que nossas atenções e energias deveriam estar em outro lugar. Nesse sentido, tive que trabalhar em mim essa ressignificação, para poder propor esse caminho às pessoas que me procuravam”, disse.

Além disso, a psicóloga afirma que tem sido um desafio fazer atendimento virtual, porque a maioria das pessoas não se sente à vontade para ligar a câmera. “Para o fazer psicológico, as expressões faciais e corporais são muito importantes na compreensão da situação relatada. Já deixei de realizar atendimento porque, infelizmente, o estudante não queria ligar nem câmera nem microfone. É muita impessoalidade. Também fico muito mexida quando estou diante de um caso de luto, em que a pessoa chora e não é possível um acolhimento mais afetivo, como um pegar na mão, dar um abraço”, explica Fernanda.

Caroline Stephanie, do *Campus* Natal-Central, acredita que a pandemia veio para todo o mundo, mas as condições materiais concretas de vida de cada um tornaram esse momento mais ou menos desafiador. “Me identifiquei com muitos estudantes e servidores, no desafio de estabelecer uma rotina em que coubessem os afazeres domésticos, o trabalho em casa e o cuidado dos meus trigêmeos. Para mim também foi um desafio conseguir estruturar em casa

um espaço de trabalho adequado e que fosse reservado”, lembrou a psicóloga.

VULNERABILIDADES

Em meio aos desafios da própria pandemia, a saúde mental torna-se ainda mais importante em casos de vulnerabilidades, em que o acompanhamento psicológico é essencial nas vivências dessas pessoas que se encontram em situações de fragilidade. Odara conta que várias situações desse tipo a sensibilizaram. “Questões de violência familiar, quadros de depressão profunda, dificuldades financeiras... Mas um atendimento foi marcante. Um estudante realizou o nosso atendimento dentro de um carro porque não tinha um local na casa que pudesse conversar sem que fosse interrompido ou que pudesse falar sem desconfiar que alguém estaria ouvindo a conversa. Essas são situações que mostram as dificuldades de muitos estudantes com as relações familiares e como isso afeta sua saúde mental”, exemplificou.

Emanuelle explica que, nessa experiência de atendimento virtual, pôde experienciar algo nunca antes vivido. “Tive que realmente adentrar nas casas das pessoas e muitas vezes, quando o estudante abria a câmera, eu ouvia barulhos de galos cantando, das galinhas, as marcas nos telhados, nas paredes. Muitas casas muito simples, mas ao mesmo tempo vi os recursos ofertados pelo IFRN, como os auxílios para compra de equipamentos e recurso para ter internet em

casa. Alunos do interior que utilizavam a internet a rádio e fazia muito tempo que não via esse tipo de recurso. Ou seja, apesar da simplicidade e da vulnerabilidade, eles estavam buscando. Isso me sensibilizou muito e enchia meu coração de gratidão, pois mesmo em meio a essas condições eles não abandonaram seu progresso acadêmico”, recordou.

A psicóloga do *Campus* Caicó relata que alguns casos são muito intensos e pedem ação imediata, como os casos de ideação e tentativa de suicídio. “Esses são, para mim, os mais desafiadores, pois estou distante e às vezes demoro a ter acesso à pessoa ou à rede de apoio. Lembro do caso de uma aluna que havia sofrido violência doméstica e estava sem lugar para ficar. Busquei o Sistema Único de Assistência Social (Suas) da região em que ela morava e orientei para onde ela deveria se encaminhar e buscar ajuda. Também buscamos inserir a aluna nos auxílios do Instituto, o que foi alcançado. Atendi a aluna ainda algumas vezes para ajudar com a ansiedade e o medo e encaminhei para o Sistema Único de Saúde (SUS). Com isso, em equipe, conseguimos dar suporte à aluna e compartilhar a responsabilidade com a Assistência e a Saúde”, explicou Elaine.

Para Fernanda, psicóloga do *Campus* Apodi, tem sido uma experiência ímpar ir até a casa do estudante/servidor, através do atendimento remoto, que nos permite conhecer a pessoa dentro da sua realidade, trazendo outros subsídios para desenvolver o trabalho. “As histórias de vida sempre

são compartilhadas com a Psicologia, com carga emocional muito forte. Durante a pandemia, os problemas sociais, econômicos e de saúde mental se agravaram, parece que tudo ficou mais intenso do que antes, mas, ainda assim, os nossos jovens estudantes me surpreendem a cada atendimento, como quando eles dizem: não busquei auxílio financeiro no IFRN, porque sei que têm colegas em situação ainda mais vulnerável que eu. A emoção era inevitável, pois enxergar as dificuldades daqueles jovens e ouvir esse nível de consciência foi o que mais me sensibilizou”, relatou.

IMPORTÂNCIA DA PSICOLOGIA E SUPERAÇÃO

A saúde mental é fundamental para que possamos encontrar o equilíbrio entre as emoções positivas e negativas e para isso é preciso buscar estratégias que promovam nossas funções mentais de forma saudável. O acompanhamento psicológico vai além de oferecer uma escuta qualificada: ajuda o indivíduo a se sentir acolhido e compreendido nas situações que tem vivenciado. Esse apoio pode também orientar e esclarecer dúvidas, que o estudante, muitas vezes, não tem com quem compartilhar.

Emanuelle, psicóloga que integra o Comitê Covid-19 do IFRN, enfatiza que a saúde mental é uma dimensão da saúde integral, do bem-estar físico, psíquico e social. “Para o cuidado da saúde mental, deve-se observar o contexto social, econômico, como a pessoa vive, se possui acesso às políticas públicas, seja de educação, saúde, lazer, moradia

e locomoção. Tudo isso faz parte do processo de saúde de uma pessoa e quando se pensa em saúde mental existe uma complexidade de fatores”, explica.

A psicóloga do *Campus* Cidade-Alta conta que são várias as situações de superação, “desde estudantes que conseguiram organizar sua rotina em casa e seu tempo para alcançar o sucesso acadêmico no ensino remoto até quem superou crises de ansiedade com o auxílio de orientações psicológicas que se somaram a outros encaminhamentos, essenciais ao restabelecimento emocional do estudante”, disse Odara.

Para Josfâm, o atendimento psicológico possui ferramentas capazes de modificar um quadro de intenso sofrimento mental. “A busca desse tipo de atendimento pode sim fazer diferença na manutenção da saúde mental daquele que procura o atendimento. Ofereci o serviço a uma estudante bastante desmotivada com o curso devido às restrições da sua vida atual na pandemia. Foram três conversas em um espaço de dois meses, aproximadamente. Na última conversa, ela relatava ter conseguido um estágio voluntário em seu curso e ter se inscrito em uma formação profissional de uma ONG com possibilidade de viagem ao exterior pós-pandemia”, exemplificou.

A psicóloga do *Campus* Apodi explica que, quando não estamos bem emocionalmente, mentalmente, todo o resto fica comprometido e a pandemia escancarou isso. “A divisão corpo e mente só existe para fins didáticos, na realidade somos uma coisa só, não tem como mexer em um e não

afetar o outro. Nós temos nos desdobrado para tentar dar conta da alta demanda desse momento, justamente porque entendemos essa relação, essa necessidade”, disse Fernanda.

Além disso, a psicóloga esclarece que o IFRN não oferece psicoterapia à comunidade escolar, mas um acolhimento. “O acolhimento em um momento de crise ou sofrimento é muito importante e orientações de como acessar seus próprios fatores de resiliência, de modo que as pessoas tentem identificar ou criar estratégias mais ajustadas para lidar com suas próprias emoções diante das situações mais adversas da vida”, elucida.

Caroline Stephanie, do *Campus* Natal-Central, afirma que a busca pelo bem-estar é uma constante nas nossas vidas. “Quando a gente passa por momentos de dificuldade e sofrimento, é importante reconhecer os sentimentos envolvidos, acolhê-los e colocar em prática o autocuidado. Para ajudar nesse processo, contamos com a arte, música, prática de atividade física, relacionamentos saudáveis e apoio familiar, por exemplo. O acolhimento de profissional psicólogo pode ser fundamental, na busca pelo bem-estar e saúde mental, pois, quando estamos bem, temos satisfação em viver e contribuir com o ambiente ao nosso redor”, disse.

A psicóloga também recordou que havia atendido uma jovem, de outro *Campus*, em situação econômica muito vulnerável, com prejuízo inclusive na alimentação e explicou como tratou o caso. “Fiz contato com serviço social do meu *Campus*, que por sua vez acionou as colegas

do *Campus* de origem da estudante e, no dia seguinte, a jovem informou que a assistente social já havia prestado a assistência necessária. O que presenciei nos atendimentos foi um trabalho em equipe multiprofissional de excelência, dentro de uma Instituição com uma função social que extrapola o ensino de qualidade”, enfatiza Caroline.

Emanuelle acredita que a Psicologia do IFRN chega com essa visão sistêmica: “vivemos em um país de muita desigualdade social, que tem dificultado o acesso da população pobre às políticas públicas mais básicas, então quando a gente pensa em Saúde Mental, não pensamos apenas em um sujeito doente ou não, e sim em pessoa com sua história pessoal, com seu contexto social e econômico”, explica.

A psicóloga vê o trabalho da Saúde Mental como necessário no IFRN. “Se estamos falando da nossa Instituição, então a promoção da saúde mental faz parte de todos os servidores, faz parte de toda comunidade acadêmica, cada um com seu viés, com seu caminho e, ao mesmo tempo, trabalhando juntos”. Ela finaliza a reflexão citando Paulo Freire: “gosto de ser gente porque a história em que me faço com os outros e de cuja feitura tomo parte é um tempo de possibilidades e não de determinismo”.



IFRN RETOMA AÇÕES DE QUALIDADE DE VIDA EM 2021

*Programa se adapta ao contexto do trabalho remoto sob o
impacto da pandemia*

Por Amanda Freitas,

assistente em Administração na Reitoria, com formação em Jornalismo



A Qualidade de Vida no Trabalho (QVT), termo que permeia o cotidiano de servidoras e servidores do Instituto Federal do Rio Grande do Norte (IFRN) durante suas atividades laborais, nunca esteve tão em evidência quanto no contexto da pandemia da Covid-19. Desde o dia 17 de março de 2020, com a suspensão das atividades presenciais, as equipes de trabalho do Instituto começaram a construir a modalidade de trabalho remoto, uma novidade que precisou ser assimilada diária e rapidamente, para a manutenção dos serviços básicos da Instituição.

E foi nesse contexto de distanciamento social, readequação do cotidiano laboral, pandemia e incertezas que, com a suspensão das atividades presenciais, também foram suspensas as ações da Política de Promoção à Saúde e Qualidade de Vida no Trabalho no IFRN, organizadas em três eixos: Saúde Integral, Estilo de Vida e Política Organizacional. O edital da Política para 2020, que estava em

andamento, acabou sendo cancelado. Em 2021, as ações foram retomadas.

A necessidade de manter o distanciamento social esbarra, diretamente, na necessidade de praticar exercícios físicos, que se tornaram protagonistas no reforço à imunidade e ao fortalecimento do aparelho respiratório, principal alvo de ataques do coronavírus. Maria das Graças Varela, coordenadora de Administração de Pessoal na Reitoria do Instituto, comenta a dificuldade de manter uma rotina de exercícios nesse contexto. “Até tentei fazer atividades físicas em casa, mas não consegui me disciplinar. Estou retomando agora com as caminhadas, mas está sendo um desafio. É muito bom fazer atividades físicas em grupo”. A coordenadora avalia que as ações de QVT eram facilitadoras nesse sentido. “Sinto muita falta [das ações]. Era um momento de pausa, autocuidado e socialização com os colegas. Fazia muito bem à saúde física e mental”, explica.

Zuleica Tavares, secretária executiva da Diretoria de Gestão de Pessoas, reconhece a mesma dificuldade e pondera novos problemas surgidos com a pandemia. “Tentei, no começo do isolamento social, fazer atividades físicas em casa mesmo, mas tive dificuldade na continuidade. Espero poder contar com o IFRN na retomada dessas atividades físicas. Agora, além de necessidade específica que tenho por alguns problemas de joelho e coluna, acredito que a pandemia deixou muitas sequelas em muitos de nós

servidores, pois no *home office*, por não estarmos preparados para essa nova realidade, a maioria de nós não tinha estrutura física, como mobiliário ergonômico, iluminação funcional e equipamentos adequados para desenvolver as tarefas. De alguma forma houve prejuízo físico, com a má postura, como também alguns adoecimentos psicológicos”, avalia. Para ela, os exercícios físicos são um importante aliado no contexto da Covid-19. “Vale ressaltar que foi constatado agora, na pandemia, como é importante para a saúde a atividade física, seja para o equilíbrio emocional ou para a saúde física”.

EXERCÍCIOS: SAÚDE FÍSICA E MENTAL

Para o professor e educador físico Ywky Dantas, do *Campus Currais Novos*, manter-se em movimento é uma condição importante antes, durante e depois da pandemia. “Isso porque o exercício físico gera benefícios incalculáveis para a saúde de quem pratica. O importante, em primeiro lugar, são os cuidados relacionados à biossegurança nos espaços frequentados. Caso algum servidor se sinta inseguro, que é comum e compreensível, a ideia é movimentar-se em casa. No ano de 2020, desenvolvi ações através de *lives* interativas onde o carro-chefe era o exercício em tempo real junto comigo: alongamentos; treinos aeróbicos; relaxamento; treinos abdominais – o objetivo é movimentar por completo”, comenta.

A constância da prática de exercícios também é um fator importante para quem busca uma vida mais saudável.

“Para termos alterações em nosso organismo precisamos nos manter ativos por, no mínimo, três vezes por semana. A OMS [Organização Mundial da Saúde] estabelecia 150 minutos no mínimo para indivíduos adultos. Hoje, esse tempo sofreu alteração para 300 minutos, em razão da pandemia”, explica Ywky, que também dá algumas dicas para quem deseja se manter ativo respeitando o distanciamento social. “Existem muitas possibilidades: exercícios de alongamento; movimentos simples articulares; deslocamentos leves; deslocamentos mais intensos; dependendo da condição física do servidor, pode-se trabalhar com exercícios de impacto (saltos, por exemplo). No entanto, o mais importante é perceber-se em relação à atual situação física, ter a liberação médica (fazer o check-up), respeitar seus limites e progredir na medida em que for ficando ‘fácil’ de realizar os movimentos”.

A psicóloga Cynthia Mota esclarece que, mais do que a inclusão da prática esportiva no expediente de trabalho, a QVT, num âmbito geral, é dividida em cinco partes e que todas elas têm relação com a saúde mental: condições de trabalho (temperatura, ergonomia), vida social, reconhecimento e crescimento profissional, relações socioprofissionais e organização do trabalho (divisão de tarefas, hierarquia). Para ela, as três últimas representam um espectro ainda maior dentro do que compreende a saúde mental. “A gente tem uma tendência a separar saúde física e mental, mas tudo é saúde, são coisas indissociáveis”, explica Cynthia, também lotada na Reitoria.

Em relação à organização do trabalho, que envolve os aspectos mais delicados, como divisão de tarefas, relações de poder, autonomia, relação com a hierarquia e comunicação, pode-se dizer que a pandemia ocasionou grandes mudanças, uma vez que todos esses aspectos precisaram passar por adaptações e mesmo transformações. “No trabalho remoto ficamos muito sem bordas/limites do que é o momento do trabalho e do que é o momento de atividades familiares ou domésticas. Separar esses limites é um grande desafio e exige sabedoria”, destaca. A psicóloga explica, ainda, que, se para uns a qualidade de vida aumentou – seja por pessoas que já possuíam um mobiliário próprio de escritório em casa ou que enxergam um aumento da autonomia –, para outros isso representou o surgimento de novas dificuldades, pela falta de mobiliário ergonômico ou a ausência de relações interpessoais, por exemplo.

Cynthia acrescenta que, no que diz respeito ao distanciamento social, pesa a importância do fortalecimento dos coletivos de trabalhadores para a saúde mental. “As ações de QVT podem contribuir para esse fortalecimento. Toda ação que junte pessoas e que seja um espaço onde elas possam falar sobre trabalho, discutir sobre o trabalho bem-feito, é algo muito importante para a saúde mental”.

Enquanto os ambientes laborais adaptam suas estratégias de Qualidade de Vida no Trabalho ao novo cenário mundial, a QVT passou a ser uma busca ainda mais

individual e necessária. Tão importante quanto descobrir novas formas de atender às demandas laborais do dia a dia é manter-se focado na própria saúde, física e mental.

QVT NO IFRN – PRIMEIRAS AÇÕES

Em 2004, com o início da gestão do atual diretor de Gestão de Pessoas do IFRN, Auridan Dantas, iniciou-se também uma pesquisa institucional sobre qualidade na prestação de serviços de Recursos Humanos (RH). A inquietação sobre a relação entre qualidade dos serviços e Qualidade de Vida no Trabalho surgiu do conhecimento sobre as ações de QVT praticadas pela Petrobrás já naquele ano.

Como ainda não havia equipe ou recursos destinados a esse fim, as primeiras ações de QVT iniciaram-se de forma esporádica, contando com a contribuição voluntária de profissionais de Educação Física. As atividades iniciais envolviam torneios de futsal, vôlei, boxe, tai chi chuan, palestras, campanhas e passeios, que passaram a contar, também, com estagiários do curso de Gestão Desportiva e Lazer, oferecido pelo *Campus* Natal-Cidade Alta do IFRN. À época, os Jogos Internos do Instituto, realizados entre estudantes dos *campi*, passaram a ter a participação de servidores.

Com o crescimento das ações e sua expansão também para os *campi* que surgiam (Natal-Zona Norte, Ipanguaçu, Currais Novos e Mossoró), além do Natal-Central, a então Diretoria de Recursos Humanos começou a estruturar a Coordenação de Qualidade de Vida, que atuava

inicialmente por meio de grupos de trabalho. A partir da projeção dos resultados dessas ações, tornou-se imperativa a construção de uma Política institucional. Assim, em julho de 2014, foi aprovada pelo Conselho Superior (Consup) da Instituição a Política de Promoção à Saúde e Qualidade de Vida no Trabalho do IFRN.

Com um programa estruturado, Auridan afirma que o IFRN já teve o maior recurso voltado à qualidade de vida do país, dentre institutos e também universidades federais, e continua sendo a instituição com o maior orçamento para capacitação. As ações que, de início, voltavam-se para práticas desportivas, começaram a englobar também a segurança do trabalho, prevenção de incêndios e exames periódicos, além de estruturamento físico, com academia, sala de jogos, sala de descanso dentre outros. “A qualidade de vida no IFRN hoje é ‘um mundo’ e serve de modelo. Já mandamos colegas nossos para todo o Brasil – e todas as instituições que nos chamaram, nós fomos”, completa o diretor.



ACÚSTICA, MICROFONE E... ESTAMOS NO AR, EM QUEDA LIVRE?

*O impacto da pandemia no universo radiofônico do IFRN
e a existência de paraquedas*

Maria Clara Pimentel,

estagiária de jornalismo na Reitoria do IFRN



O desenvolvimento de um projeto de rádio é um processo tão instigante quanto uma peça audiovisual. Não tem a mesma simbologia que um “luz, câmera e ação”, mas pode ter a elegância e a distinção de um encanto à primeira ‘ouvida’. E são vários os tipos de conteúdos que podem nos enfeitiçar pelos ouvidos: audiodocumentários, audiolivros, podcasts, programas de rádio-jornalismo. Muitas vezes, eles se juntam aos barulhos que estão à nossa volta: carros no trânsito, construção em prédios ao lado, pessoas conversando, grilos cantando, cachorros latindo... As ondas sonoras entram o tempo todo, sem pedir licença, e de repente somos atraídos por algumas delas, que se destacam na nossa cabeça.

Essa recepção sonora é um processo simples, já que o ouvido e o cérebro fazem todo o trabalho por nós. Enquanto isso, a produção desse material, embora não

exatamente complicada, é trabalhosa e exige primor, dedicação e sensibilidade. Quando falamos sobre trazer informações, discussões, opiniões e análises, sem artifício visual, apenas sonoro, aí é que a situação fica delicada. Porque precisa unir o conteúdo informativo a um áudio confortável e limpo, uma linguagem clara e simples a recursos sonoros que tornem aquele conteúdo interessante.

Não é exagero que muitas das pessoas que fazem rádio têm uma paixão por essa linguagem. Ellen Lima, bolsista, locutora e produtora do projeto de rádio Rocal, do *Campus* Natal-Cidade Alta do IFRN, dá seu testemunho: “eu ouço rádio desde que eu me entendo por gente, eu acho que eu escuto rádio desde a barriga da minha mãe; é meio que uma coisa que faz parte da minha família; já ganhei promoção em rádio, já fui em rádio... Então quando eu vi um projeto que era na rádio, eu me joguei e desde então estamos no ar”.

O Instituto Federal do Rio Grande do Norte (IFRN) é berço de pelo menos seis projetos de rádio e seis de *podcast*, promovidos em *campi* e na Reitoria. A maioria existe há anos, mas a produção de todos os projetos ativos teve de se reinventar por causa da pandemia. A estrutura básica de um estúdio, com microfones, isolamento acústico e mesa de som, não teve outra saída que não se liquefazer. Em um processo mais fluido, cada um, de sua casa, faz a sua parte, com os instrumentos a que têm acesso.

Como uma narrativa, que precisa de começo, meio e fim, é assim também o desenvolvimento de qualquer programa de rádio ou episódio de podcast. Mas a forma como são designadas as atribuições de cada etapa depende do tipo de programa. A estrutura para um programa de debate ao vivo é diferente de um programa jornalístico ao vivo, que é diferente de um programa distribuído sob demanda, e por aí vai.

Vamos conhecer, a seguir, projetos de rádio existentes dentro do IFRN que focam em distintas etapas de produção do conteúdo.

IDEALIZANDO E PRÉ-PRODUZINDO

No rádio, a pré-produção é algo muito importante, é o que dá direcionamento à pauta, definição de estilo de linguagem ao veículo e até mesmo senso de rádio a uma equipe de estudantes de fora da área da comunicação. É o que acontece com os alunos do *Campus* Natal-Cidade Alta, quando entram no Instituto e se deparam com o projeto da Rádio Rocal.

Seguindo os preceitos da Educomunicação, o foco está no aprendizado e no processo do fazer rádio, e não no resultado. É o que afirma Edivânia Duarte, jornalista, radialista e doutora em Rádio Escolar, que coordena o projeto. A Rádio Rocal surgiu no ano de 2017 e é um dos projetos de Extensão mais estruturados dentro do IFRN. “Eu tive uma grata surpresa: alunos e servidores estavam ávidos por uma rádio escolar, mas não tinha ninguém que

pudesse ir à frente e colocar a rádio para funcionar. Esses sonhos se cruzam e a gente implementa a rádio, que vai ao ar em janeiro de 2018”, explica.

Não havia estúdio, caixas de som, mesa de som ou computadores, mas isso não impediu que a empreitada fosse para a frente. No *Campus* Natal-Cidade Alta, Edivânia encontrou Geraldo Peregrino, técnico em Audiovisual do *Campus* que já havia sido seu aluno na Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Ele se interessou pelo projeto e entrou como coordenador técnico. Mas essa não seria uma rádio qualquer, seria mais complexa do que apenas uma questão de montar a infraestrutura e colocar os alunos para tocarem músicas.

Do outro lado da moeda, é perceptível o quanto os estudantes realmente precisavam da Rádio. 2016 foi o ano em que o *Campus* Natal-Cidade Alta passou a ter duas unidades: uma na Avenida Rio Branco e uma nova, no bairro das Rocas. Estudantes dos Cursos Técnicos Integrados foram remanejados para o novo prédio, tendo de se despedir de um *Campus* “muito acolhedor, que já tinha uma estrutura belíssima; era um *Campus* histórico, com uma paisagem bacana e agradável”, na opinião de Jerusa Vieira, ex-aluna do Curso de Multimídia e uma das primeiras voluntárias da Rádio Rocal. Com essa despedida, ela foi recebida no bairro das Rocas por um prédio ainda em construção: “a rádio veio como essa nova chance e oportunidade para que

os estudantes pudessem ter voz, para que a gente pudesse participar disso e se habituar nesse novo local”.

Então, em 2017, tem início o processo de implementação da rádio e das oficinas para os estudantes aprenderem sobre a linguagem radiofônica e os aparelhos que passaram a utilizar, além de criarem seus próprios programas. A Educomunicação está intrinsecamente ligada a esses momentos de capacitação. Primeiro porque é algo que tem bastante importância no projeto, que busca também promover os processos de ensino aprendizagem de produtores e ouvintes, a partir dos conteúdos produzidos. E também porque, embora no primeiro ano as oficinas fossem dadas pelos professores envolvidos, a cada leva de alunos novos no projeto são os veteranos que repassam o conhecimento que adquirem e, por consequência, também auxiliam os novatos na construção e implementação de seus programas. Em razão do caráter de rotatividade, já participaram da Rádio Rocal mais de 100 alunos do Cidade Alta/Rocas.

A Educomunicação trabalha, principalmente com dois vieses, uma educação que seja comunicativa e uma comunicação que seja educativa. Nesse sentido, a professora Edivânia explica: “os alunos vão aprendendo não só os conceitos de comunicação, não só apertar o botão e fazer edição, mas eles vão aprendendo a pesquisar: ‘ah, eu quero fazer programa X’, então eu preciso pesquisar sobre o tema desse programa, eu preciso entender como esse ouvinte vai

entender o programa, eu tenho que escrever de maneira clara, porque o rádio pede que seja de maneira clara. Além disso, a Rádio Rocal não é uma rádio comercial, ela é uma rádio experimental, é uma rádio que está dentro de um instituto de educação, então o objetivo é permitir que os alunos experimentem, que eles aprendam a se comunicar melhor e, sobretudo, que aprendam a fazer programas que tenham sentido para eles, que sejam programas educativos e culturais”.

A questão educacional também está muito ligada ao protagonismo dos estudantes e ao dialogismo. Os alunos têm a liberdade para idealizar seus programas e apresentarem suas ideias de formatos, como explica Edivânia: “a professora está ali, Geraldo está ali, para mediar os conhecimentos; a gente tem algumas leituras a mais que eles, a gente dá algumas dicas para que eles façam, mas o objetivo é que a gente dialogue e aprenda também com os alunos”. Vivi Cavalcante, produtora e operadora de áudio do projeto, não deixa a professora mentir. De acordo com ela, os estudantes ficam muito livres para criar, sabendo que os professores estão supervisionando: “ao mesmo tempo que a gente tem essa liberdade e autonomia, a gente sabe que tem também a professora Edivânia para se posicionar e para a gente poder alinhar as coisas e fazer com que o conteúdo saia bem redondinho”, comemora a estudante.

RECONFIGURANDO O SISTEMA

A programação da Rádio Rocal, antes da pandemia do coronavírus, baseava-se em uma grade de conteúdo durante

os intervalos do *Campus* Cidade Alta, com as caixas de som levando a programação pelos corredores. Em 2019, o projeto se complexifica e a Rádio começa a entrar no YouTube em conjunto com projetos similares de outros *campi*. A professora Edivânia explica como funcionava: “ali a gente já começava o exercício de trabalhar em rede; nós éramos a cabeça da rede e os outros *campi*, que não tinham um projeto tão desenvolvido quanto o nosso, com uma grande equipe, mandavam os programas já editados e a gente retransmitia.”

Com o início da pandemia e a conseqüente paralisação das atividades presenciais no IFRN, em março de 2020, há a reescritura da rádio como projeto de Extensão, cujo título também se modifica: “Rádio Rocal do IFRN – reconfigurando o sistema”. A explicação é de Edivânia Duarte: “o objetivo é justamente este, a gente precisa se reconfigurar e se adaptar agora à situação digital; então já tínhamos uma presença muito marcante nas redes sociais e agora, como a gente não podia mais fazer toda aquela programação presencial dentro do nosso estúdio, a gente investe na produção de conteúdo no Instagram”.

Foi por meio dessa rede social que a Rádio Rocal viu a oportunidade de colocar sua voz ao vivo pela primeira vez durante a pandemia. “Chegou uma hora que a gente não aguentava mais, a gente tinha que fazer uma *live*; não porque todo mundo estava fazendo, mas porque é a maneira que a gente tem, nesse tempo, de estar perto, de estar junto, de

trazer a rádio de volta de alguma maneira”, comenta Ellen Lima, bolsista do projeto e estudante da graduação em Produção Cultural, também no *Campus* Natal-Cidade Alta.

Outra maneira encontrada foi a implementação de uma nova plataforma digital que permitisse a transmissão de uma grade de programação ininterrupta, além da possibilidade de programas ao vivo: “eu que fiz a primeira transmissão e eu fiquei muito emocionada, porque eu, como locutora, estava doida para entrar no ar ao vivo de novo, e foi muito bacana ter essa nova experiência e o retorno e os comentários das pessoas que ouviram”, explica Ellen.

PRODUZINDO E RAMIFICANDO

Falar de ramificar, abranger a perspectiva de rádio e abraçar o contexto transmídia é falar de Rádio Desopila. A rádio escolar do *Campus* Caicó nasceu até de forma semelhante à Rocal, mas em vez de se desenvolver crescendo para cima, cresceu para os lados, segundo o seu coordenador, o professor de Música João Gomes.

A ideia do projeto de uma rádio escolar já existia no *Campus* Caicó havia anos, inclusive, já existia todo o sistema de caixas de som instalados pelo prédio, mas foi em 2018, com a chegada do primeiro professor de Música, João Gomes, que tudo começou. Ele já tinha uma experiência na área, pois já havia produzido podcasts em outras escolas, então quando o corpo acadêmico do *Campus* ofereceu-lhe a oportunidade, o professor aceitou o desafio.

Desde sua implementação, em 2019, a Rádio Desopila foi muito bem recebida e teve uma grande importância dentro do *Campus*, como explica o professor João: “a rádio acabou tomando uma proporção muito grande, porque nos intervalos a gente colocava a rádio para funcionar, trazia notícia, trazia música e isso movimentava; acabou criando um ambiente de sempre aguardar o intervalo e depois pedir as músicas; a gente criou realmente um movimento dentro do *Campus*”.

A partir de um concurso com o pedido para que os próprios estudantes e ouvintes da rádio sugerissem nomes, uma aluna do curso de Vestuário deu a ideia vencedora: Desopila. O momento do intervalo era realmente essa hora de descontração, em que os estudantes cantavam e dançavam nos corredores. O coordenador explica sobre a escolha dessas músicas, que, é válido lembrar, eram sugeridas pelos próprios estudantes: “eu, como professor de Música, sempre estimulo a criticidade com a música que eles escutam, né, ter uma escuta mais ativa; então eu não podo ninguém; é claro que a gente não botava nenhuma música com palavra e esse tipo de coisa, mas era música que você dança, que você curte numa festa, por exemplo, e é a música que faz parte da cultura dos alunos; eu não podia botar lá Bach ou Beethoven, porque por mais legal que sejam, não faz parte da cultura dos alunos, eles não escutam”.

Até então, nesse momento inicial do projeto, o sucesso permanecia dentro das quatro paredes do Instituto na cidade

de Caicó, mas logo o trabalho começou a se desenvolver e a se complexificar. A cobertura de eventos passou a ser um pilar importante da rádio, inclusive se espalhando para atividades fora do *Campus*, já que os alunos cobriam jogos, desfiles de moda, eventos na Casa da Cultura da cidade e muito mais, fazendo entrevistas e transmissões ao vivo e trazendo esses conteúdos também nas redes sociais do projeto.

Foi esse trabalho mais jornalístico, inclusive, que provocou em Alessandro Fernandes o desejo pela graduação de Jornalismo. O caicoense participou do projeto desde a fundação até o começo de 2021 e hoje estuda na Universidade Federal do Ceará (UFCE). Ele explica que sua participação no projeto foi crucial para perceber que a Comunicação era o que ele realmente queria para seu futuro e que hoje percebe a importância de tudo o que aprendeu na rádio para a sua graduação: “eu estou no meu primeiro semestre ainda, sou bem calouro, mas eu percebo que todas as dicas que eu recebi e toda a minha experiência trabalhando lá, até mesmo durante a pandemia, que acabou dificultando um pouco os trabalhos; foram um espaço muito importante na minha vida, que mudou a maneira como eu enxergava meus passos no futuro”.

No ano de 2020, a rádio virou coletivo e se ampliou para outras vertentes: revista, podcast, TV, eventos, além de fazer um conteúdo transmídia, com maior atividade em diferentes plataformas, como YouTube e Instagram. O professor

João explica o alcance que essa atuação chega: “a gente dá todo o suporte para os eventos do *Campus*, como a gente faz eventos também; a gente trabalhou com a Expotec, que foi na Ilha de Sant’Ana, então a gente fez a cobertura; e a gente trabalhou em parcerias com outros eventos da cidade também”. Para dar conta de tudo isso, existem hoje 27 pessoas envolvidas no projeto, entre professores, bolsistas e voluntários.

Apesar de ser um projeto dentro do coletivo, a rádio agrega status porque foi o primeiro e porque passou a ter grande credibilidade com seu público. Hoje, a rádio chega a ser considerada um setor dentro do *Campus*, com bolsistas específicos, sendo extremamente importante para a comunicação do Instituto. João Gomes, coordenador do projeto, explica como isso se refletiu na pandemia: “a demanda aumentou, porque era tudo a gente; ‘tem como publicar isso aqui?’, ‘fala sobre isso’, então a gente acabou ganhando essa notoriedade no *Campus*”.

CHAVE: TRABALHO EM EQUIPE

A principal mudança da rádio com a paralisação das atividades presenciais foi a mudança de seu formato para *web rádio*. João explica como a equipe fez para se reinventar: “A gente teve que aprender a mexer com softwares de streaming, porque a gente passou a fazer o nosso programa pelo Meet; eu capto o som do Meet, jogo para o streaming e o streaming joga para a internet; o próprio site da gente permite que a gente tenha o aplicativo; aí a gente teve que

pegar essa manha de aprender a mexer com esses softwares para poder fazer”.

Quando não é possível que o programa seja gravado ao vivo, os estudantes gravam e mandam apenas o áudio para João. Ele inclusive elucida melhor sobre o trabalho em grupo: “a gente consegue dividir bem o trabalho, não fica pesado, fica bem dosado para cada um; me ajuda também, porque eu me envolvo com trezentas coisas [riso] e os meninos conseguem dar esse ritmo para a rádio; a rádio consegue andar de certa forma com autonomia por conta desse trabalho em equipe, que os meninos conseguem fazer muito bem”.

Luana Oliveira, aluna do 2º ano do Curso Técnico Integrado em Informática e bolsista do projeto, corrobora o estilo democrático do professor: “ele não é o tipo de coordenador que quer, exatamente, mandar em você; é uma coisa muito boa, é uma relação mútua de respeito e de colaboração; ele tem os pedidos dele, a gente também tem as demandas da gente, então sempre foi algo bem tranquilo”. O fato de o projeto ter uma demanda constante e, portanto, depender de uma comunicação direta e frequente entre as pessoas envolvidas também parece ser um ponto bastante positivo, como explica Eduarda Mirelly: “em projetos de pesquisa que já trabalhei, os professores geralmente passam uma demanda semanal, só que não ficam em contato direto para saber se a pessoa está fazendo ou puxando para saber como está o andamento, era só um dia específico; aí realmente

esse contato direto é uma coisa que traz uma produtividade maior, particularmente para mim”.

PÓS-PRODUZINDO, FINALIZANDO E ENTREGANDO À SOCIEDADE

Com foco na entrega e na construção de um roteiro a partir da análise de todos os materiais adquiridos, está o Canal IFRN, podcast com uma essência mais institucional, já que produzido pela Assessoria de Comunicação Social e Eventos do Instituto (Asce).

O *podcast* usa da mesma linguagem do rádio, com a grande diferença de que é um conteúdo sob demanda e, portanto, pode ser feito com temáticas variadas, usando do caráter de atualidade ou não, já que é suposto que vai escutar quem se interessar exatamente pelo tema debatido. E o que é mais interessante para a comunidade de um Instituto Federal que acabou de passar por uma instabilidade política envolvendo a escolha dos seus gestores do que dar voz aos gestores eleitos, para que falem sobre suas tarefas e desafios? Nada, né? Pelo menos é o que pensa Elizangela Garcia, desenhista de Som, técnica de audiovisual da Asce e responsável pelo Canal IFRN.

Mas não foi bem nesse momento em que o projeto surgiu. A paraibana nascida em *Campina Grande* chegou na Assessoria em 2019 e começou a procurar possibilidades de atuação dentro da edição de áudio, com o que já trabalhava. Ela explica: “por minha iniciativa mesmo, comecei a fazer uma pesquisa sobre podcasts produzidos nos

Institutos Federais, com um olhar especial aqui para o Nordeste”. A partir dessa investigação, surgiram ideias, como possibilidades de divulgar projetos e debates do IFRN, trazer temáticas ligadas ao Ensino, Pesquisa e Extensão, além de que seria “interessante ser um espaço que também trouxesse um pouco dos *campi*, que tivesse a participação dos *campi*; não é porque seria da Assessoria que a gente não estaria junto, né?”, complementa.

Entre as ideias, estava a série #falaDG, que é um espaço para a diretora ou o diretor-geral de cada *Campus* estar nesse primeiro plano, descrevendo como chegou a essa posição, falando sobre os desafios que pretende enfrentar e também respondendo a questões feitas por membros da comunidade acadêmica. Portanto, a ideia original do programa se formou inteiramente no contexto de troca de gestão, como Elizangela explica: “a gente queria ressaltar a questão de serem diretores-gerais eleitos. E é interessante porque a gestão *pro tempore* ainda nem tinha chegado; nem passava por nossa cabeça que a gente poderia passar pelo período que passou, quando o professor José Arnóbio era para ter assumido; mas ainda assim, a gente vive um momento tão instável no Brasil, que naquela época eu já teria que fazer questão de dizer que era um podcast para os diretores-gerais eleitos falarem”.

Com a pandemia, em março de 2020, os trabalhos tiveram de frear: “a gente não sabia o que estava

acontecendo, a gente não tinha ideia de quanto tempo ia demorar para voltar, mas a edição com o material que eu já tinha continuou”, explica Elizangela. No entanto, não demorou muito para chegar mais um banho de água fria: “logo em seguida [abril] veio a gestão *pro tempore* e aí, quando isso aconteceu, foi aí que parou tudo, porque não tinha mais nem sentido”.

No roteiro dos podcasts, a parte final era sempre destinada a perguntas das comunidades de cada *Campus*, que sempre contavam com três representantes: estudantes, técnicos-administrativos e docentes. O projeto teve de ser engavetado porque as perguntas enviadas por essas pessoas estavam no contexto da normalidade que era vivida até então, elas haviam se tornado obsoletas: “imagina, uma pergunta que um estudante mandou sobre aulas de campo... Não estão acontecendo, a gente não sabe quando é que vai voltar a acontecer, então essa pergunta perdeu o sentido e tivemos que refazer tudo. A gente vive uma outra realidade, o que interessa um aluno perguntar para o DG dele agora não é a mesma coisa que interessava no começo de 2020”.

No final de dezembro de 2020, quando o reitor escolhido pela comunidade acadêmica assumiu, os fluxos de trabalho começaram a retornar e a produção do podcast #falaDG voltou à ativa. Elizangela explica que o programa precisou fazer várias alterações: “a primeira delas foi trazer José Arnóbio para ser o primeiro episódio, para contar um

pouco da chegada dele no Colégio de Dirigentes (Codir), enquanto reitor, e daí abrir a voz para os diretores-gerais eleitos, porque até então eles eram DGs *pro-tempores*.”

Outra mudança na produção do podcast foi o surgimento da narração. Como os materiais dos primeiros episódios foram conseguidos antes e depois da gestão temporária, tornou-se importante situar historicamente cada fato trazido pelos DGs. Além disso, há uma grande simbologia com relação à pessoa que narra, como Elizângela esclareceu: “convidamos Carol Dantas, que é secretária do Conselho Superior (Consup) para ser a narradora, porque ela também é secretária do Codir e do Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão (Consepex). Assim, ela está totalmente implicada no que tem a ver com as reuniões de gestão e dos debates. Também se tornaram bem emblemáticas algumas situações durante a gestão *pro tempore* e as reuniões do Consup, em que ela precisou falar mais do que costuma como secretária, sendo uma voz muito importante para a manutenção da ordem institucional naquele período”.

CANAL COMO PRESTAÇÃO DE CONTAS

Quem vai no perfil do Canal IFRN no Spotify se depara com outros episódios, que não têm relação com o #falaDG, primeira produção em série do Canal. Os outros são áudios do Comitê Covid-19 que estavam sendo enviados por WhatsApp à comunidade acadêmica do Instituto. O Comitê estava escrevendo um relatório para colocar as atividades que

havam sido realizadas até o momento e, segundo Elizangela, “a gente achou legal ter onde esses áudios ficassem registrados e possíveis de serem consultados”. Quanto ao conteúdo dos arquivos, a paraibana comenta que “eram pequenas dicas, pequenas orientações, para tentar minimizar algumas coisas que estavam acontecendo nesse início da pandemia e que a gente não sabia como lidar”.

Em dezembro de 2021, surgiu também o Roda Conversa, um produto realizado a partir do projeto de Extensão Além dos Muros do IFRN, coordenado pela Assessoria de Comunicação Social e Eventos e com a participação da Pró-Reitoria de Extensão e da Pró-Reitoria de Pesquisa e Inovação. A primeira série contou com cinco episódios: Mulheres Mil; Mundo do Trabalho; Modernização da Administração Pública; Mineração e Energias Renováveis. O programa é apresentado pela assessora de Comunicação Social Clara Bezerra, e pela coordenadora do Núcleo para Fortalecimento da Imagem Institucional, Patrícia Mesquita, com edição e desenho de som também da técnica em audiovisual Elizangela Garcia. Os episódios contam sempre com uma história representativa do tema trabalhado, com foco em alguém da Instituição, como também a participação de um gestor da área e de um pesquisador externo ao IFRN. “O objetivo é refletir sobre os temas envolvidos com os projetos institucionais, saindo realmente dos muros da Instituição e ampliando as possibilidades trazidas pelas ações dos servidores e estudantes, explicou Clara.

Esse é o real propósito do Canal IFRN, produzido pela Assessoria de Comunicação: fazer comunicação pública. Elizangela explica: “a partir do momento em que a gente coloca o que a gente faz no ar, a gente está necessariamente prestando contas, e eu acho que a gente tem que fazer isso o tempo todo, sabe? Porque é isso, o Instituto é público, ele é gratuito e oferece um ensino de qualidade, e isso tem que ser sempre pontuado; o que a gente está fazendo, para quem, por que, como... As pessoas têm que saber disso, então quanto mais maneiras a gente tiver de tornar isso disponível, melhor”. Apesar de o podcast ainda ser uma via tímida, estar no seu começo, com poucos episódios, fica o desejo de Eliza de que “tenha vida longa, que venham mais ideias, que mais pessoas somem, que mais *campi* cheguem junto. É uma construção, né? É uma construção”.



LABORATÓRIO EM TELA

Estudantes do IFRN desenvolvem laboratório de avaliações químicas que pode ser acessado pelo celular

Neiryvan Maciel,

assistente administrativo do *Campus* Natal-Zona Norte,
com formação em Jornalismo



Um dos pilares do IFRN é o desenvolvimento de Pesquisa e Inovação, sempre atrelado à formação acadêmica dos cursos ofertados. Um dos desafios durante a pandemia de Covid-19 foi manter os projetos em execução. Os estudantes do Instituto – incentivados constantemente a participar de eventos de natureza científica – precisaram reinventar formas para conciliar o ensino remoto emergencial e a continuidade dos seus experimentos e criações tecnológicas.

Alguns estudantes já chegam na Instituição com o desejo de enveredar pela área científica. Outros descobrem essa possibilidade de caminho quando se deparam com as atividades coordenadas pelos pesquisadores institucionais.

Hanna Vitória, estudante do 3º ano do Curso Técnico Integrado em Eletrônica do *Campus* Natal-Zona Norte, enxergou a oportunidade de se tornar uma cientista logo que ingressou na Instituição, em 2019. Curiosa e movida pela

paixão às descobertas, passou a frequentar regularmente o Laboratório de Pesquisa em Recursos Naturais do *Campus*. “Sempre gostei de descobrir coisas novas, e isso foi evoluindo até se transformar no desejo de um dia ser uma cientista. Três anos atrás, parecia tudo muito distante. No entanto, tudo começou a mudar a partir do momento em que minha irmã, Raíssa Vanessa, que é estudante de Química, começou a compartilhar comigo as suas experiências com pesquisa e inovação na Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Como consequência, a cada novidade contada, fui percebendo que o meu sonho poderia se tornar realidade, e que a ciência não estava restrita a estrangeiros de barba”, contou Hanna.

Somando-se à empolgação com aquilo que ouvia da irmã, o interesse pela ciência tomou conta da adolescente quando chegou ao Instituto Federal do Rio Grande do Norte. “O ponto de partida para mim, no *Campus* Natal-Zona Norte do Instituto, foi o seminário de iniciação à pesquisa (realizado anualmente pela Coordenação de Pesquisa e Inovação). Fiquei feliz ao descobrir que a iniciação científica estava ao meu alcance no próprio IFRN e, a partir daquele momento, busquei me dedicar ao máximo a participar de estudos, pesquisas e a desenvolver projetos”, explicou.

Em 2019, outros dois colegas de turma, também apaixonados por descobertas, se juntaram a Hanna nos estudos:

Geovani Porto e Yasmin Kaline. “A gente tinha muita afinidade, pois cada um se interessava muito por pesquisa”, revelou Geovani. O local onde se encontravam com frequência, o laboratório, serviu de inspiração para refletirem sobre uma questão educacional importante não só no âmbito acadêmico, mas também social.

“Entre idas e vindas ao laboratório do *Campus* Zona Norte e o da UFRN, onde utilizávamos alguns equipamentos para análises químicas que não havia na escola, começamos a nos perguntar: ‘se nós, que estudamos em uma Instituição Federal, com excelente estrutura, nem sempre temos tudo de que precisamos para as nossas pesquisas, como deve ser a realidade dos alunos das escolas públicas estaduais e municipais, que carecem de mais investimentos em educação?’”, questionou Geovani. O problema identificado se intensificou durante a pandemia de Covid-19, quando os estudantes foram impedidos de frequentar presencialmente os laboratórios de pesquisa.

De acordo com ele, a maioria dos diversos aparelhos criados para análises químicas e físicas é difícil de interpretar, manusear e locomover, tem preço elevado e é inacessível ao público não universitário. Outro problema enfrentado nos laboratórios de Química, na opinião do estudante, envolve a utilização de grandes volumes de amostras e reagentes que, “sem o descarte correto ou reaproveitamento dos resíduos, podem ser prejudiciais ao meio ambiente”.

A problemática serviu de base para a equipe ter uma ideia e desenvolvê-la, o que aconteceu em meio ao contexto da Covid-19 e do isolamento social necessário. Foi a partir dessa situação e das inquietações dos pesquisadores que surgiu o SmartLab, projeto que usa o smartphone, popular principalmente entre os jovens, para realizar análises físico-químicas de maneira acessível a estudantes de escolas que não dispõem de laboratórios e equipamentos de Química. Nesse sentido, os autores aplicam conhecimentos em Matemática e Programação para obter dados químicos a partir de imagens.

Para Kaline, o trabalho do grupo pode contribuir com a criação de um método para uso de estudantes da IFRN em suas pesquisas científicas, como alternativa aos aparelhos de alto custo. “O tema do nosso projeto é interdisciplinar e pode ser incorporado como método de ensino pelos professores do Instituto, inclusive durante o ensino remoto, permitindo realizar atividades práticas nas casas dos estudantes com materiais acessíveis, facilitando o nosso aprendizado e estimulando o interesse pelas disciplinas”, apontou.

Em outras palavras, o SmartLab se propõe tanto a reduzir custos das análises químicas quanto a possibilitar a diminuição do uso de reagentes que podem poluir o meio ambiente. O aplicativo, que está sendo desenvolvido, potencializaria a aplicação desse método, tornando-o viável, visto que os experimentos seriam realizados por meio de infraestrutura simples, sem ambientes laboratoriais sofisticados.

Durante o período de execução do projeto, foram realizados experimentos com imagens digitais, como fonte de dados. Um deles envolveu adição de água em um suco de uva e a captura de imagens dessas misturas, a fim de prever o volume de água no suco. O grupo utilizou também metodologia similar para determinar valores de pH – referência para determinar o nível de acidez de uma solução aquosa – usando pigmentos vegetais extraídos de repolho roxo como indicador.

O trabalho desenvolvido conta com a orientação dos professores Alba Lopes (IFRN), Daniel Dantas e Pollyana Castro (UFRN), além da graduanda Raíssa Vanessa Oliveira (UFRN).

PRÊMIOS

Desde 2020, os estudantes ganharam vários prêmios. Nas duas últimas edições da Feira Brasileira de Jovens Cientistas, realizadas em 2020 e 2021, na forma on-line devido à pandemia, o trio conquistou o Prêmio Estudante Destaque, o Prêmio Inovação Tecnológica “Creality Brasil” e duas vezes o segundo lugar da área Ciências Exatas e da Terra. Na mesma categoria, no ano passado, o SmartLab foi escolhido o terceiro melhor projeto em outros dois eventos: a Mostra Científica e Tecnológica dos Jovens Pesquisadores do Estado do Pará (Mocitec Jovem), promovida pelo *Campus* Abaetetuba do Instituto Federal do Pará (IFPA), e a Feira de Ciência e Tecnologia (Fecitec Palotina), organizada pela Universidade Federal do Paraná (UFPR).

Em março de 2022, o projeto SmartLab conquistou quatro prêmios na 20ª edição da Feira Brasileira de Ciência e Engenharia (Febrace), promovida pela Escola Politécnica da Universidade de São Paulo (USP); são eles: Prêmio Destaques Unidades da Federação, que garantiu o certificado digital de Menção Honrosa; 2º Lugar na Categoria Ciências Exatas e da Terra; Prêmio da National Youth Science Foundation, que garante credenciais para o evento que dá nome à premiação que acontece de 26 de junho a 20 de julho deste ano.

O grupo ainda conquistou o 1º lugar no Prêmio Manual do Mundo. Hanna comenta que no momento em que a equipe do Manual do Mundo, canal do YouTube com mais de 16 milhões de inscritos, apresentava o prêmio, o grupo de estudantes e seus orientadores estavam conversando sobre como seria conquistá-lo, e “enquanto falávamos, nosso nome surgiu na tela, e ficamos extremamente felizes”.



PASSOS DE UMA JORNADA DOUTORAL E INTERNACIONAL

Ex-aluno e professor do IFRN, Kleiton Cassemiro, durante a pandemia de Covid-19, viveu o sonho da pós-graduação no exterior

Luciano Vagno, estagiário de Jornalismo da Reitoria, e
Clara Bezerra, assessora de Comunicação Social e Eventos do IFRN



Quando iniciou seus estudos no Curso Técnico Integrado em Construção Civil da Escola Técnica Federal do Rio Grande do Norte (ETFRN), Kleiton Cassemiro do Nascimento não imaginava aonde aquele primeiro passo iria levá-lo: à França. Kleiton iniciou o curso em 1996 e finalizou em 1999. Em seguida, fez graduação e mestrado no curso de Engenharia Civil na UFRN. Em 2014, retorna ao Instituto Federal do Rio Grande do Norte, antes ETFRN, agora como professor de Topografia do *Campus* Natal-Central.

O contato direto com a docência fez nascer em Kleiton um novo interesse, além da Engenharia: os processos educativos e emancipatórios necessários à educação de trabalhadoras e trabalhadores. Era o início de uma história longa: Kleiton foi selecionado para bolsa no Programa de Doutorado Sanduíche no Exterior (PDSE), da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Ca-

pes). Com a bolsa, passou quatro meses em solos franceses, dando continuidade à sua pesquisa na Educação Profissional sobre Cursos Superiores de Tecnologia.

Ainda em 2011, quando cursou a Licenciatura em Letras – Francês, o interesse pela área da educação passou a atrair a atenção do pesquisador. Passado o tempo, ingressou no Programa de Pós-Graduação em Educação Profissional (PPGEP) do IFRN, em 2020. O foco era a investigação dos Cursos Superiores de Tecnologia, sua área de atuação no Instituto.

Foi a partir do PPGEP que viu se tornar realidade um sonho nascido ainda durante a sua graduação: o de realizar uma pós-graduação no exterior, ampliando seus conhecimentos e o contato com outra cultura e grupos de pesquisa. O Programa possui parcerias com instituições estrangeiras, incluindo francesas, o que animou mais ainda o professor. “Imaginei que talvez tivesse essa possibilidade dentro do Programa”, contou Kleiton, que já havia feito teste de proficiência de francês, como também realizado curso em uma escola de idiomas.

Em julho de 2021, ele viu o seu nome no site da Capes: primeiro selecionado dos programas de pós-graduação do IFRN para uma bolsa no Programa de Doutorado Sanduíche no Exterior. Viriam, então os quatro meses na Universidade de Paris 8 Vincennes-Saint-Denis, que fica localizada na cidade de Saint Denis. Ou não viriam?

PERCALÇOS

Em razão da pandemia da Covid-19, Kleiton enfrentou um grande desafio no processo de consolidar a bolsa: em abril de 2021, a Embaixada da França no Brasil suspendeu a emissão de vistos para estudantes e pesquisadores brasileiros. Como reação, foi criado o movimento #étudie-restimperieux (estudar é imperioso) nas redes sociais, para chamar atenção do governo francês. Além disso, um grupo de estudantes, incluindo Kleiton, como forma de sensibilizar a Embaixada Francesa, enviou uma carta ao presidente daquele país, pedindo o retorno da emissão de vistos e a permissão para a entrada no país. O caso também foi levado pelo reitor do IFRN, professor José Arnóbio, para o Conselho Nacional das Instituições da Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica (Conif), em busca de unir forças para a sensibilização e abertura dos portões da França ao estudante e pesquisador potiguar.

Deu certo. Após alguns meses, o governo de Emmanuel Macron e a Embaixada Francesa no Brasil retiraram algumas restrições, permitindo a entrada de estrangeiros no país. Assim, Kleiton deu início à burocracia da viagem: embora adiado duas vezes, no dia 4 de outubro de 2021, Kleiton alçou voo rumo ao seu doutorado sanduiche.

UNIVERSITÉ PARIS 8 – SAINT-DENIS

O choque com a nova experiência começou assim que a aeronave pousou. A temperatura próxima aos 10°C do outo-

no francês abraçou o brasileiro. Além do frio, e embora fluente em francês, o estudante afirmou que entender e fazer-se entender em uma capital recheada de emigrantes foi uma tarefa árdua. Outra adaptação exigida foi referente à alimentação, seja por conta do novo tempero que lhe era apresentado ou pela dificuldade em encontrar ingredientes familiares.

Apesar das dificuldades, Kleiton pôs em prática sua missão na França: fazer pesquisa. Ainda no mês de outubro, o estudante encontrou sua orientadora, que o apresentou ao laboratório da Université Paris 8 – Saint-Denis. Reuniões, estudos e entrevistas, como as realizadas em liceus profissionais e centros de formação de aprendizes, com o objetivo de conhecer sobre a educação profissional de nível médio e superior naquele país, passaram a fazer parte da rotina do doutorando.

Quatro meses depois, no dia 15 de fevereiro de 2022, o primeiro estudante do IFRN a ser aprovado no programa de doutorado sanduíche no exterior retornou ao Brasil. Questionado sobre o significado da viagem, Kleiton afirma que a experiência deu-lhe uma ampliação de visão. “Toda viagem proporciona uma certa transformação no olhar de quem viaja, principalmente, para um ambiente novo; você passa a conhecer uma realidade diferente da sua”, comentou.

O SALTO PARA UM OUTRO FUTURO

O reitor do IFRN, professor José Arnóbio, classifica a conquista de Kleiton como “emblemática”. Arnóbio relem-

bra a época em que foi professor do agora doutorando, ainda na época de transição da ETFRN para o Centro Federal de Educação Tecnológica do RN (Cefet): “sou professor de Educação Física e Kleiton era da equipe de atletismo. Ele fazia o salto em altura. Fazendo uma analogia, é como se ele começasse com um salto de 1,50m e hoje batesse o recorde mundial, 2,45 m. Ele começou no Ensino Médio Integrado, depois foi fazer sua graduação na UFRN. Em seguida, fez seu mestrado e voltou ao IFRN, como professor. Hoje, faz aqui também o seu doutorado. Isso mostra a força desta Instituição, do processo de verticalização da educação e o quanto o investimento nos Institutos Federais, coisas que modificam a vida das pessoas. É importante para que a gente possa pensar em um país forte, com a educação sendo instrumento de transformação social”, declarou.

A coordenadora do PPGEP, professora Ana Lúcia Sarmiento Henrique, comemorou a aprovação do pesquisador. Ela destaca que a bolsa de doutorado-sanduiche é importante tanto para Kleiton quanto para o Programa e o IFRN. “Para o Instituto, representa a materialização da internacionalização das ações. A participação de um dos nossos estudantes em um evento fora do país dá visibilidade à Instituição. Para o PPGEP, essa internacionalização, esse intercâmbio entre os dois países, é um fator primordial. É uma ampliação da rede internacional de pesquisa. Para Kleiton, foi uma vivência de quatro meses com outra cultura, com um outro espaço de pesquisa, o que agrega muito,

tanto na sua vida acadêmica, como pesquisador, quanto na vida pessoal”.

Para a coordenadora de pós-graduação *stricto sensu* da Pró-Reitoria de Pesquisa e Inovação (Propi), professora Francinaide de Lima, a concessão da bolsa para doutorado no exterior a Kleiton é “o símbolo do empenho de um grupo de servidores do Instituto. Gente que trabalha incansavelmente dia a dia para fazer da Instituição reconhecida também pela pesquisa *stricto sensu*. É mais uma etapa na sucessão de tantas outras, como o alcance de um bom conceito pelo Programa, os fomentos e as bolsas de mestrado e doutorado”. Francinaide destacou ainda que “a qualidade da formação que temos imprimido também é expressa no perfil de ingressantes, tais como Kleiton, que chegou ao PPGEP com excelente experiência profissional e cultural. É, sem dúvida, um marco para o IFRN, a partir de sua Pós-Graduação em Educação Profissional. Certamente essa oportunidade coaduna-se ao nosso plano estratégico de internacionalização dos grupos de investigação e das pesquisas por meio da pós-graduação”.

Os pró-reitores de Ensino e de Pesquisa e Inovação do Instituto Federal também celebraram a homologação do projeto de pesquisa de Kleiton: “O Programa de Pós-graduação em Educação Profissional é recente. Ele começou suas atividades em 2013 e começou o doutorado em 2019. Estávamos praticamente no segundo ano do doutorado, e

no primeiro edital submetido ao Programa de Doutorado Sanduíche no Exterior a proposta já foi aprovada. Isso significa que o Programa está caminhando na direção correta”, comentou o professor Dante Henrique Moura, que está à frente da Pró-Reitoria de Ensino (Proen); para o professor Avelino de Lima Neto, pró-reitor de Pesquisa e Inovação, embora a pós-graduação *stricto sensu* no IFRN seja recente, “ela demonstra uma potência significativa, mesmo diante dos desafios atualmente enfrentados. Nas instituições de Educação Profissional e Tecnológica, a verticalização até o doutorado permite um sólido processo formativo imbuído da formação humana integral, que baliza pedagogicamente todas as ofertas institucionais.”

Também Kleiton falou sobre as perspectivas de futuro: “essa bolsa é só o primeiro passo. A ideia é estender a colaboração, não apenas para a França, mas também para outros países que tenham estudos voltados para a educação profissional”.

A tese de Kleiton Casemiro deverá ser defendida até 2023. Ele espera publicar o maior número de trabalhos que puder, divulgando ao máximo suas pesquisas no campo da Educação Profissional. Por fim, o estudante expressa seu desejo de que, assim como ele, mais pessoas possam ter a oportunidade de realizar um intercâmbio através de instituições públicas de ensino: “espero que várias pessoas tenham a oportunidade de viver isso, porque é uma ex-

periência bastante enriquecedora e transformadora. Além dos laços que a gente cria e das trocas de informações com pessoas de várias partes do mundo”.

DOUTORADO SANDUÍCHE

O doutorado sanduíche no exterior é uma modalidade de intercâmbio na qual estudantes podem desenvolver parte do seu trabalho de elaboração de tese em uma instituição de outro país, que tenha relevância internacional na área da pesquisa. Possui o termo “sanduíche” pelo fato de ser realizado no meio do doutorado. Como Kleiton explica, o objetivo principal é, “além da colaboração interinstitucional, propiciar a internacionalização dos programas de pós-graduação, das pesquisas que são feitas no Brasil, principalmente em áreas não muito estudadas, como é o caso da Educação Profissional e Tecnológica de nível superior”.



NO MEIO DO CAMINHO TINHA UMA PANDEMIA

Ninguém esperava, mas ela atravessou as vidas profissionais e acadêmicas do IFRN, impondo uma travessia

Clara Bezerra, assessora de Comunicação Social e Eventos do IFRN

Cleyton Fernandes, coordenador do Núcleo de Jornalismo do IFRN



“Quando tudo isso começou, pensamos que a suspensão das atividades presenciais duraria dois ou três meses, no máximo. Já passou um ano e não há perspectiva para o retorno presencial seguro”. O desabafo é da servidora Elizangela Garcia, técnica em audiovisual da Reitoria do IFRN, mas poderia ser de qualquer estudante, docente ou técnico-administrativo do Instituto Federal do Rio Grande do Norte (IFRN). Foi no dia 17 de março de 2021, ao completar um ano do início do distanciamento social na Instituição, que a servidora teceu o comentário, como uma forma de aliviar a tensão e a incerteza que recorria aquele período.

A pandemia de Covid-19 foi um daqueles acontecimentos traumáticos que impactam as vidas de todas e de todos. Como qualquer trauma, modifica as vidas, impõe angústias e a necessidade de buscar novas respostas para o que não parece ter sentido: exige uma travessia! Ao completar um

ano do início do distanciamento social, estabelecido através de decisão do Colégio de Dirigentes do Instituto para suspender as atividades acadêmicas e administrativas presenciais nas 22 unidades de ensino e administrativas, a Instituição fez uma pausa a fim de falar sobre aquele momento. Era necessário avaliar o que vinha sendo realizado para não paralisar as suas ações diante da imposição pandêmica. Mais que isso, avaliar aquele primeiro ano de pandemia também era necessário para seguir com o propósito da mudança social a partir da educação pública, gratuita e de qualidade ofertada pelo IFRN. Nesta reportagem, há o relato do que foi elaborado naquele momento em que se completava um ano de distanciamento social e ainda não havia perspectiva de encerramento da pandemia.

ENFRENTAMENTO

Durante o primeiro ano, momento mais crítico da pandemia de Covid-19, as servidoras e os servidores do IFRN realizaram os seus trabalhos no formato remoto emergencial. Diante dessa nova realidade, elas e eles elaboraram os planos de contingência ao novo coronavírus, realizaram mais de 23 mil atendimentos de assistência estudantil, reformularam as orientações didáticas para o novo formato de aulas (on-line), produziram insumos de proteção à saúde para distribuição em instituições públicas da região, realizaram 464 agendamentos de atendimentos pelo Plantão Psicológico a estudantes e servidores, além

de reinventar as formas de manter em funcionamento 508 projetos de Pesquisa e Inovação e 219 de Extensão.

Um dos atores institucionais mais importantes nesse período foi o Comitê de Enfrentamento à Covid-19 no IFRN. Além de produzir orientações, o Comitê trabalhou na formulação de protocolos de biossegurança como o Plano de Contingência do Instituto, tendo ainda coordenado ações junto aos Comitês locais nos *campi* e capitaneado atividades como os plantões psicológicos a estudantes e servidores, que somaram, em seu primeiro ano, 464 atendimentos. Presidindo o Comitê na sua primeira formação, o odontólogo Thiago Antônio Raulino, lotado no *Campus* Natal-Cidade Alta do Instituto, fez uma avaliação sobre as atividades do grupo que liderou:

“Em março do ano passado, nós não fazíamos ideia do que estava por vir. Nosso trabalho ao longo do tempo foi se modificando. Inicialmente buscávamos conscientizar a nossa comunidade acerca do que era a doença, a cada nova descoberta que era feita sobre o vírus, depois buscamos construir uma rede dentro da Instituição, com a instalação dos comitês locais, para que pudéssemos adotar medidas – internamente – e preparar a nós e as nossas instalações para a nova realidade que estamos vivenciando no mundo, mesmo depois de um ano de pandemia. Foi um período de muito trabalho, que não respeitou noites, madrugadas, finais de semana, mas que, sem dúvida, foi melhor de ser vivenciado

por estarmos num grupo comprometido com o bem-estar e a saúde da nossa comunidade. O Comitê segue alerta, acompanhando os cenários, buscando conhecimento, acreditando na ciência, discutindo soluções e prezando pela saúde de todos aqueles que compõem a comunidade do IFRN”, disse Thiago Raulino.

ASSISTÊNCIA ESTUDANTIL

Uma das maiores fontes de reconhecimento da função social desempenhada pelo IFRN em seus mais de 100 anos como instituição de ensino, a Assistência Estudantil redobrou seu trabalho nesse período, com mais de 23 mil atendimentos só no primeiro ano da pandemia, seja na manutenção de programas – como o Apoio à Formação Estudantil (Pafe) –, nas bolsas de formação profissional ou na concessão de auxílios para aquisição de serviços de internet, de dispositivos eletrônicos e de material didático-pedagógico a estudantes em vulnerabilidade social. Para viabilizar a permanência desse grupo de estudantes em aula, os *campi* distribuíram ainda mais de 20 mil cestas básicas durante o primeiro ano da pandemia. Valéria Regina Oliveira – diretora de Gestão de Atividades Estudantis (Digae) – destaca o que foi feito nessa área durante os últimos doze meses: “Em 2020, em função da necessidade de se enfrentar o desafio da pandemia de Covid-19, a Digae necessitou reorganizar a implementação das ações e programas da Assistência Estudantil, uma vez que

a urgência passou a ser incluir o máximo possível de estudantes no Ensino Remoto Emergencial; com esse foco, passamos a operacionalizar os auxílios e ações emergenciais de Assistência Estudantil. Contudo, além deste novo desafio, programas como: alimentação escolar, bolsa de formação profissional, auxílio eventual e moradia continuaram ocorrendo. É preciso reforçar que milhares de estudantes dos nossos *campi* não deixaram de estar em condições de vulnerabilidade socioeconômica. Ao contrário: os estudos nacionais têm apontado que a pandemia só acirrou a desigualdade social, o que reflete diretamente nas condições de vida e de sobrevivência de nosso corpo discente diante das suas possibilidades de acesso à educação, saúde e demais direitos sociais”, disse Valéria.

ESFORÇOS PARA A PERMANÊNCIA E O ÊXITO DE ESTUDANTES

De acordo com o pró-reitor de Ensino do Instituto, professor Dante Moura, todas as ações da Instituição se articulam tendo como prioridade três coisas: a segurança da comunidade acadêmica, a permanência dos estudantes em aula e a manutenção da qualidade do ensino, respeitando os preceitos do Projeto Político Pedagógico (PPP) do Instituto. Para isso, a Pró-Reitoria de Ensino passou a se reunir mais de uma vez por mês com os gestores da área dos *campi*, que formam o Comitê de Ensino (Coen). Nessas reuniões, eram avaliadas as informações trazidas pelo Comitê Covid-19 e pelas comissões temáticas formadas

para debater a situação. Uma das mais importantes foi a que planejou o retorno híbrido e presencial das aulas. “O agravamento da pandemia nos mostra um cenário cheio de incertezas, mas estamos trabalhando para ter caminhos a percorrer de forma a garantir a segurança de toda comunidade. O nosso Norte é a manutenção da excelência do ensino prestado pelo IFRN, articulando a Pesquisa e a Inovação e a Extensão”, declarou.

Norteados por esse rumo, todas as áreas da Instituição caminharam juntas. Foi com base no trabalho dessas comissões que as Pró-Reitorias de Administração e de Planejamento e Desenvolvimento Institucional passaram a reavaliar constantemente os planejamentos realizados, com busca a garantir as condições necessárias para que estudantes do IFRN continuassem tendo o melhor atendimento possível.

“Acompanhamos as avaliações dos comitês e comissões e encaminhamos o debate do uso dos recursos com o Colégio de Dirigentes. O foco é a Assistência Estudantil, com o objetivo de manter estudantes em vulnerabilidade social em aula, com os auxílios necessários. Nos últimos anos, tivemos perdas orçamentárias significativas, mas nossa prioridade é a vida. Quando for possível voltar ao presencial, a Pró-Reitoria de Administração e os gestores dos *campi* vão garantir os insumos e a estrutura necessária à biossegurança”, explicou à época a pró-reitora de Planejamento e Desenvolvimento Institucional, Antônia Silva.

Segundo André Gustavo, diretor de Gestão da Tecnologia da Informação do IFRN, na área de TI foram articuladas ações para viabilizar um melhor uso dos meios digitais, essenciais nesse primeiro ano de pandemia: “ainda no começo, logo após suspensão das atividades acadêmicas e administrativas presenciais, coordenamos palestras com a Microsoft, para capacitação de docentes e professores e técnicos-administrativos junto à Plataforma Teams, que passou a ser o meio ‘oficial’ de comunicação institucional, para reuniões de setor, reuniões sistêmicas e dos colegiados do IFRN, por exemplo. Num segundo momento, o professor Airton de Souza Jr., do *Campus* Parnamirim, deu um curso de capacitação sobre Formação em Ensino Híbrido, que abrangeu todos os *campi* e buscou apoiar o processo de retomada do ensino, em sua forma remota. Outra coisa relevante realizada nesse período foi a instituição do processo de matrícula on-line, dentro do contexto da transformação digital. A matrícula on-line está funcionando e garantindo a segurança sanitária para a comunidade – servidores e estudantes – que ingressam no Instituto”, apontou André.

O professor José Arnóbio, reitor do IFRN, também falou sobre o cenário de pandemia e suas implicações para a Instituição: “a preservação da vida tem que estar em primeiro lugar. Estamos diante de um agravamento do cenário, com o número de casos de Covid-19 crescendo de forma exponencial no estado e no país como um todo. Isso reforça a certeza de que ainda é tempo de nos mantermos

distantes fisicamente, como medida para minimizar esse agravamento. Por outro lado, quero parabenizar docentes e servidores técnicos-administrativos, que tiveram que se reinventar nessa pandemia, construindo um outro olhar e fazer acadêmico nas atividades de Ensino, de Pesquisa e de Extensão. Quero dizer aos alunos que estão ansiosos pela retomada das atividades presenciais: a gente precisa ter um pouco mais de paciência! Paciência para que a gente possa suplantar todas as dificuldades e, num futuro bem próximo, possamos acolher novamente cada um de vocês, junto às servidoras e os servidores do IFRN, nos nossos *campi*”, declarou. Foi com esses valores que as servidoras e os servidores de todos os *campi* e da Reitoria se uniram para dar prosseguimento ao trabalho dedicado à Instituição e atravessar essa fase.

SOLIDARIEDADE

Os *campi* Caicó, Ipangaçu, Nova Cruz, Pau dos Ferros, Parnamirim, Santa Cruz e São Gonçalo do Amarante desenvolveram projetos para a produção de Equipamentos de Proteção Individual (EPI) e de insumos sanitários, que foram doados a hospitais e outras instituições públicas como a Polícia Militar e o Serviço de Atendimento Móvel de Urgência (Samu). Juntos, produziram e doaram 10420 itens de EPIs. Já os *campi* Apodi, Nova Cruz, Mossoró e Pau dos Ferros produziram e doaram 32.677 litros de saneantes (sabão líquido, detergente e álcool 70°).

No *Campus* Caicó, os laboratórios dos cursos de Vestuário (técnico) e Design de Moda (superior) passaram a produzir capotes (2.575), lençóis (40), máscaras (677) e protetores de rosto (100). Esse material foi doado para instituições como o Hospital Regional Telecila Freitas Fontes, na própria cidade, e para o Hospital Maternidade Terezinha Lula de Queiroz, em Jucurutu, entre outros.

Em razão da suspensão das atividades presenciais da Instituição, os *campi* realizaram a distribuição de insumos de saúde e de alimentos perecíveis, com o acompanhamento do Comitê Covid-19 IFRN.

VULNERABILIDADE SOCIAL

Segundo dados disponíveis no Farol de Desempenho do IFRN, o percentual estimado de discentes em situação de vulnerabilidade socioeconômica – com renda familiar per capita até um salário mínimo – em 2021 era de 82,94%. Para não deixar de dar suporte e atenção a esses milhares de jovens e suas famílias, a Instituição realizou atividades coordenadas no intuito de manter ações ligadas à Gestão de Atividades Estudantis, como o remanejamento do orçamento para a aquisição de alimentos para as refeições realizadas nos *campi*, o que possibilitou a doação de 27.860 cestas básicas a estudantes em vulnerabilidade social só no primeiro ano da pandemia.

Após implantada a modalidade de ensino remoto, foram necessários recursos para permitir que esse mesmo público vulnerável pudesse adquirir equipamentos

eletrônicos, como notebooks, e serviços de internet para acessar os conteúdos das aulas. Todos os *campi* lançaram edital com essa finalidade, concedendo um total 8.095 auxílios digitais no primeiro ano, ação que teve continuidade com o prosseguimento da pandemia.

INFRAESTRUTURA

As gestões dos *campi* que possuíam planejamento para a realização de obras e reformas mantiveram os seus cronogramas, sempre com atenção aos protocolos e limitações sanitárias vigentes. Foram realizadas obras de acessibilidade, com adequações, acessos, passarelas, rampas e escadas, obras de recuperação ou substituição de estruturas e obras de reforma e construção de salas e laboratórios. Os *campi* que realizaram obras ou licitação para novas obras nesse período foram: Canguaretama, Ceará-Mirim, Currais Novos, João Câmara, Lajes, Macau, Mossoró, Natal-Central, Natal-Cidade Alta, Natal-Zona Norte, Parelhas, Pau dos Ferros, Parnamirim, São Gonçalo do Amarante, Santa Cruz e São Paulo do Potengi, com destaque, por exemplo, à ampliação do Centro de Tecnologia em Energia Eólica, no *Campus* João Câmara, e à construção de um novo anexo com salas de aula e laboratórios no *Campus* Natal - Cidade Alta.

ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO

O tripé educacional do IFRN – o Ensino, a Pesquisa e a Extensão – tomam a frente quanto à realização de ações que buscam efetivamente a mudança social, tecnológica e

cultural do Rio Grande do Norte. No primeiro ano da pandemia de Covid-19, realizaram juntos 425 eventos no formato on-line, como conferências, simpósios, mesas-redondas e encontros temáticos. Os destaques foram o I Simpósio On-line de Educação, realizado pelo *Campus* Ipangaçu, com público de 33 mil pessoas; a solenidade de posse do reitor do IFRN; a apresentação da equipe gestora sistêmica e dos diretores-gerais dos *campi*, com público de 3.700 pessoas, e a Mostra de Cursos do IFRN, com público de 6.695 pessoas, os dois últimos realizados pela Assessoria de Comunicação Social e Eventos da Reitoria (Asce).

Houve também a participação exitosa de estudantes em feiras e olimpíadas do conhecimento, como a Olimpíada Nacional de Ciências (ONC) e a Feira Brasileira de Ciência e Engenharia (Febrace). Já as ações sob coordenação da Pró-Reitoria de Pesquisa e Inovação (Propi) oportunizaram, de 2020 a 2021, a concretização de cerca de 500 projetos de pesquisa e o depósito de 13 softwares e quatro patentes, além do estabelecimento de três transferências de tecnologia com empresas. Informações da Diretoria de Inovação Tecnológica do Instituto apontam 34 empresas vinculadas às Incubadoras Tecnológicas dos *campi* Natal-Central (11), Mossoró (4), Currais Novos (6), Pau dos Ferros (3), Zona-Norte (1), Natal Cidade Alta (3) e São Gonçalo do Amarante (6).

Pela Pró-Reitoria de Extensão (Proex), houve a efetivação de acordos com Instituições de ensino estrangeiras,

através da Assessoria de Relações Internacionais, como o Instituto Politécnico da Guarda, Universidade de Coimbra, Universidade de Lisboa, Universidade do Minho (Portugal), Universidade de Montpellier (França) e AFS, empresa internacional de intercâmbio de estudantes, Universidade de Almería (Espanha), Universidade de Borås (Suécia), a Universidade de Buenos Aires (Argentina) e a Universidade Pedagógica Nacional (Colômbia).

A Proex, na intenção de dar continuidade ao Programa Nacional Mulheres Mil, manteve em 2020, quatro projetos em quatro *campi*: Trabalho, Mulheres, Artes e Sustentabilidade (Tramas), do *Campus* Santa Cruz; Artesã em bordado à mão, do *Campus* Natal-Zona Norte; Cuidadora de Idoso 2020, do *Campus* Natal-Central, e Bordado à Mão Livre, do *Campus* Cidade Alta.

Caicó, Canguaretama, Ceará Mirim, Ipanguaçu, João Câmara, Lajes, Macau, Natal-Central, Natal-Zona Norte e São Paulo do Potengi. Esses doze *campi* estiveram envolvidos em ações que, sob coordenação da Proex, integraram atividades da Incubadora Tecnológica para o Fortalecimento dos Empreendimentos Econômicos Solidários do IFRN – a IFSol. Em 2020 houve Diagnóstico, Capacitação, Formação, Acompanhamento e Oficinas, entre outros.

RECURSOS EXTERNOS

Além disso, muitos projetos foram aprovados e começaram a ser executados. Um destaque foi o IF-Maker.

Através de Edital da Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica do Ministério da Educação (Setec/MEC), três *campi* do IFRN tiveram projetos aprovados – Canguaretama, Ipanguaçu e Natal-Central. Cada projeto implementa ações para diferentes atividades e setores, considerando os pilares Ensino, Pesquisa e Extensão, como Cursos de Formação Inicial e Continuada (FIC), fabricação de peças para laboratórios, desenvolvimento de pesquisas, produção de materiais didáticos, entre outras. Através desses laboratórios, denominados “Lab IF Maker”, estudantes poderão contar, por exemplo, com equipamentos como impressoras 3D e kits de robótica.

Em outras ações com captação de recursos externos, os *campi* Caicó, Ipanguaçu, Natal-Central, Parnamirim e São Gonçalo do Amarante iniciaram a execução de projetos voltados à resolução direta de problemas sociais. Junto a órgãos como o Ministério da Economia, Ministério da Educação, Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento e o Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (Incra), os recursos capitaneados para isso foram de R\$ 7.224.683,15.

Todas essas ações são uma parte dos esforços da Instituição para dar continuidade ao trabalho de Ensino, Pesquisa e Extensão e atender a estudantes em todo o Rio Grande do Norte, promovendo oportunidades para a mudança de vida de cada um deles e, como consequência,

da sociedade. O primeiro ano da pandemia de Covid-19 demonstrou a capacidade de resistência e de transformação de toda a comunidade acadêmica, como também a necessidade da Instituição enquanto agente público, essencial para o funcionamento do estado. Essa necessidade foi vista através do acompanhamento social em relação ao trabalho das servidoras e dos servidores e da cobrança pela manutenção e pela excelência dos cursos e projetos ofertados.

No dia de fechamento desta reportagem, 10 de fevereiro de 2022, a pandemia de Covid-19 continua ditando as regras de funcionamento da Instituição e de todas as brasileiras e brasileiros. O país alcançou um número de 635 mil mortes em razão da pandemia. Após o início do retorno gradual às aulas presenciais (em novembro de 2021), no final de janeiro – quando o IFRN se preparava para retomar os 100% de presencialidade nas aulas e atividades administrativas – um novo surto de casos obrigou a Instituição a recuar um pouco do seu planejamento e voltar temporariamente às atividades remotas emergenciais.

“Ainda assim o trabalho segue firme. Nosso Comitê Covid-19 realiza toda semana a avaliação do cenário epidemiológico, com o apoio dos entes públicos de saúde do estado. O Colégio de Dirigentes (Codir) segue alerta, reunindo-se todas as semanas para emitir as recomendações necessárias e todas as servidoras e servidores seguem atuando, dia a dia, para o fortalecimento da Instituição, para a

oferta da melhor educação possível. Vamos atravessar esta fase. O IFRN continuará fazendo a diferença na vida das pessoas que se vinculam a ele como estudantes ou servidores e seguiremos acreditando e atuando com base na educação pela autonomia, como defende o patrono da educação brasileira Paulo Freire”, declarou o reitor do IFRN durante a pandemia de Covid-19, professor José Arnóbio.



Tipografia Utilizada:

Goudy Old Style

Papel de capa:

Cartão supremo 300

Papel do miolo:

Polen Soft 90g

Impresso na gráfica e editora Caule de Papiro

Todos os direitos são reservados à Editora IFRN,
não podendo ser comercializado em período de
contrato de cessão de direitos autorais.

O que dá vida à instituição são as pessoas, que, mesmo em razão das condições adversas que passaram durante os cerca de dois anos em que o IFRN teve suas atividades presenciais reduzidas, nunca deixaram de viver o Instituto, suas rotinas de trabalho e de estudo. Na medida em que as condições sanitárias permitiram, as atividades continuaram, especialmente à distância. Mesmo que as câmeras dos computadores ou celulares tenham brevemente mediado os rostos das pessoas, o componente afetivo do Instituto Federal nunca deixou de existir, já que é um aspecto fundamental dessa Casa de Educação.

ISBN: 978-65-86293-93-7

